

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO

PAULO RENATO RIBEIRO DE OLIVEIRA

OS ARTISTAS E A ARTE DAS RUAS: CONSTRUÇÃO DE POSSIBILIDADES
EDUCACIONAIS INCLUSIVAS

MOSSORÓ - RN

Outubro/2024

PAULO RENATO RIBEIRO DE OLIVEIRA

**OS ARTISTAS E A ARTE DAS RUAS: CONSTRUÇÃO DE POSSIBILIDADES
EDUCACIONAIS INCLUSIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

MOSSORÓ - RN

Outubro/2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

O48a Oliveira, Paulo Renato Ribeiro de
 OS ARTISTAS E A ARTE DAS RUAS: CONSTRUÇÃO DE
 POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS INCLUSIVAS. / Paulo
 Renato Ribeiro de Oliveira. - Mossoró/RN, 2024.
 164p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Artistas e a Arte das Ruas. 2. Possibilidades
Educação. 3. (Auto)Formação. 4. Inclusão. I. Aguiar,
Ana Lúcia Oliveira. II. Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte. III. Título.

PAULO RENATO RIBEIRO DE OLIVEIRA

**OS ARTISTAS E A ARTE DAS RUAS: CONSTRUÇÃO DE POSSIBILIDADES
EDUCACIONAIS INCLUSIVAS**

DATA DE APROVAÇÃO: 30/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar
Orientadora - UERN/FE/POSEDUC

Profa. Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim
Examinadora titular interna - UERN/FE/POSEDUC

Profa. Dra. Patrícia Cristina Aragão
Examinadora titular externa - UEPB

Profa. Dra. Francisca Maria Gomes Cabral Soares
Examinadora suplente interna - UERN/FE/POSEDUC

Profa. Dra. Lia Matos Brito Albuquerque
Examinadora suplente externa - CED/UECE

Todo conhecimento começa com o sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra. Como Mestre só posso então lhe dizer uma coisa: “Conte-me os seus sonhos, para que sonhemos juntos!” Rubem Alves (2001).

DEDICATÓRIA

Ao amigo Fernando Gabriel Guardia

É proibido

Alfredo Cuervo Barrero (2001)

É proibido chorar sem aprender,
Levantar-se um dia sem saber o que fazer
Ter medo de suas lembranças,

É proibido não rir dos problemas
Não lutar pelo que se quer,
Abandonar tudo por medo

Não transformar sonhos em realidade
É proibido não demonstrar amor
Fazer com que alguém pague por tuas dúvidas e mau-humor.
É proibido deixar os amigos

Não tentar compreender o que viveram juntos
Chamá-los somente quando necessita deles.
É proibido não ser você mesmo diante das pessoas,
Fingir que elas não importam

Ser gentil só para quem se lembre de você,
Esquecer aqueles que gostam de você.
É proibido não fazer as coisas por si mesmo,
Não crer em Deus e fazer seu destino,

Ter medo da vida e de seus compromissos,
Não viver a vida como se fosse o último suspiro.
É proibido sentir saudade de alguém sem se alegrar

Esquecer seus olhos, seu sorriso, só porque seus caminhos se desconectaram,
Esquecer seu passado e pagá-lo com seu presente.
É proibido não tentar compreender as pessoas,
Pensar que a vida delas vale mais que a sua,

Não saber que cada um tem seu caminho e sua sorte.
É proibido não criar a sua história,
Deixar de dar graças a Deus por sua vida,

Não ter um momento para quem necessita de você,
Não compreender que o que a vida te dá, também te tira.
É proibido não buscar a felicidade,

Não viver sua vida com uma atitude positiva,
Não pensar que podemos ser melhores,
Não sentir que sem você esse mundo não seria igual.

AGRADECIMENTOS

Antes de iniciar os agradecimentos, realizei uma breve busca sobre o significado da palavra gratidão que, em síntese, se refere ao reconhecimento das coisas boas que existem na vida, entre outras definições. Porém, uma definição me chamou atenção pela similaridade de um dos conceitos abordados em nossa pesquisa, a memória.

Segundo o Pr. Deive Leonardo, ter gratidão é criar um memorial no coração para que, quando revisitemos as nossas memórias, relembremos daquilo que alguém já nos fez de bom. Revisitar as memórias é um exercício que fiz quase que, diuturnamente, durante o período de escrita deste trabalho. Ao revisitar o memorial de meu coração, dimensiono o quanto ser grato é necessário e faz bem à vida.

Portanto, aos que algum dia fizeram parte de minha história de vida e participaram de alguma forma do percurso trilhado em minha viagem de sonhos, deixo aqui registrado a minha gratidão. Todavia, a conclusão deste trabalho exige alguns inestimáveis agradecimentos, pois têm relação direta com o momento por mim vivenciado.

Em primeiro lugar, minha gratidão ao Deus vivo e fiel, que é o autor da minha fé. Aquele que permitiu, me acompanhou e me capacitou para percorrer os caminhos desta jornada. “Porque o Senhor dá a sabedoria; da sua boca é que vem o conhecimento e o entendimento” (Provérbios 2:6).

Gratidão aos meus pais, Ubirajara Gouvea de Oliveira (*in memoriam*) e à minha mãe Terezinha Maria Ribeiro de Oliveira por todo carinho, zelo e cuidado na condução de minha educação, com valiosos ensinamentos para vida. Tenho imenso orgulho de fazer parte da história de vida de vocês e, mais ainda, em poder registrá-la através das memórias aqui descritas.

Gratidão à Sheila Adriana, minha esposa, pela linda história de amor que estamos construindo. Sua dedicação, cumplicidade e bem-querer fortaleceram meus passos a cada momento desta trajetória. De mãos dadas e ao seu lado, o percurso é mais suave, sem seu apoio e carinho tudo seria muito mais difícil.

Gratidão à Ana Cecília, minha filha, pois nem mesmo a distância geográfica, que nos separa, é capaz de desfazer nossos vínculos afetivos. Sinto sua presença em meu coração e nas memórias, que construímos, quando temos a oportunidade de estar fisicamente juntos. Te amo, filha!

Gratidão a todos os meus familiares por parte de pai e por parte de mãe, do Rio de Janeiro e de Brasília, saibam que a distância física não é capaz de apagar as memórias e histórias que vivemos juntos. Guardo a todos no coração.

Gratidão aos companheiros(as) da turma de Mestrado em Educação (2023), cada troca de experiências vividas, discussões e debates no âmbito acadêmico foram essenciais para aquisição de novos saberes no decurso das disciplinas que acompanhamos.

Dessa turma, minha gratidão especial a três companheiros que deveras contribuíram para conclusão deste ciclo, cito aqui, Bruna Larine, Hallyson Dantas e Cláudio Araújo. Vocês foram fundamentais para elaboração de cada etapa do processo que vivenciamos.

Gratidão aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação pelo compartilhamento de valiosas contribuições na área do conhecimento e da pesquisa acadêmica. Gratidão também aos colaboradores do programa por toda atenção a nós dispensada.

Gratidão aos membros da banca examinadora pela apreciação do projeto enviado ao processo de qualificação e pelas relevantes contribuições ao texto dissertativo, nas pessoas da Profa. Dra. Giovana Carla Amorim, Profa. Dra. Patrícia Cristina Aragão, Profa. Dra. Lia Matos Brito Albuquerque.

Gratidão aos amigos Carlos Janerlândio e Thiago Fernandes, o primeiro pela condição de grande incentivador para submissão de meu projeto ao mestrado, além de prestar auxílio nos momentos de angústia e dúvidas. O segundo pelo apoio em relação à construção do projeto submetido ao programa.

Gratidão aos amigos e companheiros de jornada educativa, Gilberto Ferreira (*in memoriam*) e Gilterlan Ferreira, diretores do Colégio Alvorecer da Rede Privada de Ensino do Município de Mossoró/RN, a primeira escola, que me oportunizou lecionar a Disciplina Educação Física. Também externo minha gratidão aos professores(as), funcionários(as) e alunos(as) com os quais convivi ao longo de quase nove anos nesse estabelecimento.

Por todo apoio, confiança e compreensivos ajustes, minha gratidão à amiga e companheira de jornada na educação, Regilande Alencar, diretora da Escola Municipal Agrícola Pe. Pedro de Alcântara, na zona rural da cidade de Russas/CE, casa de ensino, no qual sou lotado como professor do ensino básico. Expresso minha gratidão a cada membro do núcleo gestor dos anos de 2023 e 2024, aos professores(as), funcionários(as) e aluno(as) com os quais convivo há sete anos.

Gratidão a cada criança das escolas citadas acima, da Escolinha de Futebol por mim dirigida por quase nove anos, da Associação de Pais e Amigos dos Autistas e TDAH de

Mossoró e Região (AMOR), do Centro Regional de Educação Especial de Mossoró (CREE-MOS), de outras escolas, de eventos e projetos sociais, nos quais dei vida ao Palhaço Pirulitão.

Gratidão especial a cada aluno(a) por mim atendido na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Escola Municipal Agrícola Pe. Pedro de Alcântara. Observar de perto suas singularidades e as potencialidades que, aos poucos, afloram em cada um de vocês, me inspiram a buscar mais conhecimento acerca da área da educação inclusiva.

Gratidão sem fim a você, meu amigo, Fernando Gabriel Guardia. Sem você, sem sua história de vida, sem sua arte, sem seus conhecimentos e expertise este estudo não seria viável. Todas às vezes, em que passo pelo cruzamento, no qual nos conhecemos, relembro do amigo com gratidão e elevo meus pensamentos a Deus para protegê-lo onde ele estiver

Gratidão, admiração e respeito por aquela que embarcou comigo em minha viagem de sonhos e durante o percurso me ensinou que “o bom da viagem, é a viagem”. Refiro-me à Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que confiou no potencial e na originalidade do projeto de mestrado por mim apresentado e, permitiu que nossas histórias de vida e vozes ecoassem, proporcionando discussões e reflexões acerca da arte das ruas, no contexto educacional inclusivo.

Por último, mas, não menos importante, minha gratidão a Deus pela vida de Paulo Víctor, meu filho, que veio ao mundo para mudar minhas concepções e entendimento sobre vários aspectos da vida. Sua condição e singularidade me fazem sentir e compreender o mundo de forma diferente e, ao mesmo tempo, me fazem perceber a necessidade de lançar um novo olhar sobre os processos, que envolvem a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. Com você compreendo que, quanto mais tomo conhecimento da temática do autismo, menos sei. Te amo filho e te peço perdão pelos momentos, em que não soube lidar com os inúmeros desafios que você enfrenta. Gratidão por me guiar por caminhos desconhecidos, tenho ciência de que você tem muito mais a me ensinar do que eu a você.

RESUMO

No presente estudo, fazemos um convite ao leitor para embarcar em uma viagem de sonhos, descobertas e aprendizado formativo e (auto)formativo. Nas narrativas, ocorreu o entrelaçar das histórias de vida e das memórias de um artista de rua e de um professor, que tem por objetivo compreender as contribuições dos artistas e da arte das ruas para construções educacionais inclusivas. Para este fim, utilizamos como enfoque metodológico a pesquisa (auto)biográfica, amparada pelo aporte teórico, dos seguintes autores: Halbwachs (1990) que faz reflexões sobre os conceitos de memória. Josso (2004, 2007 e 2010) que traz à tona as discussões referentes às experiências de vida e formação. Em Turner (1969), encontramos os aspectos que abordam o conceito de liminaridade e *communitas*. Apresentamos as concepções de educação de acordo com o ponto de vista de Freire (1967, 1978, 1987, 1992, 1993, 1996 e 2000) e Brandão (1981). Para adotar os conceitos, que evidenciam o cotidiano das ruas, nós nos fundamentamos em Pesavento (1996). Adotamos a classificação de pesquisa qualitativa proposta por Bogdan e Binklen (1994). Como procedimentos, utilizamos as entrevistas em profundidade para coletar as informações advindas das narrativas do sujeito da pesquisa, o artista de rua argentino, Fernando Gabriel Guardia. Dividimos o texto em três capítulos: no primeiro, trazemos a narrativa das nossas memórias e o percurso trilhado na nossa formação, até o encontro com o método (auto)biográfico. No segundo capítulo, enfocamos as narrativas do artista relativas à sua viagem de bicicleta, do Norte da Argentina ao Nordeste do Brasil e, o processo (auto)formativo e de experiência no límen, que viveu. No terceiro capítulo, fizemos a junção entre a arte das ruas e a escola, na tentativa de favorecer processos educacionais inclusivos. Destacamos que os resultados sugerem provocações, que poderão gerar reflexão interpretativa, pensar crítico, debates e discussões, que nos guiarão a possíveis transformações socioeducacionais e culturais que almejamos. No final da pesquisa, emergiram perspectivas que fortaleceram os significados dos processos formativos e (auto)formativos e, também, o potencial da arte das ruas para construção de possibilidades educacionais inclusivas. Enfatizamos, ainda, a robustez do método (auto)biográfico em relação à eficácia das composições narrativas para o campo das pesquisas acadêmicas.

Palavras-chave: Artistas e a Arte das Ruas; Possibilidades Educacionais; (Auto)Formação; Inclusão.

ABSTRACT

In this study, we invite the reader to embark on a journey of dreams, discoveries, and formative and (self)formative learning. The narratives intertwine the life stories and memories of a street artist and a teacher, with the aim of understanding the contributions of artists and street art to inclusive educational constructions. To this end, we use (auto)biographical research as a methodological approach, supported by the theoretical contributions of the following authors: Halbwachs (1990), who reflects on the concepts of memory; Josso (2004, 2007 and 2010), who brings to light discussions regarding life experiences and education; and Turner (1969), who addresses the concepts of liminality and *communitas*. We present the concepts of education according to the point of view of Freire (1967, 1978, 1987, 1992, 1993, 1996 and 2000) and Brandão (1981). To adopt the concepts, which highlight the daily life of the streets, we based ourselves on Pesavento (1996). We adopted the classification of qualitative research proposed by Bogdan and Binklen (1994). As procedures, we used in-depth interviews to collect information from the narratives of the research subject, the Argentine street artist Fernando Gabriel Guardia. We divided the text into three chapters: in the first, we present the narrative of our memories and the path taken in our training, until the encounter with the (auto)biographical method. In the second chapter, we focus on the artist's narratives regarding his bicycle trip, from the North of Argentina to the Northeast of Brazil, and the (self)training process and experience in the *limen*, which he lived. In the third chapter, we linked street art and schools in an attempt to foster inclusive educational processes. We emphasize that the results suggest provocations that may generate interpretative reflection, critical thinking, debates and discussions, which will guide us towards possible socio-educational and cultural transformations that we seek. At the end of the research, perspectives emerged that strengthened the meanings of formative and (self) formative processes and also the potential of street art for the construction of inclusive educational possibilities. We also emphasize the robustness of the (auto)biographical method in relation to the effectiveness of narrative compositions for the field of academic research.

Keywords: Artists and Street Art; Educational Possibilities; (Self)Training; Inclusion;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - No colo de meu pai Ubirajara, no dia de meu batismo

Figura 2 - Praia de Sepetiba, com minha mãe, Terezinha e minha irmã, Pedrina

Figura 3 - Equipe do Olaria Atlético Clube. Campeonato Carioca Infantil. Estádio Ítalo Del Cima, Campo Grande - Rio de Janeiro

Figura 4 - Campeonato Carioca de Futebol Profissional. Olaria 1X1 Botafogo. Dia da missa de sétimo dia pela passagem do falecimento de meu pai

Figura 5 - Campeonato Carioca de Futebol Profissional. Flamengo 3X0 Friburguense

Figura 6 - Enlace matrimonial Sheila Adriana e Paulo Renato

Figura 7 - Em família, Sheila Adriana, minha esposa e Paulo Víctor, meu filho

Figura 8 - Eu e Ana Cecília, minha filha, no baile de formatura em Educação Física

Figura 9 - Palhaço Pirulitão pela primeira vez em ação, na Escola Agrícola Pe. Pedro de Alcântara

Figura 10 - Fernando Gabriel Guardia aos seis meses

Figura 11 - Fernando Guardia demonstrando suas habilidades futebolísticas

Figura 12 - Fernando Guardia na adolescência, ladeado por Vicente, seu pai, e Graciela, sua mãe

Figura 13 - Fernando entre Graciela e Vicente, seus pais, em seu vigésimo segundo aniversário

Figura 14 - Fernando Guardia à espera do farol vermelho para entrar em ação

Figura 15 - A imensidão de uma das estradas na qual Fernando Guardia passou

Figura 16 - Fernando Guardia em performance artística pelas ruas

Figura 17 - Registro do interior do Maracanã, feito por Fernando Guardia, no dia em que ele adentrou o estádio para assistir ao jogo entre Argentina X Venezuela

Figura 18 - Rio das Ostras, local onde Lua foi adotada por Fernando Guardia

Figura 19 - A bicicleta de Fernando Guardia e a galinha adotada por seus amigos no Espírito Santo

Figura 20 - Fernando Guardia em ação pelas ruas de Mossoró, quando conheceu o Prof. Paulo Renato

Figuras 21 e 22 - Fernando Guardia ao lado de Giulia Natajara, apresentando sua arte no Instituto Alvorecer (Mossoró/RN) e na escola Agrícola Pe. Pedro de Alcântara (Russas/CE)

Figura 23 - Fernando e Lua na Chapada Diamantina

Figura 24 - Claves (elementos de malabarismo) de Fernando Guardia

Figura 25 - Fernando jogando malabares em Foz do Iguaçu (Paraná)

Figuras 26 e 27 - Caminhos percorridos por Fernando Guardia já solo Argentino

Figura 28 - Fernando e Graciela, sua mãe, após o seu retorno para casa

Figura 29 - Fernando Guardia em apresentação performática noturna (*fire juggling*)

Figura 30 - Fernando Guardia em apresentação performática na cidade de Mossoró/RN

Figura 31- Giulia Natajara e Fernando Guardia em ação performática no Colégio Alvorecer, em Mossoró/RN

Figura 32 - Fernando Guardia e Giulia Natajara em ação performática na Escola Municipal Agrícola Pe. Pedro de Alcântara, em Russas / CE

Figura 33 - Fernando Guardia proporciona ação participativa a uma criança da Escola Agrícola

Figura 34 e 35 - Alunos da Escola Agrícola cercam os artistas Fernando Guardia e Giulia Natajara

Figura 36 e 37 - Fernando Guardia e Giulia Natajara assinam autógrafos para as crianças da Escola Agrícola

Figura 38 - Artistas de rua em apresentação nas ruas de Mossoró/RN

Figura 39 – Profa. Dra. Ana Lúcia Aguiar ao lado do Palhaço Pirulitão. Dia das crianças da CREE-MOS

Figura 40 e 41 - Crianças da CREE-MOS participam de atividades com elementos circenses

Figura 42 - Momento prático de uma formação para colaboradores(as) da educação especial e inclusiva – Escola Agrícola e Escola Luís Ferreira Lima – Russas / CE

Figuras 43 e 44 - Elementos Circenses na Perspectiva Inclusiva. Ação em prol das crianças atendidas pelo AEE – Escola Agrícola e Escola Luís Ferreira Lima – Russas / CE

Figuras 45 e 46 - Giulia Natajara e Fernando Guardia em suas apresentações no Colégio Alvorecer e na Escola Agrícola

Figuras 47 e 48 - Crianças assistindo e aplaudindo as apresentações artísticas circenses

Figuras 49 e 50: Crianças experimentando atividades circenses nas aulas de Educação Física Escolar

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

AMOR - Associação de Pais e Amigos dos Autistas e TDAH de Mossoró e Região

CREE-MOS - Centro Regional de Educação Especial de Mossoró

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IA - Instituto Alvorecer

NEE - Necessidades Educativas Específicas

POSEDUC - Programa de Pós-Graduação em Educação

RG - Registro Geral

SESC - Serviço Social do Comércio

SRM - Sala de Recursos Multiprofissionais

TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

TEA - Transtorno do Espectro do Autismo

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

OS ARTISTAS E A ARTE DAS RUAS: CONSTRUÇÃO DE POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS INCLUSIVAS

DESPORTO, ARTE, CULTURA E INCLUSÃO: “O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS”	16
CAPÍTULO I: DOS TRILHOS DA CENTRAL DO BRASIL A ESTAÇÃO DAS ARTES. CRONOLOGIA DE UMA VIAGEM DE SONHOS	25
1.1 - De Sucupira aos subúrbios da Leopoldina. Recordações da infância	26
1.2 - Do crivo alvianil ao profissional, a realização de um sonho de criança	35
1.3 - Narrativas de um futebolista: realidade que a mídia não mostra	44
1.4 - Do adeus aos relvados aos bancos acadêmicos: vivências formativas e os caminhos que nos conduziram ao método (auto)biográfico	57
CAPÍTULO II: FAMÍLIA E DESLOCAMENTO: EXPRESSÕES DE SENTIMENTO EM REAPRENDIZADOS NA “TERRA PROMETIDA”	67
2.1 - Cantar a beleza de ser um eterno aprendiz – o que trago da terra natal	68
2.2 - Para onde eu vá, levarei o teu olhar	75
2.3 - Saberes da experiência na liminaridade – lugares e fazeres formativos	82
2.4 - Eu cheguei de longe - abriram-se cortinas e varandas	97
CAPÍTULO III: A ARTE DAS RUAS INVADE A ESCOLA: POSSIBILIDADES FORMATIVAS	107
3.1 - Respeitável público, o semáforo é o picadeiro	108
3.2 - Fernando Guardia: equilibrista, malabarista, um grande artista. Memórias de um caminhante	116
3.3 - Para sentir na pele: ensaios in loco. A aula é no semáforo	124
3.4 - Atividade circense na escola e em projetos sociais: a magia e o encanto do circo em prol da educação e da inclusão	131
LUZES SEMAFÓRICAS SUBSTITUEM AS LUZES DA RIBALTA, NÃO IMPORTA O ESPAÇO, O ESPETÁCULO PRECISA CONTINUAR	141
REFERÊNCIAS	146
ANEXOS	150

DESPORTO, ARTE, CULTURA E INCLUSÃO: “O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS”¹

Ao escrever as linhas que conduzem este trabalho, deparei-me diante de inúmeras reflexões e indagações. Algumas de cunho íntimo e pessoal, outras, mais específicas que deram corpo à pesquisa que me propus desenvolver. O encontro e a escolha do método (Auto)biográfico nortearam o caminho a seguir e, sobretudo, me proporcionaram um encontro com minha existência e com os propósitos que me fizeram percorrer tais caminhos.

A existencialidade em si pressupõe alterações e mudanças significativas no decurso da vida, que vão desde transformações fisiológicas a transformações comportamentais dos mais variados aspectos, que ocorrem em virtude de diversos fatores. De forma análoga ao que acontece a algumas espécies e ao que já vivenciei, me atrevo a dizer que o ato de viver por si só se compara a um processo de metamorfose, a metamorfose humana². Ao aprofundar conhecimento sobre os conceitos que alicerçam o método (auto)biográfico e, através da narrativa de minhas memórias, reencontro minha própria essência e observo que, em minha história de vida, experienciei as mais diversificadas metamorfoses.

As memórias revelaram nuances que se misturaram a fatores socioculturais de minhas experiências pessoais e coletivas e, assim, rememorei meu próprio corpo a se movimentar pelos espaços que me abriram as portas e me trouxeram oportunidades de ser quem outrora fui, sou e que um dia serei. Por intermédio da memória, nossa identidade se manifesta e é capaz de renunciar a aspectos do conhecido, seja por si ou pelos outros, com o propósito de ser algo diferente, mas sem perder a própria essência. A anunciação da memória traz em seu bojo um processo contínuo que direciona para compreensão da metamorfose humana que, por sua vez, demanda um percurso que compreenda o contraditório e seja capaz de gerar as devidas interpretações e aprendizados.

Este estudo faz um convite ao leitor para embarcar em uma viagem de sonhos. Para que juntos, caminhemos pelos trilhos que conduziram minha trajetória de vida e que me levaram às diversas transformações pelas quais passei durante os processos formativos e (auto)formativos, que tive a oportunidade de vivenciar. Durante o percurso, discorro sobre o eixo temático que norteia este estudo e que se dá, através de dois inusitados e importantes encontros. Ambos me

¹ O essencial é invisível aos olhos - Frase retirada da obra literária “O Pequeno Príncipe”, escrita pelo aviador e ilustrador francês Antoine-Exupéry, publicado em 1943.

² Metamorfose humana - Conceito intrinsecamente ligado ao movimento e à presença na vida, destacando a constante transformação que ocorre, em diversos seres, desde o nascimento até a morte.

impulsionaram em direção à elaboração dessas linhas e à concretização deste trabalho de pesquisa.

O primeiro, com a Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, que com tamanha maestria e generosidade compartilhou comigo seus saberes da academia e da vida. O segundo, com o artista de rua Fernando Gabriel Guardia que, gentilmente, me concedeu o privilégio de transcrever as narrativas de sua história de vida e, assim, compartilhar seus inúmeros saberes de mundo e sua experiência em uma viagem de bicicleta entre o Norte da Argentina e o Nordeste do Brasil.

A cada estação da viagem, um novo recomeço, idas e vindas, chegadas e partidas, novas aventuras, alegrias e, também, dissabores. Do feliz amplexo das chegadas às melancólicas e doloridas despedidas. Do aperto no peito da saudade ao brio que sempre me impulsionou a seguir adiante. A cada passo, a tomada de consciência de que os percursos percorridos proporcionaram constantes mudanças / transformações / metamorfoses. Pois cada gesto, cada movimento, cada renúncia trouxe consequências positivas e/ou não tão positivas assim. Mas, ao mesmo tempo, a conscientização de que as consequências poderiam, também, gerar aprendizado. E assim, ao refletir sobre o processo vivenciado, poderia, quem sabe, rever a rota, o rumo a seguir ou, ainda, aprender a desaprender para reaprender, em um processo de reconstrução constante.

Na linha do tempo das constantes transformações, relembro dos momentos da infância, da adolescência e da juventude no Sudeste do país até chegar à meia idade e as muitas lembranças acumuladas, das muitas andanças, rotas, itinerários, histórias e sonhos, que me trouxeram ao Nordeste e a este momento. Na bagagem de vida, inúmeras metamorfoses, aprendizados e reconstruções. Que emergem da infância, na longínqua Sepetiba (bairro praiano do Rio de Janeiro), que vão desde os momentos em família aos primeiros passos da convivência escolar, das brincadeiras de rua, dos mergulhos na praia, das viagens para visitar os parentes em Brasília, das pedaladas de casa para escola e da escola para casa, mas, antes, passava pela pracinha para jogar futebol, o esporte número um do Brasil, que permeia o imaginário de sonhos de muitos meninos e meninas.

A viagem segue pelas ruas de Ramos (bairro suburbano do Rio de Janeiro) onde tenho como cenário, uma nova escola, que ofertava em seu currículo a Educação Musical, cuja professora explorava o potencial artístico de cada um com ritmos e notas musicais e, sobretudo, através das expressões corporais da dramaturgia. Tinha, ainda, a iniciação desportiva que ocorria nas aulas de Educação Física, ministradas pelo Prof. João Cabral na Quadra da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense. Além disso, havia o Serviço Social do Comércio (SESC)

de Ramos, onde, em meados de 1983, experimentei e vivenciei várias modalidades esportivas, desde a natação aos esportes coletivos de quadra. Também participava das rodas de capoeira no Grupo de Capoeira Martins, local em que o ritmo do berimbau ditava meu gingado naquela época.

Até o momento em que o corpo franzino daquela fase começou a se identificar com a posição de goleiro no futebol e, assim, em 1986, minha história se une ao tradicional Clube Alvianil da Rua Bariri: o Olaria Atlético Clube. Iniciava então, o despertar para concretização de um sonho que teria um longo percurso a ser vivido e realizado. As memórias que trago desse momento preenchem a alma de alegria e gratidão, pois, os dez anos ali vividos, alicerçaram e lapidaram parte de meu processo de formação humana e profissional. A linha do tempo segue até à juventude e à profissionalização, e por fim, realizo meu sonho: tornar-me atleta profissional de futebol (goleiro).

Desse momento em diante, muitas experiências formativas acontecem. Em 1992, concluí o ciclo escolar que antecede o ensino superior e, o convívio com profissionais da área da cultura do movimento corporal já influenciavam um possível destino a seguir, no caso de não ser bem-sucedido no futebol. Entretanto, teria que fazer mais uma escolha, estudar ou jogar futebol de forma profissional? Não tinha como me dedicar às duas funções ao mesmo tempo, então, abracei a carreira futebolista com todas as forças e, assim percorri o Brasil e alguns países do mundo, até chegar ao futebol nordestino em 2001. E, nessa região do país, me estabelecer para não mais regressar à minha terra natal. O Nordeste virou meu chão, me acolheu e me adotou como filho. Aqui, criei vínculos, novas raízes e constitui família. Pendurei as luvas e encerrei minha carreira futebolista.

A escola da vida, através das oportunidades no futebol, oportunizou um vasto conhecimento de mundo. Todavia, teria que buscar novas perspectivas e prosseguir, precisava de uma nova ocupação. Seguia trabalhando com futebol, mas, fora de campo, como preparador de goleiros em algumas comissões técnicas dos clubes da cidade de Mossoró, onde residia. Sabia que a nova função exigiria não apenas conhecimento prático, mas também teórico. Então, tomei a decisão de voltar a estudar. Ao final de 2010, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e prestei o antigo Processo Seletivo Vocacionado (PSV) da UERN e, dessa forma, após vinte anos afastado dos estudos, vivi a alegria de duas aprovações. Com a nota do ENEM, consegui uma vaga para o Curso de Agronomia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) mas, uma semana depois, sairia o resultado do Vestibular Vocacionado da UERN e na lista de aprovados constava meu nome.

Uma conquista que mudaria minha vida, por isso, não tive dúvidas em optar por cursar Educação Física e, assim dar início a minha jornada acadêmica. Só não fazia ideia de que me encantaria pela licenciatura e pela docência. Continuei a trabalhar com o desporto de rendimento durante uns sete anos, mas, aos poucos, comecei a me afastar e, cada vez mais me aproximava de experiências educativas, nas quais o ensino da cultura do movimento corporal fomentavam o aprendizado integral dos educandos, em uma perspectiva de desenvolvimento biopsicossocial com ênfase no lúdico e na ludopedagogia. Tais atividades estimulavam os aspectos motores e, também, os aspectos cognitivos e socioafetivos. Sob essa perspectiva, em 2011, montei minha Escolinha de Futebol, que foi uma espécie de laboratório, no qual punha em prática o que aprendia na Faculdade.

Tão logo conclui o curso universitário, comecei a trabalhar em uma escola da rede privada e ao mesmo tempo, continuava com o projeto de minha Escolinha de Futebol. Dessa forma, transitava entre a prática empírica e a teoria, o que potencializava todo aprendizado adquirido de forma ampla. Na escola, durante as aulas de Educação Física Escolar, tendo como base seus diversos eixos temáticos: Jogos e Brincadeiras, Esportes, Ginásticas, Dança e Práticas Corporais de Aventura (Brasil, BNCC, 2017). E, na escolinha de futebol, através das atividades lúdicas pré-desportivas. Até que, em abril de 2017, fui aprovado em um concurso público e passei a atuar na Educação Básica de Rede Pública de Ensino, em uma escola do município de Russas, no estado do Ceará.

Nessa casa de ensino, dei vida àquele que começaria como um recurso pedagógico para interação com as crianças das turmas nas quais lecionava, entretanto, essa prática iria além dos conteúdos ou domínios da Educação Física Escolar tradicional, pois adentrava outros campos específicos do conhecimento e explorava as expressões corporais através da Arte. Iniciava, assim, uma prática interdisciplinar, que culminaria com o nascimento do Palhaço Pirulitão. Criei esse personagem que, por meio dos brinquedos cantados e das atividades rítmico, expressivas interagiu com as crianças no intuito de fomentar uma prática, na qual todos fossem capazes de participar de forma livre, solta, espontânea e acima de tudo, prazerosa.

O Palhaço Pirulitão viria ainda a fazer parte de ações voluntárias em projetos sociais voltados para crianças com deficiência, por exemplo: Associação de Pais e Amigos dos Autistas e TDAH de Mossoró e Região (AMOR) e Centro Regional de Educação Especial de Mossoró (CREE-MOS). Essa aproximação com o ativismo inclusivo se deu por três motivos: primeiro, pelo diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) de Paulo Víctor, meu filho; segundo, pelas crianças com deficiência que cruzaram meu caminho nas duas escolas em que lecionei e na Escolinha de Futebol; terceiro, diz respeito aos processos de formação continuada

e ao ingresso em um curso de pós-graduação, que me proporcionou conhecimentos relativos à educação inclusiva. Além disso, encontrei no Atendimento Educacional Especializado (AEE), o significado para as ações que estava desenvolvendo. Utilizei o palhaço como recurso pedagógico para promover ações recreativas e formativas com meus alunos e com as crianças assistidas por instituições de apoio às causas inclusivas.

Foi travestido de palhaço, que se deu meu encontro com aquela que me apresentaria ao método (auto)biográfico e aos autores, que conceituam memórias, narrativas das histórias e experiências de vida em favor da formação e da autoformação. Em 2022, em uma ação para Semana de Conscientização do Autismo da AMOR, eu estava fantasiado de Palhaço Pirulitão, me dirigi à Profa. Ana Lúcia Aguiar e lhe confidenciei meu intuito de um dia fazer um mestrado. O diálogo a seguir veio em forma de incentivo e de questionamento sobre um possível objeto de estudo. Disse a ela que gostaria de elaborar um projeto sobre os artistas de rua, que se apresentam em sinais de trânsito. Na mesma hora, ela me disse para escrever um projeto e submetê-lo ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN).

Logo na sequência desse primeiro encontro, aconteceu um fato, que considero como um fator decisivo do processo que precedeu minha entrada no mestrado, pois, em um sinal de trânsito, encontrei e conheci um artista de rua que, por alguns minutos, me escutou e me repassou seu contato. Ele aceitou meu convite para se apresentar nas escolas em que trabalhava, levando sua arte e habilidades para nossos alunos. A partir desse momento e dessa aproximação, convidei o artista para participar de meu projeto de mestrado. Até aquele momento, ainda não tinha muita certeza/clareza do que queria investigar, pois tinha inúmeras dúvidas e questionamentos. A partir dessas interrogações, ocorreu o processo de construção do projeto, que me conduziu a uma vaga no Mestrado em Educação (POSEDUC/UERN).

Dessa forma, os traços descritos por este trabalho desvelam os processos formativos e (auto)formativos de dois sujeitos com histórias de vida distintas, mas, muito similares devido ao contexto vivenciado por ambos em suas trajetórias de vida. Minha história pessoal, contrasta e, em determinados momentos, converge com a história de Fernando Gabriel Guardia, artista de rua argentino, que tive a sorte de conhecer de forma inusitada em um sinal de trânsito das ruas de Mossoró, Rio Grande do Norte.

Embora originários de localidades diferentes, alguns elementos constitutivos das sociedades contemporâneas fizeram parte dos contextos formativos e (auto)formativos de nossas vidas, tais como: desporto, arte, cultura e inclusão. Inúmeros estudos indicam a relevância desses elementos para os processos formativos, que fazem parte dos processos

educativos nas mais diversas sociedades, porém, quase sempre, esses elementos (desporto, arte, cultura e inclusão), são relegados a segundo plano na maioria dos sistemas educacionais vigentes. A sociedade sabe e reconhece seu potencial, no entanto, na prática, sua utilização ocorre em meio a lacunas, que inviabilizam seu fomento ou, ainda, apresentam um quadro mais preocupante: não são valorizados e/ou aproveitados da forma que poderiam e/ou deveriam ser.

A (in)visibilidade por parte da sociedade, provocou minha inquietude quanto aos possíveis benefícios, que poderia alcançar, quando aprofundasse estudos sobre artistas, arte das ruas e suas práticas. Além disso, surgiu um questionamento: como fomentar sua aplicação nos diversos contextos formativos educacionais existentes? Desse modo, os caminhos percorridos por ambos se entrelaçaram em ideais, na problematização e na descoberta de possibilidades reais do uso desses elementos em favor da formação humana e profissional.

É necessário destacar que, por intermédio das memórias e das narrativas de vida, procurei evidenciar a relevância da temática abordada. Nesta dissertação, as narrativas de si contextualizam duas histórias divididas, nas quais um rememora o percurso que fez até se tornar atleta profissional de futebol e, somente, 20 anos após o término do ensino médio, ou seja, em 2011, teve a possibilidade de adentrar nos espaços acadêmicos e agregar conhecimentos teóricos ao seu saber de mundo. O outro, em suas narrativas, rememorou sua trajetória, que o transformou em um artista, que teve as ruas e sinaleiras como palco. Ele agregou um imenso saber de mundo que, por vezes, é desvalorizado e estigmatizado pela sociedade, mas é carregado de saberes capazes de gerar valores e conhecimentos em quaisquer contextos educacionais formativos.

Assim, no presente estudo tive como objetivo compreender as contribuições dos artistas de rua e da arte das ruas para construções de possibilidades educacionais inclusivas. Neste cenário, as narrativas se fundem e, sobretudo, meus processos formativos se unificaram aos saberes do artista de rua, que através das narrativas de sua trajetória, complementaram minha análise reflexiva e deram significado aos saberes, que são pouco explorados e não valorizados em contextos educacionais formais e não formais.

Para seguir adiante com a pesquisa, delimitamos a área de investigação, pois o termo “Arte” possui um significado muito amplo. Além disso, focamos o tipo de arte apresentada pelo artista de rua, que realiza espetáculos com equipamentos de malabarismo e de equilíbrio, que são elementos oriundos das atividades circenses. Por conseguinte, aprofundamos nossa pesquisa em contextos educacionais que tinham utilizado a arte circense nas escolas e em projetos sociais diversos. Utilizamos o banco de dados do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de

Teses e Dissertações (BDTD) para localizar estudos, que poderiam convergir com nossos objetivos e/ou proporcionar novas reflexões e enriquecimento dos saberes relativos à nossa temática. A partir do aprendizado adquirido, poderíamos reafirmar a relevância do estudo, que doravante nos dispusemos a fazer.

Com a intenção de alicerçar a fundamentação teórica deste estudo, nós nos apropriamos dos seguintes conceitos: memória de Maurice Halbwachs (1990); experiência de vida e formação de Marie Christine Josso (2004, 2007 e 2010) e liminaridade de Victor Turner (1969). No que se refere à educação, utilizamos os conceitos de Paulo Freire (1967, 1978, 1987, 1992, 1993, 1996 e 2000) e de Carlos Rodrigues Brandão (1981) que reforça o conceito das várias “educações”. Além disso, adotamos os conceitos de Sandra Jatahy Pesavento (1996) relativos aos aspectos do cotidiano das ruas. A partir desses conceitos e desses teóricos, direcionamos nosso olhar para as histórias de vida, que estão unificadas e entrelaçadas nesta dissertação.

De enfoque qualitativo, nossa pesquisa traz em seu bojo a subjetividade das narrativas e das vozes, que se expressam para dar corpo ao trabalho. E, assim, proporcionam uma profunda imersão no mundo dos significados e das interpretações das histórias de vida dos sujeitos, que apresentaram suas narrativas. Cabe salientar, que o método (auto)biográfico valora os sujeitos em sua totalidade. Mesmo diante de toda complexidade e subjetividade, o método viabiliza profundas interpretações reflexivas dos processos formativos e (auto)formativos dos indivíduos. Para materializar este estudo, utilizamos entrevistas em profundidade, nas quais o artista de rua Fernando Guardia narrou parte de sua história de vida e os trajetos que percorreu, desde os ritos de passagem, até à experiência no limen, de afastamento dos padrões sociais e o momento em que finalmente regressou ao seu reduto de origem. Foi uma odisseia, que começou no Norte da Argentina até o Nordeste do Brasil e se encerrou no Norte da Argentina.

Como relevância acadêmica, observamos que a pesquisa (auto)biográfica nos proporcionou um imenso potencial para compreensão dos objetivos, que nos propusemos alcançar ao longo da caminhada. Neste caso, a compreensão dos aspectos que envolvem a problematização apresentada na pesquisa, que traz o seguinte questionamento: quais as contribuições dos artistas e da arte das ruas para construções educacionais inclusivas? Tivemos como objetivo central a compreensão das possibilidades educacionais inclusivas advindas dos saberes dos artistas e da arte das ruas. A relevância social da nossa investigação é decorrente das observações, que poderão promover aprendizado formativo a todos que, por ventura, se utilizem das práticas pedagógicas enfocadas, notadamente, em relação às possíveis transformações interdisciplinares e inclusivas, na área da cultura do movimento corporal e da arte.

Estruturamos este texto dissertativo em três capítulos, nos quais estão registrados a interpretação reflexiva das narrativas e os elementos teóricos adotados. No primeiro capítulo, intitulado **DOS TRILHOS DA CENTRAL DO BRASIL À ESTAÇÃO DAS ARTES. CRONOLOGIA DE UMA VIAGEM DE SONHOS** (escrito na primeira pessoa verbal), tive a intenção de narrar minha história de vida, por meio de minhas lembranças e memórias pessoais, e assim, através do método (auto)biográfico consegui dar luz aos caminhos percorridos em um roteiro repleto de sonhos, que se realizaram aos poucos, no decurso da minha jornada de vida. As diversas viagens pelas estações do Brasil e do mundo estão descortinadas para desvelar os inúmeros desafios como atleta profissional de futebol, até à transição para os bancos acadêmicos.

As experiências docentes com o ensino da cultura do movimento corporal em escolas me incentivaram a seguir adiante com estudos, que me trouxeram a compreensão e a consciência da relevância da formação continuada para quem atua na docência. As dúvidas e questionamentos referentes aos métodos de aprendizagem me impulsionaram em direção a um curso de pós-graduação, no qual tive a oportunidade de dirimir minhas dúvidas e incertezas e, talvez, fortalecer o que minhas vivências práticas demonstravam.

No segundo capítulo, **FAMÍLIA E DESLOCAMENTO: EM REAPRENDIZADOS NA ‘TERRA PROMETIDA’**, a partir das histórias de vida e do método (auto)biográfico, visamos identificar os conhecimentos presentes nas expressões artísticas de um artista de rua. Examinamos as narrativas das recordações (auto)biográficas de Fernando Guardia e sua jornada de transformação, desde os rituais de transição/passagem, até o estado elevado de sujeito liminar, definido pelos conceitos de liminaridade e *communitas* com base em uma interpretação antropológica fundamentada e descrita por Turner (1969). Um percurso de trilhas formativas e (auto)formativas que, por intermédio das narrativas, observamos suas vivências que proporcionaram aprendizados, que são reafirmados pelos conceitos de experiência de vida e de formação em Josso (2010).

No terceiro capítulo, intitulado **A ARTE DAS RUAS INVADE A ESCOLA: POSSIBILIDADES FORMATIVAS**, fizemos menção aos eventos que nos levaram ao encontro entre a arte de um artista de rua e as nossas reflexões, dúvidas e indagações, que são oriundas da nossa ação docente. Como professor, consideramos que a cultura do movimento corporal é uma ferramenta de expressão corporal, cujas linguagens têm um imenso significado e potencial formativo. Por meio das narrativas, tivemos a intenção de inventariar as contribuições dos artistas de rua e da arte das ruas para construção de possibilidades educacionais inclusivas. Ensejamos que tais contribuições sejam integradas aos

contextos educacionais inclusivos, ofertem mais do que a relação entre a teoria e prática e sejam capazes de promover significativas transformações.

A subjetiva complexidade da temática e das dificuldades de sua aplicabilidade estão relatadas e enfrentadas em realidades educacionais diversas, no entanto, é notável que muitos estudos indiquem benefícios em relação à aquisição dos conhecimentos ao qual debruçamos nosso olhar investigativo. No entanto, há por parte da sociedade, uma aparente (in)visibilidade ou uma espécie de dúvida, no que tange ao potencial da arte das ruas, da arte circense, das artes, do desporto, da cultura e dos aspectos inclusivos para obtenção de experiências formativas ou (auto)formativas exitosas.

Nesse contexto, conceber que tais elementos trazem uma conotação de que “O essencial é invisível aos olhos” soaria ousado de minha parte, entretanto, as palavras retiradas do livro “O Pequeno Príncipe” (2009), contextualizam o texto introdutório desta dissertação, pois, ao longo da vida experienciamos³ tais vivências na prática. Sob essa perspectiva, minhas memórias e experiências de vida convergiram com as memórias e experiências de vida de Fernando Guardia. A combinação entre histórias de vida e saberes se uniram e reforçaram nosso posicionamento sobre a relevância do desporto, da arte e da cultura para os processos formativos e (auto)formativos nos diversos contextos socioeducacionais inclusivos.

Cabe salientar que, o nosso texto dissertativo não traz respostas definitivas, pois está fundamentado em interpretações-reflexivas, que visam oportunizar a geração de transformações significativas nos mais variados contextos socioeducativos. Nosso intuito é, também, contribuir para a realização de novas pesquisas e estudos sobre a mesma temática. E assim, indicar novas possibilidades reflexivas e outros conceitos, que fundamentem a discussão, o debate e o diálogo acadêmico.

³ Experienciamos - O verbo conjugado em primeira pessoa do plural demonstra a similaridade entre as nossas vivências pessoais e as vivências experimentadas pelo sujeito da pesquisa.

CAPÍTULO I: DOS TRILHOS DA CENTRAL DO BRASIL À ESTAÇÃO DAS ARTES. CRONOLOGIA DE UMA VIAGEM DE SONHOS

Acreditava na vida
Na alegria de ser
Nas coisas do coração
Nas mãos um muito fazer

Gonzaguinha e Luiz Gonzaga (1979)

Para iniciar esta jornada, gostaria de enfatizar que o trecho acima, retirado da música “Com a Perna no Mundo”, composta no ano de 1979, por Gonzaguinha e por seu pai, o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, traz, em sua estrutura, a estreita relação entre minha⁴ forma de ser e de tudo aquilo que vivenciei pelo mundo afora. De forma análoga, o título de tão bela canção se entrelaça com o primeiro capítulo desta dissertação: **Dos Trilhos da Central do Brasil à Estação das Artes. Cronologia de uma viagem de sonhos**. Neste capítulo, narro minha história de vida e todo processo percorrido até unir, em forma de pesquisa, a Arte das Ruas e a Cultura do Movimento Corporal. Confesso que, nem mesmo em meus mais tenros sonhos, imaginei seguir tão incrível viagem.

Acreditar na vida é por si só, para mim, um princípio de vida, uma forma de acreditar na humanidade e no potencial de cada um. Minha crença pode até parecer utópica, sobretudo, quando se vive em uma sociedade que, por vezes, é extremamente individualista, competitiva e pouco acolhedora. Porém, acredito que a utopia sempre me fez prosseguir, caminhar adiante e romper barreiras. Adotei meus devaneios como virtudes, como mola propulsora para realização de cada meta traçada ao longo do percurso vivido.

A alegria de ser, pode se traduzir pela alegria advinda das inúmeras oportunidades que surgiram pelo caminho. Esta alegria, que me trouxe a compreensão de que um sorriso no rosto, tem o poder de mudar tudo! Mesmo nos dias mais tristes, um sorriso é capaz de alegrar o dia de outrem e, conseqüentemente, o meu próprio dia também. Nesse aspecto, procuro me embriagar das mais simples alegrias como premissa de vida. Durante a jornada, os dias nublados e tristes também se fizeram presentes em meu caminhar, todavia, perdi a conta das inúmeras vezes, que sorri para não chorar e, a sorrir, preferi caminhar e avançar.

⁴ O texto apresentado nesta dissertação foi escrito em duas pessoas verbais. Com uma mescla entre as narrativas pessoais do autor da dissertação e, as narrativas oriundas de uma construção coletiva, produzidas em conjunto com a professora/orientadora, com o sujeito da pesquisa e com os teóricos adotados. Desta forma, se justifica o uso da primeira pessoa do singular, que representa a opinião do autor e a primeira pessoa do plural para representar as ideias construídas coletivamente.

No trajeto, compreendi que minha bagagem de mundo⁵ é composta pelas coisas do coração: o amor, a gratidão, a saudade e o perdão, que se consolidaram como pilares do meu viver e da minha viagem. Cada destino, cada rota, cada presença, cada ausência, cada pessoa, cada nova amizade, cada sentimento e cada lágrima que, volta e meia, persistiu em rolar na minha face diante do encontro com minhas reminiscências. Gostaria que cada um, que ao meu lado, direta ou indiretamente, fez ou faz parte de minhas memórias, soubesse que estarão marcados para sempre em meu coração. Enfim, digo a todos que, de alguma forma, compõem ou compuseram a minha história: não a construí sozinho!

Tenho ciência que, no decurso desta jornada, cada encontro me fortaleceu e contribuiu para a minha forma de ser, sentir e viver neste mundo. Já nas mãos, trago a certeza de que, com a permissão de Deus, ainda há muito por fazer! Fico feliz que o destino tenha me reservado a alegria de grandes e relevantes encontros, pois, metaforicamente, foi “Com a Perna no Mundo” que encontrei duas pessoas ímpares e deveras importantes em meu caminhar acadêmico e como ser humano.

Dentre essas pessoas, cito a Profa. Dra. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, especialmente, porque me inspira a ser uma pessoa melhor e, com zelo e profissionalismo, me conduz por linhas, que jamais pensei escrever. Também cito Fernando Guardia, artista de rua argentino, sujeito liminar, agora, narrador deste estudo, que me empresta sua história de vida e seus saberes para que eu realize um exercício reflexivo e aprenda um pouco mais sobre educação, cultura, diversidade e inclusão. Ambos seguem comigo nesta viagem pelas veredas da (auto)biografia⁶, portanto, caro leitor, gostaria de convidá-lo a embarcar pelos caminhos que narrarei adiante. A todos, uma boa viagem.

1.1 - De Sucupira⁷ aos subúrbios da Leopoldina. Recordações da infância

Ao iniciar a viagem por minhas memórias, observo com maior clareza e compreensão o quanto os princípios da coletividade e da vida em sociedade são indispensáveis ao bem-estar comum e às diversas formas de viver das pessoas. É quase impossível não começar a narrativa

⁵ Bagagem de mundo - Uso esta expressão para fazer referência à experiência de vida adquirida no decorrer das minhas inúmeras vivências, por exemplo: esporte de rendimento, futebol profissional, viagens aos quatro cantos do país e, algumas ao exterior e, também, experiências formativas no âmbito educacional.

⁶ (Auto)biografia - Gênero literário em que uma pessoa narra a história da sua vida, trata-se de uma biografia escrita ou narrada pela pessoa biografada. Ou seja, consiste na narração da experiência vivencial do indivíduo, que pode ser escrita em verso ou em prosa.

⁷ Sucupira - Cidade fictícia da teledramaturgia brasileira. Também é o nome de um município do estado de Tocantins.

sob a perspectiva dos conceitos de memórias propostos pelo clássico teórico Halbwachs (1990, p.16), que em Memórias Coletivas, afirma: “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras.”

Neste contexto e com este entendimento do conceito de coletividade, reconheço que minha história de vida e o início dessa viagem, não se originam de modo exclusivo na minha pessoa. Pois, conforme afirma Halbwachs (1990, p. 16): “nunca estamos sós.” Portanto, precisei me libertar de todo egoísmo para escrever e agradecer a permissão de Deus em unir meus pais, Ubirajara Gouvêa de Oliveira (*in memoriam*) e Terezinha Maria Ribeiro de Oliveira. Por intermédio dessa união e das memórias e narrativas de minha mãe, procurei me reportar como se deu o meu ingresso nesta viagem chamada vida.

Do alto de seus oitenta e quatro anos e, extremamente lúcida, minha mãe sempre relembra com carinho e com uma exatidão incrível dos detalhes do dia em que eu, seu primogênito, veio ao mundo. Esse é um momento que sei de cor e salteado, pois, sob sua ótica e através de seus relatos, parece que posso visualizar o momento de meu próprio nascimento, momento que sequer, de fato, me lembro. Por intermédio das narrativas de minha querida mãe, narrarei as imagens que foram cunhadas em minha mente, durante meio século de vida.

Há exatos 21 dias do mês de maio do ano de 1973, às 07 horas e 15 minutos da manhã, na maternidade conhecida como Casa da Mãe Pobre, situada no bairro do Rocha, um subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, tinha início o meu embarque nesta viagem que, somente, a vida pode nos proporcionar. Cheguei ao mundo de parto natural e pelas mãos de um médico de sobrenome *Brown*. Segundo as falas de minha mãe, não chorei de imediato e fui conduzido a uma pedra de mármore já todo roxo e, somente, depois de alguns procedimentos e intervenções médicas é que chorei.

Tal relato reafirma o princípio de coletividade ao qual estamos submetidos. Pois, sem a união de meus pais e a intervenção médica, é bem provável que eu não estivesse escrevendo estas linhas. Os atores que fizeram parte do evento narrado, talvez não tenham ciência da relevância deste momento para mim, para minha família, para minha história de vida e para este estudo.

Ainda de acordo com os relatos de minha mãe, moramos em um bairro chamado Acari, também, subúrbio do município do Rio de Janeiro, entretanto, ela não sabe precisar por quanto tempo, decerto, pelo fato dos dias difíceis que tenhamos passado por ali. De forma muito triste, ela relembra e relata que, ao invés de leite em pó, minhas mamadeiras eram feitas com água e

um pouco fubá bem ralo. Talvez, seja por isso que ela traga poucas lembranças e relatos desses dias.

Somente em 1976, quando nos mudamos para Sepetiba, um bairro praiano do mesmo município, consegui constituir e reproduzir alguns “*flashes*” de minhas próprias memórias e, assim, iniciar minhas recordações da infância, conforme o título deste tópico. Embora as dificuldades vividas por uma família pobre perdurassem, é impossível não relembrar do local que carinhosamente chamávamos de Quintal Grande⁸.

O espaço era muito amplo e arborizado, com frondosas mangueiras, goiabeiras e amendoeiras, que nos presenteavam com suas generosas sombras. Além disso, o aroma e o sabor das deliciosas frutas nos regalavam com experiências sensoriais através do olfato e do paladar. Após o almoço, minha mãe forrava uma esteira de palha, sob a sombra das árvores e tentava me acalantar para dormir, porém, minha vontade maior era me mover e explorar o espaço existente no terreno. Eu, como toda criança só queria brincar.

Trago em minha mente esses fatos e imagens de forma muito nítida, porém, ao mesmo tempo, eu me questiono: será que, por volta dos três anos de idade, seria capaz de relembrar de tais acontecimentos com tanta clareza? No intuito de dissipar tal dúvida recorro a Halbwachs (1990), que descreve as memórias da infância da seguinte forma:

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações fossem, apenas, o reflexo dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeavam (Halbwachs, 1990, p. 25).

De forma subjetiva alguma percepção compreensiva dilui as dúvidas que tenho, porém, não as responde, concretamente, e deixa margem para infundáveis reflexões. Nesta lógica, é possível que a narrativa das imagens, que compõem minhas memórias desse período, estejam fundamentadas em relatos de grupos sociais de meu convívio - família nuclear e extensivo -, que, por ventura, tenham mencionado tais histórias a minha frente, conforme afirma Halbwachs (1990).

Uma "corrente de pensamento" social é ordinariamente tão invisível como a atmosfera que respiramos. Só reconhecemos sua existência, na vida normal, quando a ela resistimos; mas uma criança que chama os

⁸ Quintal Grande - Espécie de vila com um quintal enorme e arborizado, com cinco ou seis famílias distribuídas em casas humildes.

seus, e que tem necessidade de sua ajuda, não lhes resiste (Halbwachs, 1990, p. 26).

Nessa perspectiva, é bem capaz que, de fato, eu esteja evocando memórias, que me foram relatadas, mas eu as tomo como verdades e, sobretudo, como se estivesse relembrando de cada uma de forma muito exata e concreta. Considero que essas memórias são minhas e contadas, exclusivamente, por mim. Sigo minha jornada através das memórias coletivas e/ou individuais, relembrando inúmeros fatos, que não foram contados por terceiros, pois estou convicto que são memórias muito pessoais e constituídas por mim.

Na esteira das memórias afetivas, quero destacar os momentos em que caminhava de mãos dadas com meu saudoso pai para buscar leite de vaca, ordenhado na hora. O dono do animal enchia uma garrafa de vidro, que nós levávamos para casa. Outro momento inesquecível: meu pai entrava nos brejos alagadiços do bairro para caçar rãs e, então, voltávamos para casa com uma fieira repleta das iguarias. Como um *chef* da mais refinada culinária ele iniciava o seu preparo.

Primeiro e com precisão cirúrgica, ele cortava a cabeça e as patas do réptil, em seguida, retirava o couro e despia o bicho, cortava seu tronco na vertical e, com muito cuidado, retirava suas vísceras. O ponto chave era não estourar o fel, assim, sua carne estava apta a ser degustada. O toque final eram as pitadas de vinagre, limão e sal sobre o animal sem vida que, ao entrar em contato com esses temperos, começava a se mexer e seus músculos tremiam como se estivesse vivo. Isso ninguém me contou, eu vi! E, assim, nós nos deliciávamos com o prato pouco comum, mas de sabor incrível. Papai era, sem sombra de dúvidas, um mestre cuca⁹ na arte de cozinhar.

Figura 1 – No colo de meu pai Ubirajara, no dia de meu batismo



Fonte: arquivo do autor (1974)

⁹ Mestre cuca - Expressão usada para designar um grande cozinheiro.

Neste quesito, a arte de cozinhar, minha mãe também não ficava para trás. Os bolinhos de aipim da Dona Terezinha faziam sucesso nos bares e nas vendas avulsas pelas praias de Sepetiba, isso lá pelos idos dos anos de 1978 e 1979. Seus quitutes eram preparados com muito amor e carinho, eram mais uma das fontes de renda da nossa família e ajudavam no nosso sustento. Lembro-me, que ela acordava muito cedo para cozinhar o aipim, depois, em um moedor de ferro, moía o tubérculo. Muitas vezes, eu a ajudava nessa tarefa.

Na sequência, ela temperava a massa, recheava com carne moída e modelava os bolinhos para, só então, fritá-los em óleo bem quente. E, quando estava tudo pronto, saíamos juntos, eu, minha mãe e minha irmã, Pedrina Ribeiro de Oliveira. Primeiro, fazíamos as entregas das encomendas e, depois, andávamos pelas praias sepetibanas para vender as guloseimas. É claro que, nós aproveitávamos os locais das vendas para nos divertir.

Figura 2 – Praia de Sepetiba, com minha mãe Terezinha e irmã Pedrina



Fonte: arquivo do autor (1978)

Ao rememorar as habilidades culinárias de meu pai e de minha mãe, percebo que meus relatos se entrelaçam aos de minha mãe e, também, aos de minha irmã em nossas reuniões familiares. As narrativas são sempre muito similares e repletas de detalhes. Sobre esse aspecto, Halbwachs (1990, p.16) diz: “Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. Sob esse ponto de vista, considero que as bases das histórias e dos relatos familiares se confundem, se fundem entre nós e, ao mesmo tempo, formam nossa identidade nuclear e se complementam entre si.

De acordo com as memórias de meus pais, relembro que ambos não tiveram a oportunidade de prosseguir com os estudos, pois os dois só tinham cursado até a quarta série do antigo curso primário. Meu pai trabalhava como apontador de apostas do Jogo do Bicho e de Corridas de Cavalo, que aconteciam no *Jockey Club* da Gávea e, minha mãe ajudava com a

venda dos bolinhos de aipim, com a lavagem das roupas de cama e, também, roupas de alguns hóspedes do Hotel Chave de Ouro. Os tempos eram difíceis, porém, meus pais não mediam esforços para que tivéssemos o básico: alimento e abrigo.

No início dos anos 1980, meu pai conseguiu um emprego com carteira assinada na empresa de ônibus Expresso Pégaso, que ficava em Santa Cruz, um bairro vizinho à Sepetiba. Inicialmente, ele assumiu um posto na portaria da garagem e ali, ele aproveitava para vender laranjas, que eram descascadas com auxílio de uma engenhoca própria para isto.

Naquela época, vez por outra, ele me levava para passar o dia ao seu lado, na portaria da garagem e eu o ajudava recolhendo as cascas de laranja e apertando o botão, que erguia a cancela para entrada dos veículos. Apesar do pouco estudo, sua incrível habilidade com os números fez com que ele fosse remanejado para tesouraria da empresa no período noturno, o que, de certa forma, contribuiu para uma pequena ascensão financeira de nossa família.

De forma muito responsável, meus pais jamais abriram mão de que pudéssemos estudar e, no início dos anos oitenta, fui matriculado na Escola Municipal Nair da Fonseca. Íamos a pé para escola e, no caminho, minha mãe, minha irmã e eu, aproveitávamos para colher pitangas e carambolas. Não lembro muita coisa da escola em si, nem tampouco, da professora, mas não sei porque me trocaram de uma turma para outra. Minha mãe foi informada dessa mudança, porém ela não lembra ao certo deste fato.

Devido à promoção de meu pai no trabalho e à pequena ascensão financeira, a partir de 1981, eu e minha irmã passamos a estudar em uma escola particular, o Instituto Sepetiba e ali, ao lado de minha irmã, cursei o antigo primário. Ao abordar minhas primeiras experiências formativas, recorro a Josso (2010) que ressalta a singularidade desse momento:

A situação de construção da narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio de recurso a recordações-referências, que balizam a duração de uma vida. No plano da interioridade, implica deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa, em torno do tema da formação (Josso, 2010, p.36).

Contextualizar, em forma de narrativas, o alicerce do conhecimento formativo é uma experiência deveras singular, que acentua e fortalece os componentes teóricos. Evocar as recordações referenciadas em minhas memórias, demonstra a relevância desses momentos para cada aprendiz e o quanto esse referencial é capaz de acompanhar cada pessoa, durante todas as demais experiências formativas e de aprendizado ao longo das inúmeras fases da vida.

Em meu coração toda estima e gratidão as primeiras “tias”, apesar de contrariar a visão de Paulo Freire (1993) que, no livro “Professora, sim, tia, não: cartas a quem ousa ensinar”, não aceita o uso desse termo na educação. Ainda assim, registro aqui o meu muito obrigado às professoras Célia, Lúcia Helena e Rosária do Instituto Sepetiba e, também, a uma professora da Escola Nair da Fonseca, que não consegui recordar o nome.

Nessa toada, vivenciei incríveis e inesquecíveis momentos na escolarização e na vida familiar. O cotidiano, de quem vivia em um bairro praiano, favorecia o lazer e, quem não gostaria de ter a praia como quintal de sua casa? Era muito comum um banho de mar ou um breve mergulho de cima do calçadão, que só era possível nos momentos de maré cheia, porque o mar regredia muito com a maré baixa, deixando exposto, apenas, um lodo, que diziam ser medicinal.

Nos finais de semana, a praia de Sepetiba recebia muitos banhistas de outros bairros e, então, as pessoas lambuzavam o corpo todo com o lodo do fundo do mar, deixando somente os olhos a mostra. Confesso que era muito engraçado observar aquelas cenas, sobretudo, quando lembro que havia uma vala negra, que desembocava todo esgoto do bairro (que naquela época não era tratado) no mar. Mas, mesmo assim, eu adorava ir à praia, foi ali, que sozinho aprendi a nadar, e me sentia como um atleta dos saltos ornamentais, quando saltava de ponta cabeça, ou ainda, como super-heróis, pois imitava o *Tarzan* ou o *Aquaman* a nadar, em um exemplo vivo do brincar simbólico referenciado por Piaget. Foram muitas aventuras, no mariscal¹⁰ em frente à Ilha do Tatu, na Praia de Dona Luiza, na Praia da Brisa e na Praia do Cardo.

Sepetiba tinha ainda outra peculiaridade, volta e meia, o bairro se transformava em um *set* de filmagens, pois muitos espaços serviam como locações para as gravações de uma telenovela de 1973, que, posteriormente, se transformou em um seriado, já no início dos anos oitenta. O Programa da teledramaturgia brasileira, conhecido como “O Bem Amado” fez muito sucesso durante aquele período. E assim, Sepetiba se transformava em Sucupira, cidade fictícia, cujo nome tomo emprestado para, de forma análoga, me referir ao ponto de partida de minha viagem. Dessa forma, considero Sepetiba ou Sucupira como meu berço, pois minhas origens, raízes e memórias infantis estão ali.

Dentre essas memórias, era normal ir à padaria para comprar pão e esbarrar com Zeca Diabo, Odorico Paraguassu ou Dirceu Borboleta, ambos personagens da trama televisiva, encenadas respectivamente por Lima Duarte (1930-...), Paulo Gracindo (1911-1995) e Emiliano

¹⁰ Mariscal - Formação crustácea sobre pedra marinha e encostas, um conjunto de crustáceos comestíveis.

Queiroz (1936-2024). Nas imediações da Praça do Coreto de Sepetiba, logo na chegada da praia, as fachadas das casas, eram cobertas com cenários de madeira, que davam vida aos ambientes externos da cidade de Sucupira, a prefeitura, o Jornal “A Trombeta”, entre outros. As Irmãs Cajazeiras, personagens da série, também desfilavam por ali.

Conforme destaca Halbwachs (1990):

No pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo, não somente porque as instituições foram modificadas, mas porque a tradição nelas subsiste muito viva em tal ou qual região do grupo, partido político, província, classe profissional ou mesmo em tal ou qual família; e em certos homens que delas conheceram pessoalmente as testemunhas (Halbwachs, 1990, p.13).

Essa novela, que é conhecida por milhares de pessoas no nosso país e está nos anais da TV brasileira, talvez seja uma das memórias que mais perdure em minha mente. Por este motivo, cito Halbwachs (1990), notadamente, no que se refere ao seu posicionamento teórico sobre testemunhas. É uma memória compartilhada por um pequeno grupo, que a vivenciou in loco, como eu e, também, por todos aqueles, que puderam assisti-la através dos meios de comunicação.

Outra lembrança bem nítida, refere-se ao meu pai, que também era muito hábil, pois manuseava bem os instrumentos de carpintaria: martelo, pregos, madeiras e serrote. Certa vez, ele construiu uma barraquinha para vender frutas, verduras e legumes. Com o mesmo material e acrescentando uma tela de arame, construiu um galinheiro, no qual criava galinhas, patos e codornas, que se misturavam ao nosso cão de estimação, o *Sheik*. Mas, o que mais recordo mesmo: as mais belas e velozes pipas, produzidas por ele. Esses brinquedos voadores, que cortavam os céus, atraíam as crianças da vizinhança, que sempre o procuravam para pedir que ele fizesse uma pipa para cada um. E, de forma generosa, ele presenteava cada menino com uma bela pipa. Eu mesmo, não era tão fascinado, assim, pelas pipas, mas adorava vê-lo entusiasmado a produzi-las. Considero que essa experiência tenha sido o meu primeiro curso de Metodologias Ativas¹¹ com a Cultura *Maker*¹², correndo nas veias.

¹¹ Metodologias Ativas de Aprendizagem - Adotam uma técnica pedagógica, que está fundamentada em atividades instrucionais, que podem viabilizar um maior engajamento dos estudantes. Essas metodologias têm como principal objetivo tornar cada estudante protagonista do seu processo de construção de conhecimento. Além disso, procuram transmitir informações e conhecimentos e, também, desenvolver as habilidades de cada estudante.

¹² Cultura *maker* - Em inglês, a palavra *maker* significa “fazedor”, no sentido de criador, realizador e fabricante. A expressão cultura *maker* é usada com o significado da frase em inglês *Do It Yourself (DIY)* que, em português, significa: faça você mesmo.

Sepetiba era o meu porto seguro e de minha família, sempre que saía dali, sabia que tinha para onde voltar e, como isso era bom! Um bairro vizinho, Santa Cruz, era quase sempre o destino principal, pois, tínhamos ali, o comércio e outros serviços mais avançados, que não encontrávamos em Sepetiba. Ir ao centro do Rio ou aos subúrbios, onde os parentes moravam eram também nossos destinos, por exemplo: Ramos, Engenho de Dentro, Engenho Novo e Quintino. Visitávamos tios, tias, primos e primas paternos e maternos e, também, minha avó Edméia e meu avô Paulo. Eles eram meus padrinhos de batismo e não mediam esforços para estar comigo no dia do meu aniversário, para isso percorriam uma longa distância de Quintino a Sepetiba para me abençoar.

Geralmente, as viagens, que fazíamos, eram de trem que saía de Santa Cruz e tinha como parada final a Central do Brasil. Esta é a principal estação de trens do município, que tomo por empréstimo, para intitular este capítulo. Viajar nos vagões de trem, que cortam os subúrbios cariocas, é uma aventura e tanto. Minha mãe ficava impressionada, como eu, bem novinho, reconhecia as estações, nas quais deveríamos descer e tomar outra condução. Eu tinha uma incrível memória fotográfica, o que me possibilitava guiar minha mãe e minha irmã nessas andanças, por isso, me sentia “todo importante”.

Outra viagem muito interessante, que fez parte de minha infância: eu, minha mãe e minha irmã íamos à Brasília para visitar uma tia, um tio e os primos. Viagem de ônibus pela Viação Itapemirim que, em média, durava vinte duas horas. Saíamos da Rodoviária Novo Rio às 16 horas e chegávamos ao Distrito Federal às 14 horas da tarde do outro dia. Como era bom passar as férias por lá! Com meu corpo franzino, brincava muito naqueles gramados da SQS 109 Sul. Lá, com certeza vivenciei uma experiência ímpar de aprendizado: a convivência direta com uma prima com deficiência física, cadeirante, que tem uma doença conhecida por osteogênese imperfeita. Ali, o meu primeiro “curso” sobre respeito, empatia e inclusão.

As viagens para o cerrado eram muito boas, mas, o bom dessa viagem/história é que sempre tínhamos a boa e velha praia de Sepetiba para regressar. Ali, a liberdade de andar de bicicleta pelas ruas do bairro, montado em minha *Monareta* vermelha com bolinhas pretas, pintadas a mão por meu pai. Ali, na pracinha, os primeiros passos no futebol e as muitas brincadeiras de criança, sem receio de ser feliz, com uma infância *pra lá de ativa* e bem vivida. E assim, sempre que viajávamos ou íamos a bairros mais distantes visitar os parentes, voltávamos felizes da vida ao nosso recanto, que mesmo muito humilde foi espaço de muita felicidade.

Porém, entre nove e dez anos de idade, em meados de 1982 e início de 1983, comecei a perceber o semblante de minha mãe mais preocupado com os sumiços repentinos de meu pai,

que evidenciavam uma possível relação extraconjugal. Até hoje, quando ouço um samba enredo, que fez muito sucesso naquela época, me recordo da tristeza estampada no rosto de minha mãe. “*Vem meu amor, vem meu amor, manda a tristeza embora, é carnaval. Neste dia ninguém chora...*”¹³ Essa canção embalou a separação dos dois. A nossa situação financeira ficou um pouco mais complicada, pois a pensão alimentícia determinada pela justiça não supria todas as nossas necessidades. Minha mãe trabalhava como balconista, cozinheira, continuava a lavar roupas, a vender os bolinhos de aipim e a cuidar com todo zelo e cuidado de seus dois filhos. É impossível não relembrar das dificuldades e o quanto aqueles dias foram tristes e difíceis.

Só víamos meu pai a cada quinzena, eram encontros rápidos, geralmente, em uma manhã ou em um dia inteiro. Eram dias intensos e repletos de alegria, pois meu pai tentava, a todo custo, suprir a ausência afetiva, que nos afligia. Era preciso superar e minha mãe, mais do que nunca, precisava do meu carinho e de minha irmã. Recordo que dormíamos todos juntos, o que reforçava nossa unidade. Em meio a tantas dificuldades, minha mãe sempre esperançosa ou para tentar demonstrar força dizia: “Ainda vamos rir muito disso tudo!”

E, assim, cresci e dei os primeiros passos dessa viagem. A Estação de Sucupira ficaria para trás, pois, meu tio, Lúcio Ribeiro, prestou auxílio à minha mãe em nosso momento mais delicado e nos convidou para morar em Ramos, um subúrbio da Zona da Leopoldina. Assim, ele poderia ajudar melhor e mais de perto, até que pudéssemos nos reestabelecer em todos os sentidos. Passados dez anos do início de minhas andanças pela vida, de 1973 a 1983, foram muitas histórias, algumas muito felizes e outras, nem tanto, contudo, posso afirmar que tive uma infância maravilhosa.

1.2 - Do crivo alvianil ao profissional, a realização de um sonho de criança

Com minha família já instalada em Ramos, chegava a hora vivenciar novas experiências em minha vida. Conforme Bondiá (2002) “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos”. Nesse espaço, dou continuidade à minha viagem, que ganhou nova roupagem com minhas novas experiências. Era tudo muito diferente do que havia

¹³ Samba Enredo: Bum Bum Patitumbum Prugurundum – apresentado no carnaval de 1982 pela Escola de Samba Império Serrano – Composição: Aluísio Machado e Beto Sem Braço - (Vide Anexo 1).

vivido até então. Nesse sentido, relaciono minhas novas experiências ao que Bondiá (2002, p. 19) afirma:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.

Embora fosse muito novo, deveria passar por essa fase de transição e desfrutar das novas experiências. Havia certo encantamento com as novas vivências, pessoas e espaços. Nas reflexões do autor, percebo que eu sou o espaço. E mal sabia, que a junção entre a minha pessoa e às ruas do bairro (novos espaços) ganharia destaque em minhas perspectivas futuras. Por exemplo, a Rua Professor Lacê foi um espaço relevante, pois abrigava a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, local que muito frequentei. Nessa mesma rua, estava localizado meu novo local de estudos, a Escola Municipal Walt Disney da Rede Pública de Ensino, muito bem referenciada e procurada por todos da comunidade.

Outros dois espaços merecem destaques em minhas lembranças: a casa de meus tios com quem moramos inicialmente, localizada na Rua Euclides Faria. Era uma rua movimentada, que abrigava parte do comércio local. Em 1983, quando minha mãe conseguiu um emprego de cozinheira no convento das religiosas, que geriam o Colégio Pio XI, nós nos mudamos para a Rua Roberto Silva. Ali, passaria mais dez anos de minha vida. Essa casa se tornou um novo porto seguro, no qual eu e minha família poderíamos contar. Era uma casa de pobre, mas repleta de carinho, afeto e esperança em dias melhores.

A casa ficava em um terreno com mais quatro casas, tipo uma vila, na qual quatro famílias dividiam o espaço em comum. No quintal da frente, um pé de abiu e duas goiabeiras; nos fundos, três mangueiras e o muro do Ginásio do Social Ramos Clube, local que muito frequentei durante a adolescência. Não podia escutar os silvos dos apitos vindos da quadra ou do campo *society*¹⁴, que corria para o clube, ávido por jogar meu esporte predileto: o futebol.

Na transição entre a infância e adolescência, comecei minha iniciação desportiva, utilizando o espaço do Serviço Social do Comércio (SESC). O clube dos comerciários que

¹⁴ Campo *Society* - É um tipo de quadra/campo retangular, com dimensões menores que um campo de futebol oficial, coberto com grama sintética (antigamente era de terra batida ou grama natural), é utilizado para a prática de esportes como o futebol *Society*.

ficava no cruzamento entre a Rua Euclides Faria e a Rua Teixeira Franco em Ramos. Ginásio, piscina e biblioteca eram meus locais favoritos. Vivía por esses locais a experimentar as mais variadas práticas corporais, inclusive na biblioteca, que dispunha de um espaço reservado aos mesa-tenistas. Ainda me lembro da disciplina de Educação Física Escolar, cujas aulas eram ministradas pelo Prof. João Cabral, na Quadra da Imperatriz Leopoldinense, pois a nossa escola não tinha quadra esportiva. Assim, esporte e samba-enredo se fundiam. A arte e o desporto em prol da cidadania.

Em diversos contextos, pude vivenciar experiências formativas, conforme Josso (2004, p. 38) afirma:

Os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente. Em interações com outras subjetividades. Os procedimentos metodológicos, ou se preferirmos as práticas de conhecimentos postas em jogo numa abordagem intersubjetiva do processo de formação, sugerem a oportunidade de uma aprendizagem experiencial por meio do qual a formação se daria a conhecer.

Independente dos locais, espaços e métodos, o meu processo formativo ocorria, naturalmente, pois, como aprendiz, realizava as aquisições de aprendizado necessárias ao meu desenvolvimento integral. Seguia ávido por experimentar e aprender. Influenciado por meu primo Rogério Lúcio, participei do Grupo de Capoeira Martins, no qual a ginga, o aú, a cocorinha e a benção (movimentos da capoeira) faziam meu corpo magrelo adentrar as rodas de capoeira que, em sua origem foi fonte de resistência e luta. Hoje, além de prática desportiva, é, também, fonte de arte e cultura com cânticos e rimas, que movem os hábeis corpos dos capoeiristas em um belo espetáculo bailado. Cheguei ao cordel verde, porém toda flexibilidade, que adquiri nos treinos, me direcionavam a outro esporte.

Desde pequeno fui apaixonado pelo futebol! Neste tópico, minha narrativa é, justamente, sobre o pontapé inicial no esporte oriundo da Grã-Bretanha. Descrevi os caminhos, que me impulsionaram a seguir e a sonhar em me tornar atleta profissional de futebol, algo que, de certa forma, é comum em nosso país, sobretudo, quando consideramos que, para quase todos os brasileiros, esse esporte é o número um. É um fenômeno social que, da noite para o dia, é capaz de mudar a vida de um jovem.

Vale lembrar, que essa minha paixão se iniciou lá pelos idos de 1981, quando, de mãos dadas com meu pai, adentrei pela primeira vez, aquele que já foi considerado o maior palco de futebol do mundo: o Maracanã. Fomos assistir ao jogo Flamengo 2X2 Bangu. Foi incrível! Lembro até do gosto do Genial, espécie de cachorro-quente vendido no Estádio. Lembro, ainda, dos biscoitos Globo e do Mate Leão gelado. O deslocamento de trem entre Sepetiba e o

Maracanã era uma aventura. Na volta para casa, o trem foi alvo de pedradas, coisas de vândalos da época. Meu pai, me cobriu com seu corpo e me protegeu do pior. Apesar do susto, esse dia foi inesquecível! Acredito que, por esse motivo, eu rejeitava as pipas feitas por meu pai, pois o que eu queria mesmo era jogar bola. Esse era o meu sonho. Porém, ainda quero mencionar uma coisa: meu sonho era ser goleiro de futebol profissional.

Uma coisa é certa, em minha infância e adolescência, eu fazia tudo para jogar futebol. Não tinha tempo ruim, apesar da falta de transporte e da falta de dinheiro. Esses obstáculos não se tornaram empecilhos, que me fizessem desistir de praticar o esporte bretão. Jogava em todas as imediações do bairro, por exemplo: no Cacique de Ramos, no antigo estacionamento do Supermercado Casas da Banha de Olaria (bairro vizinho a Ramos), na Quinta da Boa Vista, no Social Ramos Clube, no Quartel do Corpo de Bombeiros de Ramos, na Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ilha do Fundão / UFRJ), na praia do Leme, na Quadra do Olariense, na Quadra do Suruí, no SESC de Ramos, no Campo do Furão, no Campo do Cai Duro, na Rua Cintra, na Pracinha da Santa Mariana, em todos os campos das Forças Armadas da Avenida Brasil, na Rua Professor Lacê, na rua da feira de Ramos, na Rua Paranapanema, nos Brotinhos do Olaria e por aí vai ...

Memórias amplamente coletivas, segundo Halbwachs (1990, p. 16):

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.

Essas lembranças são confirmadas pelos atores que junto comigo vivenciaram todos esses momentos de coletividade. Mas, por interesse próprio e muito pessoal, transformaram-se em memória individual. Quando não tinha com quem jogar, eu jogava sozinho no meu quintal. Chutava a bola na parede e treinava a pegada, jogava a bola em cima do telhado e esperava ela cair para treinar saídas de gol. Nas férias escolares, enquanto a maioria dos meus amigos soltava pipa, eu estava chutando uma bola na parede de uma fábrica que funcionava na Rua Roberto Silva. Sozinho, eu jogava bola de manhã, de tarde e de noite. Eu me jogava no asfalto, no paralelepípedo, na grama, no barro e na brita. Quanta saudade boa desses bons tempos. Tudo isso para realizar um sonho de criança. Com certeza, faria tudo outra vez!

Não me lembro ao certo em que mês do ano de 1986, mas, de repente, alguns amigos chegaram na escola com uma novidade: o Olaria Atlético Clube, tradicional clube da Zona da

Leopoldina, e que se utilizava de vestes alvianis em suas diversas modalidades esportivas, iria abrir um período de testes para suas categorias de base de futebol de campo. As famosas peneiras¹⁵! Era preciso pagar uma taxa de inscrição para ter direito a fazer quatro testes. Falei com meu pai, que providenciou o valor referente à inscrição. Então, eu e a meninada da escola nos dirigimos à Rua Bariri, onde fica situado o clube, no bairro de Olaria. Fizemos a inscrição e aguardamos a data do primeiro teste. Assim, começaria a saga que dá nome ao título deste tópico.

Do crivo alvianil ao profissional, a realização de um sonho de criança versa sobre os sonhos de um menino, que queria ser jogador de futebol e, para ser mais preciso, queria ser goleiro de futebol profissional. Quiçá, ser jogador de futebol seja o sonho de muitos meninos e meninas pelo Brasil a fora, conforme citei anteriormente. Para realizar esse sonho, precisei superar muitos obstáculos e, na minha viagem para realização de meu sonho infantil, enfrentei muitos percalços e desafios até sua concretização. A cada etapa superada, sentia o aperto do afunilamento advindo das exigências, pois, além de inúmeras qualidades técnicas, eu precisava de muito controle emocional para não desistir no meio do caminho.

Controlar a ansiedade, talvez tenha sido o maior desafio até chegar o primeiro dia de testes. Providenciar a indumentária de um goleiro era a primeira dificuldade enfrentada, pois precisava de um par de luvas, um par de chuteiras, uma camisa, um calção e/ou calça de goleiros. Todos materiais específicos, assim como, a posição em si. Apesar das dificuldades financeiras, mais uma vez, meu pai foi o mecenas, que financiou a compra do material que necessitava e, assim, incentivou a realização de meu sonho.

Na atuação de um goleiro, as luvas têm a função de contribuir com as intervenções feitas pelas mãos dos goleiros, uma vez que ajudam em uma de suas principais técnicas, a pegada: o ato de segurar a bola com firmeza, sem soltá-la. Por conseguinte, é a principal ferramenta, considerada como um equipamento imprescindível. Nos dias de hoje, as luvas são feitas de materiais, que aumentam a aderência da bola à palma das luvas. Porém, nem sempre foi assim! Minha primeira luva era muito bonita, num tom de azul bem forte e com emborrachado avermelhado, porém, o material emborrachado não era o ideal para aumentar a aderência. Muito diferente das atuais palmas de espuma látex que, além de mais resistentes, possuem mais aderência à bola. A ansiedade era tanta, que todos os dias, me vestia com o uniforme e ficava diante do espelho, imitando alguns gestos de goleiros, por exemplo, a posição de expectativa.

¹⁵ Peneira - Seleção de jovens atletas feitas por clubes de futebol para encontrar novos jogadores para as categorias de base.

Por fim, o tão esperado dia do primeiro treino/teste chegou. Tive que me deslocar de ônibus de Ramos até o Campo do Itube, que fica na Ilha do Fundão, a Cidade Universitária da UFRJ. No espaço, havia dois campos, um maior e mais gramado e, ao lado, por trás dos vestiários, um campo um pouco menor e sem nenhuma grama, um verdadeiro representante do futebol raiz. Mas, para mim, era como se fosse o Maracanã, o maior palco do futebol mundial daquela época.

Um senhor, com uma prancheta nas mãos, de óculos e meio corcunda, pois apresentava uma protuberância aparente na parte superior das costas, se dirigiu a passos lentos ao centro do campo. Reuniu todos os quase cinquenta meninos, que dividiam o mesmo sonho que eu. Tratava-se do Senhor Jozerildo que, de forma abreviada, era chamado de Sr. Zerildo, o responsável por conduzir todo processo avaliativo. Nessa hora, meu coração disparou, minhas pernas tremeram e a boca ressecou. Chegou a hora de ficar sob uma baliza de sete metros e trinta centímetros de largura por dois metros e quarenta e dois de altura. Não sabia a importância desse momento para minha vida futura.

Seu Zerildo conferiu a lista que tinha nas mãos e começou a dividir as equipes por faixa etária: meninos nascidos nos anos de 1972, 1973 e 1974, que pleiteavam uma vaga no clube da Rua Bariri. A bola rolou e, sequer lembro de ter feito alguma defesa, porém, lembro que sofri três gols e, embora ainda faltassem mais três treinos, achava pouco provável ser selecionado. Mas, o inesperado aconteceu. Ao final do primeiro dia de testes, o Sr. Zerildo reuniu novamente, os meninos e começou a apontar os garotos que, no dia seguinte, deveriam comparecer à sede do clube. E, para minha surpresa, ele apontou para mim e disse: “você goleiro, qual o seu nome, mesmo?” Respondi meio que a gaguejar e, até hoje, me pergunto, o que aquele senhor teria visto em mim naquela ocasião? É bem provável, que seu olho clínico tenha visto algo que despertou sua atenção.

Cheguei em casa radiante de alegria, contando a novidade para minha mãe e para minha irmã e, em seguida, liguei para meu pai e lhe contei do meu êxito. Ficamos todos muito felizes! Porém, no dia seguinte, teria que estar no clube e, assim, enfrentaria minha primeira dificuldade para prosseguir em busca do sonho: dinheiro para transporte. A solução? Acordar mais cedo e ir a pé, de Ramos a Olaria. Perdi as contas das vezes que fiz esse trajeto, pois, a partir desse dia, os treinos se intensificaram e passaram a ser diários. Houve alternância nos locais dos treinos, entre a sede do clube e o campo onde aconteceu a peneira.

Naquele segundo dia, na sede do Clube Alvianil da Rua Bariri, eu e os demais garotos selecionados recebemos das mãos do Sr. Zerildo alguns documentos. Termos de autorização para que os responsáveis assinassem e, também, para que a escola confirmasse, que estávamos

devidamente matriculados em algum estabelecimento de ensino. Também deveríamos providenciar os seguintes documentos: certidão de nascimento e registro geral. Meu pai me ajudou a providenciar o RG e, tão logo, entreguei a documentação, fui federado pelo clube.

Tinha início minha jornada, no esporte de rendimento, com uma rotina diária de treinamentos e disputa de jogos em competições referentes às categorias de base do futebol carioca. Alguns embates futebolísticos ainda estão vivos em minha memória e, descrevo, agora, o primeiro: um amistoso entre Olaria X Flamengo, pela categoria mirim, no ano de 1987. Lembro disso como se fosse hoje. O jogo aconteceu pela manhã, no Estádio da Rua Bariri. Era a primeira vez que enfrentava de forma efetiva o clube, no qual sou torcedor, o Flamengo. A disputa permanecia empatada em zero a zero até os quarenta e cinco minutos do segundo tempo. Mal sabia eu que, naquele dia, teria minha primeira experiência com o momento mais temido por qualquer goleiro: a falha, o erro, ou seja, aquele momento que, popularmente, é conhecido como frango¹⁶.

O atacante invadiu a área pela esquerda e preparou o chute, fechei o ângulo do oponente flamenguista, que fez todos os movimentos corporais que indicavam a probabilidade de um chute muito forte. Mas, para minha surpresa e por conta do gramado esburacado do alcapão da Rua Bariri, o chute saiu mascado e a bola veio rasteira em minha direção, quase que em cima de mim e parecia ser fácil a execução da defesa. Essa falsa facilidade acabou comigo, pois, quando fiz os gestos técnicos para defender a pelota, relaxei e não abaixei o corpo como deveria. Conclusão: a bola passou por entre as minhas mãos e dedos e, eu, atônito fiquei sem reação alguma, apenas, observei a bola a entrar bem devagar no fundo da meta que eu defendia.

Nesse dia, minha mãe, minha irmã, meu tio Antônio Itamar, irmão de meu pai e meu primo Daniel Oliveira estavam presentes na tribuna. Eles faziam parte de minha torcida particular e, mesmo após a incrível falha, continuavam gritando meu nome e me incentivando. Cabisbaixo, peguei a bola no fundo das redes, respirei fundo e enxuguei uma lágrima que rolava pelo meu rosto. Olhei para minha família e baixei a cabeça com muita vergonha. Perdemos o jogo amistoso por zero a um e, no apagar das luzes, a vergonha era tanta, que as duas semanas seguintes a esse episódio, eu faltei aos treinos. Adoei, tive uma bronquite que um médico do posto de saúde, após verificar alguns exames, chegou a perguntar a minha mãe se eu havia passado por algum trauma. Com aquela experiência, aprendi o quanto teria que ser

¹⁶ Frango - Termo utilizado para designar o momento em que o atleta (goleiro) falha na tentativa de evitar o gol, quando isso ocorre, o goleiro ganha o apelido de frangeiro.

forte para conviver entre a cruz e a espada, o céu e o inferno, provenientes da vida de um goleiro. E assim, o fiz! Busquei forças de onde tinha e de onde não tinha para seguir a viagem.

Ainda em 1987, disputei meu primeiro Campeonato Carioca Infantil, mesmo com idade de mirim. Comecei como titular da competição e, joguei os dois primeiros jogos do certame, nos quais empatamos de zero a zero contra o América e contra o Mesquita. Depois disso, não joguei mais como titular. O motivo: meu tamanho! Não crescia, era menor que os outros goleiros que chegavam ao clube após a minha peneira, que também foram aprovados. Os goleiros Henrique Gassibe e Ricardo Guimarães eram maiores que eu. Ambos grandes amigos que fiz, uma amizade que perdura por mais de trinta anos. Porém, este era mais um paradigma que teria que enfrentar e superar, pois diziam que para ser goleiro, tinha que ser alto.

Figura 3 - Equipe do Olaria Atlético Clube. Campeonato Carioca Infantil. Estádio Ítalo Del Cima, Campo Grande - Rio de Janeiro



Fonte: arquivo do autor (1987)

Naquele ano, só joguei mais duas vezes como titular, nas duas últimas rodadas, em um jogo contra a Portuguesa da Ilha do Governador e outro contra o Campo Grande. Resultados: mais dois empates de zero a zero. Eu, o goleiro, era considerado baixo, mas, também era duro na queda, diferente do dia da peneira e do amistoso contra o Flamengo. E, aos poucos comecei a mostrar o meu valor. Durante o período, em que não estava sendo selecionado para os jogos do campeonato, recebi o convite para jogar um campeonato interno do clube, conhecido por Campeonato de Brotinhos do Olaria. Um torneio jogado em um dos campinhos *societys* do clube e disputado por filhos dos associados. Ali, era também um celeiro de craques e revelações. Os jogos aconteciam aos domingos pela manhã e, me lembro de minha mãe sentada atrás de um dos gols que eu defendia a cada partida. A presença dela aumentava minha confiança e, ao final do torneio, fui agraciado com o Troféu Norildo Lira, como destaque da competição.

Em decorrência das dificuldades financeiras, passei parte de 1988 e de 1989 sem jogar. E para ajudar em casa tive que trabalhar. Trabalhei como ajudante em uma oficina de automóveis, depois, na mesma função em uma gráfica e, por último, ajudava nos serviços gerais de uma farmácia. Os tempos eram difíceis, mesmo com a pensão alimentícia paga por meu pai, a economia e a inflação daquela época não ajudavam as famílias mais pobres. Para que tivéssemos carne no prato, minha mãe abria mão de comer a porção de carne do seu próprio prato, à qual tinha direito em seu trabalho, como cozinheira do convento das religiosas e, trazia para que eu pudesse dividir com minha irmã.

No início do ano de 1990, conversei com minha mãe sobre a possibilidade de voltar a jogar futebol e de voltar ao Olaria. Ela acenou de forma positiva, pois sabia que eu não estava feliz. Voltei então ao Clube Alvianil e os anos vindouros foram decisivos para a minha decisão de lutar pela realização de meu sonho: ser atleta profissional de futebol. Ainda em 1990, eu e meus companheiros de clube fomos vice-campeões do Estado na categoria juvenil, mas fiquei na suplência o campeonato todo, tendo jogado, apenas, uma única partida, na vitória por três a zero contra o América de Três Rios. O titular e amigo Everaldo Ferreira não me deu espaço para assumir a titularidade.

O ano de 1991, começou com a disputa acirrada pela posição de titular na meta da equipe de juvenil. Novamente, os goleiros nascidos em 1973, Henrique, Ricardo e eu, travamos um embate para envergar a camisa de número um. Dessa vez, com um agravante, o goleiro baixinho dos anos anteriores, crescera. No campeonato brasileiro de juvenis, o Treinador Toninho Andrade optou por promover o amigo Henrique a titular daquela competição. Fiquei triste, porém, ele foi merecedor e fez uma grande competição. Lembro-me que choramos juntos com a eliminação nos pênaltis.

No Campeonato Carioca de Juvenil daquele ano, quem teve a chance de iniciar jogando fui eu. O Treinador Armênio Moura confiou à minha pessoa a camisa de número um, do time da Rua Bariri. Nesse ano, essa competição e a oportunidade a mim dada foram determinantes na construção do alicerce de meu sonho. Foi uma campanha incrível, batíamos times grandes do Rio de Janeiro em seus próprios estádios e no alçapão da Rua Bariri, no qual já conhecíamos todos os buracos do campo. Naquele reduto, éramos quase imbatíveis. Com muito orgulho, fomos mais uma vez vice-campeões do Estado na categoria, mas, dessa vez, por um ponto de diferença para o primeiro colocado, o Flamengo. E, para mim, o principal: fui o titular em todas as partidas da competição.

Na vida familiar as dificuldades persistiam, mas, com muito esforço e aperto superávamos todas as crises. Não tinha dinheiro para comprar as luvas de goleiro, então, pegava

as luvas velhas dos goleiros do time profissional e comprava um metro de espuma látex nas casas, que vendiam couro na Rua Montevideu, na Penha. Depois, cuidadosamente, recortava o molde, colava e costurava. Apesar de não ser um material resistente, era muito aderente e os goleiros dos clubes grandes ficavam curiosos para saber o nosso segredo. As camisas que eu usava nos jogos, quase sempre, eram emprestadas. Até que um dia, no meu aniversário de 18 anos, os meus amigos de Ramos, Waltencyr, Marola, Moca, Romildo e Franklin me presentearam com uma camisa de goleiros. A camisa era linda e me acompanhou durante muito tempo.

Sempre procurei superar os desafios do dia a dia. Continuava a ir e vir a pé, de Ramos a Olaria e de Olaria a Ramos, sob o sol ou sob a chuva, com e sem contratempos, eu seguia obstinado e acreditava, que atingiria o ápice: a realização de meu sonho de criança. No ano de 1992, fui promovido para a equipe de juniores, uma categoria antes de chegar ao profissional. Teria que passar mais dois anos nessa categoria e, por fim, saber se seria, ou não, aproveitado na equipe profissional. Naquele ano, o campeonato de juniores foi disputado na segunda divisão do Estado e, novamente, voltei ao banco de reservas na suplência do amigo e goleiro Francisco Everaldo. Enfim, fomos campeões. O ano de 1993 foi decisivo, porém, essa é outra longa história desta minha viagem.

1.3 - Narrativas de um futebolista: realidade que a mídia não mostra

Mais uma década se passou desde o início de minha viagem e, novamente, uma guinada modificou minha realidade. O ano de 1993 transcorria dentro da normalidade e, no futebol, tive a última oportunidade de mostrar todo meu potencial sob as balizas antes de chegar, ou não, ao profissional. Na vida familiar, as dificuldades eram as mesmas, sobretudo, as financeiras. E, àquela altura, havia uma forte pressão familiar para que um rapaz, entre 19 e 20 anos, trabalhasse para ajudar em casa. Até então, ganhava somente meio salário mínimo de ajuda de custo e repassava todo à minha mãe.

Muitas vezes, alguns detalhes são lembrados nas conversas com minha mãe e/ou com amigos em comum, que participaram de minha jornada. No entanto, percebo que minha memória esquece alguns aspectos e, eu, somente, os revejo a partir do meu próprio ponto de vista, como afirma Halbwachs (1990, p. 22):

Mais tarde, talvez, nós reencontraremos um deles, e ele fará alusão a particularidades dessa viagem da qual se recorda e da qual deveríamos nos lembrar, se tivéssemos permanecido em relação com aqueles que a fizeram conosco e que, entre eles, dela falaram muitas vezes depois. Mas nós esquecemos tudo o que ele evoca e que se esforça em vão para nos fazer lembrar. Em compensação, nós nos lembraremos daquilo que experimentávamos então com o desconhecimento dos demais, como se essa espécie de lembranças houvesse marcado mais profundamente sua impressão em nossa memória porque não tinha relação senão conosco.

Memórias, que foram vividas em companhia de amigos ou pessoas muito próximas, inúmeras vezes, não foram lembradas de acordo com o ponto de vista do outro, mas a partir das memórias que tiveram mais significado para a minha história pessoal, como os relatos que farei a seguir, plenos de imensa significância. Continuava minha jornada a pé, saía de casa cedo e, às vezes, passava o dia no clube, pois, a pedido do Sr. Serjão, preparador de goleiros, já treinava entre os profissionais e seria melhor ficar por lá para o treino da tarde. Mas, inúmeras vezes, isso não acontecia, porque, nem sempre dava certo almoçar no restaurante do clube. Novamente, a pé, eu retornava para casa, almoçava e de repente, voltava para o clube para a próxima sessão de treinos. E, assim, eu seguia em mais uma viagem pelas ruas de Ramos e Olaria, sempre superando o cansaço e as dificuldades, que insistiam em persistir e, por vezes, me faziam pensar em desistir. Entretanto, seguia firme! Ao final da tarde, mais uma viagem a pé, regressava para concluir os estudos no antigo 2º Grau Noturno.

Era uma luta infinda, mas, minhas metas e meu sonho falavam mais alto. Em virtude das dificuldades financeiras, que nossa família enfrentava, no início do ano de 1993, minha mãe recebeu uma nova oferta de ajuda. Dessa vez, minha Tia Sandra se prontificou ajudá-la. Em princípio, a proposta era de irmos todos para Brasília, lá, eu e minha irmã teríamos a chance de trabalhar e de seguir com os estudos. Todavia, conversei com minha mãe e disse que gostaria de ficar e tentar a realização do sonho de me profissionalizar e me tornar um atleta profissional de futebol, goleiro.

Assim, começou uma nova etapa de minha viagem e, dessa vez, seguia sozinho, sem minha família nuclear, uma vez que, minha mãe e irmã se foram para Brasília. Passei a residir em uma república do clube, embaixo da arquibancada, em um local também chamado de concentração ou ainda, chamado de caverna, por nós, que ali residíamos. Éramos oito jovens sonhadores, Chico, Magé, Léo, Marcinho, Biscuí, Ândoli, Roni e eu. Nessa época, meu pai vivia entre a casa de minha avó e de sua segunda esposa, como não queria dar trabalho, a caverna foi meu destino.

O espaço era amplo, dispondo de 20 armários embutidos e 10 camas de solteiro. Só havia um ventilador de teto, por conseguinte, era necessário aproximar as camas umas das outras. Um televisor bem antigo em preto e branco, um rádio de pilhas e uma geladeira completavam o mobiliário. Não havia forro e o teto era formado pela estrutura das arquibancadas e, quando chovia, era preciso afastar as camas para não nos molharmos. Cada um recebia um bloquinho com os vales refeição, que permitiam almoçar e jantar no restaurante e, tomar café da manhã no bar do clube.

Nos dias de segunda-feira, os treinos eram mais puxados e, quase sempre, fazíamos uma corrida de longa distância com oito quilômetros de percurso, na praia de Copacabana. A corrida iniciava no bairro do Leme, seguíamos pelo calçadão até o Posto Seis e, de lá, regressávamos ao Leme pela areia. Chegando lá, tínhamos um treino na areia em forma de circuito. Esses eram os métodos de treino da época. Quero fazer um destaque: nós, que morávamos no clube, não tínhamos café da manhã às segundas-feiras, pois o clube era fechado. Nossas refeições eram feitas em um restaurante, que ficava próximo, mas não servia café da manhã e, realizar esse esforço físico em jejum era muito arriscado e, também, prejudicial à saúde.

A falta de alimentação, que prejudicava a todos nós, era amenizada pela família de um torcedor do clube, que sempre se sensibilizava com nossa situação. Assim, todas as manhãs de segunda-feira, um de seus três filhos, nos trazia um café da manhã simples, porém nutritivo, o que nos ajudava a prosseguir. Houve um período, em que o restaurante do clube fechava no período noturno, por isso, as marmitas do nosso jantar ficavam prontas desde a hora do almoço. Às vezes, quando chegávamos do treino da tarde, a comida estava azeda e, quase sempre, não tínhamos dinheiro sequer para comprar um pão.

Novamente, essa família nos estendia a mão. O Sr. Chicão, Dona Vera, sua esposa e Xexo, Eduardo e Cláudia, seus filhos, nos recebiam e nutriam nosso corpo com alimentos e nossa alma com acolhimento e afeto. As famílias de todos, que moravam ali, residiam em outros estados ou, em outras cidades do Estado do Rio de Janeiro. Além das dificuldades relatadas, convivíamos com a saudade da família. E, graças à ajuda dessa família, recebíamos apoio, que era primordial e fundamental para todos.

Nesse mesmo período, as coisas não iam bem para minha mãe e minha irmã em Brasília. O relacionamento em família acabou não dando certo e elas não queriam voltar para o Rio de Janeiro. De lá, foram tentar a sorte no sul do país, para ser mais preciso, elas foram para Joinville, Santa Catarina, pois um amigo de minha mãe lhe ofereceu emprego. As duas foram com a cara e a coragem. Enquanto isso, eu corria atrás de meu sonho no Rio de Janeiro. Nessa época, mantínhamos contato por telefone e/ou por cartas, mas, eu nunca contava sobre as

dificuldades enfrentadas. Para ajudá-las, continuava a dividir minha ajuda de custo com elas. A saudade era imensa, nunca tinha passado tanto tempo longe de minha mãe. Na primeira folga que tive, viajei para passar alguns dias no sul. Com certeza, esse foi um dos encontros mais emocionantes que tive com minha mãe. Desembarquei e me dirigi à lanchonete, em que ela trabalhava, no centro de Joinville e, em um abraço apertado e regado a muitas lágrimas, expressamos o amor, que sentimos um pelo outro. Com certeza, esse foi um dos momentos mais lindos que vivi ao lado dela.

No início de 1994, eu já era o terceiro goleiro da equipe de profissionais do Olaria, mas, só seria relacionado em caso de contusão ou suspensão do suplente ou do titular. Cabia a mim, não esmorecer e treinar, então, treinava muito. Era isso que eu fazia todos os dias. Treinava muito mais que os outros, sempre acreditando, que a qualquer momento uma tão esperada oportunidade surgiria. Mas não foi no campeonato estadual daquele ano, que eu fiz minha estreia como profissional.

Por fim, no segundo semestre do ano de 1994, minha primeira oportunidade surgiu na Copa Rio daquele ano: fiz minha estreia diante do América, em um jogo que terminou empatado em zero a zero. Realizava assim, meu sonho de ser goleiro profissional de futebol, meu sonho de criança. A competição teve seis jogos na primeira fase e nós nos classificamos para fase seguinte, porém fomos eliminados pelo Botafogo nas quartas de final daquela competição. Na ocasião de minha primeira competição como profissional, meu pai, que era meu torcedor número um, não teve oportunidade de acompanhar de perto, pois estava com minha avó em outra cidade.

Ao final de 1994, a expectativa era pela renovação de meu contrato e a manutenção da titularidade no gol da equipe profissional da Rua Bariri. Viajei para passar o Natal e os Festejos de Ano Novo com minha mãe e minha irmã no sul do Brasil e, ao voltar para o Rio de Janeiro, já no ano de 1995, decidi me dedicar integralmente aos treinos da pré-temporada de preparação para um dos mais charmosos campeonatos de futebol do país, o Campeonato Carioca de Futebol. Passei o mês de janeiro todo me dedicando a isso, o clube já tinha contratado um goleiro do Guarani de Campinas, e eu, ainda não havia feito a renovação de meu segundo contrato, aguardava ansioso por isso, até que enfim o tão esperado dia chegou.

Fui chamado à sala da presidência do clube na noite do dia 25 de janeiro de 1995, uma quarta-feira. Entrei tremendo, não tinha experiência alguma nesse tipo de negociação. O primeiro contrato, não foi negociado, somente me entregaram e pediram para assinar, dizendo que eu ganharia um salário mínimo. Mas, na renovação e, depois de ter sido titular, eu esperava que poderia, pelo menos, dobrar meu soldo e ganhar dois salários mínimos. Então, o presidente

do clube me perguntou quanto eu ganhava e quando eu lhe disse, ele desdenhou da outra gestão dizendo que era muito pouco, que a outra gestão era sovina e não valorizava a prata da casa¹⁷.

Ele me disse que eu passaria a ganhar cinco salários mínimos. Eu, radiante de feliz e ainda trêmulo, só falei pular sobre o presidente e abraçá-lo para agradecer. Queria pegar logo a caneta e rabiscar o papel para firmar o contrato e poder ajudar minha mãe. Ela fez muito para que eu realizasse meu sonho infantil. Ao lado de meu pai, ela também era minha torcedora número um. Saí da sala radiante de feliz e pronto para, ainda no final de semana, procurar meu pai e meus demais familiares paternos e maternos, que residiam no Rio. Liguei para minha mãe, contando as boas novas e ela me lembrou seu bordão: “Ainda vamos rir, muito disso tudo”.

Aquela noite de conquista foi marcada por um fatídico momento, quicá o momento mais difícil que já enfrentei. Naquela mesma noite, perdi meu pai para sempre. Um infarto fulminante ceifou sua vida terrena. Soube do ocorrido, logo muito cedo, ainda pela madrugada, quando bateram à porta da concentração e disseram que eu deveria me dirigir à portaria do clube, pois havia um telefonema para mim. Fui correndo e pensando, que seria algo relacionado à minha mãe e à minha irmã. Mas, ao chegar a portaria, o porteiro do clube, sem rodeios, me disse para aguardar um instante, pois meu Tio Itamar ligaria e que meu pai falecera. Fiquei atônito e disse ao rapaz da portaria que aquilo não era brincadeira. Porém, o telefone tocou e, ao atender e ouvir a voz de meu tio, um sentimento de impotência tomou conta de mim. Realmente, não sei descrever o tamanho da tristeza que senti naquele momento.

Muito triste, me dirigi ao local onde seria o sepultamento para me despedir do meu velho Bira. Carregava no coração um misto de culpa e me questionava: por que não procurei por ele e por todos os outros parentes antes? Mas, não havia muito o que fazer. Cobri seu corpo com uma camisa oficial do Flamengo, presente de um jogador do Clube Rubro-Negro, que estava guardada, para que eu entregasse a ele. Não sabia que seria dessa forma. Não tinha forças emocionais para permanecer e ver meu pai ser sepultado. Pedi à minha vó para me retirar e voltei ao clube para o treino da tarde. Ainda meio aéreo, recebi o consolo dos amigos de equipe e da comissão técnica. Meio perdido treinei e a cada instante olhava para céu e pensava: “Pai, o senhor queria que eu estivesse aqui”.

No domingo, a estreia do Campeonato Carioca de 1995 e, em conjunto com a comissão técnica, decidi jogar, alegando que estava bem. Novamente, o América era o adversário da primeira rodada. Uma derrota por quatro a dois, daquelas de perder o rumo, foi o que

¹⁷ Prata da casa - Termo utilizado para designar o atleta da categoria principal, que foi formado nas categorias inferiores de um clube ou organização esportiva.

conseguimos. Faço, aqui, um destaque: os gols que sofri, pois falhei feio em dois dos gols alvirrubros. Nos vestiários, aqueles olhares de pena e, aos gritos, disse a todos que a culpa da derrota era minha, que a decisão de estar em campo foi minha, porém não precisavam me olhar com piedade. As críticas, que sofri em um programa esportivo na TV, foram um golpe de misericórdia que derrubaram o goleiro de um metro e noventa de altura, mas, que se encolheu em posição fetal e chorou baixinho em sua cama naquela noite.

Acredito que minhas lágrimas foram enxugadas pelo Pai Celestial. E, no dia 02 de fevereiro de 1995, uma semana após a repentina partida de meu pai, entrei, novamente, no gramado esburacado do alçapão da Rua Bariri. Envergando a camisa com o número um estampado nas costas, luvas calçadas nas mãos para enfrentar o adversário, que se tornou o Campeão Brasileiro daquele ano. A camisa alvinegra do Botafogo de Futebol e Regatas era o adversário da vez, um clube grande do Rio, estádio lotado, enfim, tudo que eu, meu pai e minha família sempre sonhamos.

Jogo duro e muito difícil, com o Botafogo em cima o tempo todo. E, por fim, por volta dos vinte minutos do primeiro tempo, o gol botafoguense. A explosão da torcida nas arquibancadas e o meu olhar perdido e marejado pelas lágrimas, lembrava o quanto meu pai ansiou por aquele momento e o quanto me dediquei para merecer estar ali. Respirei fundo e falei comigo mesmo em pensamento: “O jogo é meu, este é o meu momento e vou dedicá-lo a você, pai”! E assim, aos quarenta minutos do primeiro tempo, o gol de empate. O amigo Luciano Silva, também, conhecido como Ligeirinho, empatou a partida com um gol de falta. Ligeirinho atravessou toda a cancha¹⁸ para comemorar comigo, me dar força e dedicar o gol à memória de meu pai. Depois disso, fechei o gol e fui escolhido pela imprensa esportiva como um dos melhores em campo naquela partida.

Figura 4 - Campeonato Carioca de Futebol Profissional. Olaria um a um Botafogo. Dia da missa de sétimo dia pela passagem do falecimento de meu pai



Fonte: Jornal dos Sports (1995)

¹⁸ Cancha - Campo no qual são realizados jogos esportivos: futebol, basquetebol, tennis e outros.

Ao final do embate futebolístico, acompanhado por alguns amigos, fui reverenciar meu pai em sua Missa de Sétimo Dia. Apesar do sucesso e do êxito daquele dia, a sequência da competição não foi da forma que esperava, tive alguns infortúnios, como por exemplo, a fratura em um dedo da mão, que interrompeu minha sequência de jogos, e me fez perder titularidade naquela competição. Naquele ano, só voltaria a jogar em uma excursão à Espanha, para participar de jogos amistosos, que aconteceram em várias cidades, tais como: As Ilhas Canárias, Tenerife e Santa Cruz de Las Palmas foram nosso primeiro pouso. Depois, Madri, Cádiz, Algeciras, Málaga, Alcalá del Valle, Murcia, Aranda de Duero, Burgos, Cambrils e Tarragona foram nossos destinos em terras de Cervantes¹⁹, em uma experiência ímpar de aprendizado futebolístico e cultural.

Em 1996, uma reformulação no clube e a contratação de alguns medalhões²⁰ do futebol, me fizeram voltar novamente à suplência. No final do contrato, o Clube tinha algumas dívidas com seus atletas. Um acordo, envolvendo o recebimento de parte de uma indenização e do atestado liberatório, me fez encerrar meu ciclo com o Olaria Atlético Clube. Estava livre para seguir minha carreira profissional em outra equipe, o que se tornou o início de uma longa viagem.

Enquanto não acertava um novo contrato, buscava outras alternativas e, pela primeira vez, prestei um vestibular. Concorri a uma vaga para o Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), porém, não me interessei em ver o resultado do certame, pois havia assinado um contrato com o Americano Futebol Clube da cidade de Campos dos Goytacazes, RJ. No entanto, por lá, enfrentei o mais temido adversário de todo atleta profissional de futebol: a falta de pagamento de seus proventos, na ocasião, chegamos a ficar três meses sem receber nossos salários. No final do campeonato, me chamaram para renovar, mas impus algumas condições, dentre as quais, receber os salários atrasados, mas não fui atendido. Por isso, não assinei nada e, pela primeira vez, precisei recorrer à justiça. Não recebi o pagamento de imediato, fiquei sete meses desempregado, sem clube e morando de favor na casa de meu Tio Lúcio, que me acolheu como filho durante vários anos.

O início do ano de 1998 trouxe para mim uma nova esperança, pois assinei um contrato com um time de serra, o Friburguense, da cidade de Nova Friburgo, RJ. No Estádio Eduardo Guinle, retomei aos treinos e com trinta dias fui colocado à prova. Durante a partida contra o

¹⁹ Miguel de Cervantes (1547-1616) - Dramaturgo, poeta, autor, apontado como expoente máximo da literatura espanhola com uma obra imortal, é tido como precursor do realismo espanhol. Sua principal obra é o romance *Dom Quixote de La Mancha*.

²⁰ Medalhões - Termo utilizado para designar atletas que conquistaram títulos em outros times, portanto, têm uma carreira de destaque e fama no futebol ou, em outro desporto.

Clube de Regatas Flamengo, entrei para substituir o titular Adriano, que se lesionou nesse jogo, que já perdíamos por três a zero. Por coincidência, a partida aconteceu no estádio, no qual vivi dos 12 aos 23 anos de idade, no alçapão da Rua Bariri, conforme já citado. Meu intuito era entrar para jogar trinta minutos e ir bem. Mesmo em pouco tempo, mais uma vez, me destaquei e impedi que o Clube Rubro-Negro ampliasse o placar. No dia seguinte, uma fotografia estampada no Jornal o Globo, com um lance emblemático da partida: eu voei com as duas pernas, em um carrinho²¹ no atacante Romário, grande nome do futebol mundial que, na imagem saltava sobre meu corpo. Mais um momento inesquecível em minha jornada. Com orgulho posso afirmar: lutei para concretizar e viver meu sonho como goleiro de futebol.

Figura 5 - Campeonato Carioca de Futebol Profissional. Flamengo 3X0 Friburguense



Fonte: Jornal “O Globo” (1998)

Ainda em 1998, mesmo tendo renovado meu contrato com o Frisão²², em agosto, surgiu uma oportunidade de transferência. E a rota de minha viagem foi alterada e, assim, parti para terras d’além mar! Novamente cruzei o Oceano Atlântico para lutar pelo meu sonho em solo lusitano. Desembarquei na cidade do Porto e me desloquei até a cidade de Ovar, cidade praiana do Aveiro, situada na região Norte de Portugal. Por lá, um suposto empresário me recebeu e acolheu.

De acordo com a promessa feita a mim, eu faria um contrato com um clube da segunda divisão de honra, porém, quando fomos até a equipe, na qual, supostamente, eu e outro brasileiro acertaríamos o contrato, percebi, que não havia nada definido. Na verdade, o empresário nos ofereceu uma aposta de sorte, ou seja, se algum clube nos aceitasse, ele ganharia uma comissão em dinheiro. O presidente desse primeiro clube disse, na nossa frente, que não

²¹ Um carrinho - Jogada típica do futebol, em um lance quando o atleta se atira no gramado, projetando as pernas para frente.

²² Frisão - Forma abreviada na qual o torcedor se refere ou menciona o Friburguense Atlético Clube, time de futebol do estado do Rio de Janeiro.

queria brasileiros por lá, porque preferia investir em jogadores africanos, que eram considerados como mão de obra mais barata. Primeiro, muito me entristeci pela conduta daquele senhor, que nos disse isso sem cerimônia alguma e, segundo, por entender que fora enganado pelo brasileiro, que me fez a proposta de vir para a Europa e, também, pelo brasileiro e suposto empresário que nos recebeu.

Não havia mais motivo para perder tempo em Ovar. Diante disso, um amigo do futebol, que havia jogado em Portugal, me indicou um empresário que talvez me ajudasse. Precisei me deslocar para Lisboa e bancar minha estadia do meu próprio bolso. Aos poucos, todas as minhas economias desapareceram da minha conta bancária. Um misto de frustração e desespero tomavam conta de mim. O empresário de Lisboa, no qual fui indicado, disse que me encaixaria em um time da primeira divisão portuguesa, o Vitória de Setúbal. Mas, ele queria que eu repassasse meu passaporte e um valor em dinheiro para ele, coisa que não fiz e que me fez desconfiar daquele sujeito.

Diante do revés, decidi regressar ao Brasil. Esperei por mais alguns dias até a data da passagem da volta chegar e retornei. Naquele segundo semestre daquele ano, minha situação era a seguinte: desempregado, sem clube, com o saldo bancário no vermelho, morando de favor e preocupado em como assumir a responsabilidade de ser pai diante de tão difícil situação. Minha noiva, mãe de minha primogênita, estava grávida.

O empresário brasileiro, que havia me indicado para Portugal, se esquivou das minhas cobranças relativas ao prejuízo financeiro e tentou me encaixar em um clube da segunda divisão do Rio de Janeiro, o Bonsucesso Futebol Clube. As dificuldades desse clube eram tantas, que de início, só ganharia um determinado valor por cada jogo e, de acordo com o que fosse arrecadado na renda de cada partida. O pouco dinheiro, que recebia, era todo investido na preparação do enxoval do bebê que viria ao mundo.

Complementava minha renda, jogando algumas peladas em torneios de futebol amador e trabalhando com vendas. Meu tio, fazia umas empadinhas e eu as colocava em uma cesta de vime e saía pelas ruas de Higienópolis e Bonsucesso para vender. Também trabalhei com uma cartela de produtos para limpeza de automóveis. Fazia das tripas coração para poder prosseguir minha viagem e continuar a viver meu sonho. Foi uma etapa muito difícil, porém, sem esmorecer, superei.

O ano de 1999 começaria com a esperança de que voltaria a jogar em um clube de médio porte, com um salário razoável e com a ansiedade de me tornar pai. E assim, no dia 10 de janeiro, chegaria ao mundo minha primogênita, Ana Cecília Freitas de Oliveira, que nasceu no Bairro de Santa Marta, em Niterói. Minha felicidade e emoção contrastavam com minha

preocupação, pois, tinha apenas a verba destinada para pagar o anestesista do procedimento do parto de sua mãe.

Nesse dia, minha mãe e minha irmã, me presentearam com um cartão muito bonito, que continha uma bela mensagem e, para minha surpresa, ao abri-lo descobri uma quantia em dinheiro, o que me ajudou a comprar algumas coisas que Ana Cecília precisava nos primeiros dias de vida. No retorno para casa, fiquei preso em um engarrafamento na Avenida Amaral Peixoto, no centro de Niterói, que era causado pelos ensaios de uma escola de samba local, a Viradouro. Estava muito feliz com a chegada de minha filha e como bom carioca, comemorei com samba e cerveja gelada.

Na sequência de minha viagem, a cidade de Itaperuna, RJ foi o destino, mas, após trinta dias de treino, não cheguei a um acordo sobre salários e, mesmo precisando muito me empregar, decidi esperar mais um pouco. Até que surgiu a oportunidade de jogar fora do Brasil, novamente. Dessa vez, em um país vizinho, a Venezuela. Acertei tudo com o empresário venezuelano e parti com destino a Caracas e, em seguida, Maracaibo. Apesar de toda dificuldade econômica do país vizinho, acertei um contrato de seis meses com a equipe do Nueva Cádiz, pequeno time da Cidade de Cumaná, que havia se mudado para Maracaibo para disputar o Campeonato Nacional da primeira divisão daquele país.

A saudade foi o maior obstáculo e, dessa vez, além de minha mãe e outros parentes, tinha a saudade de minha menininha, recém-nascida. Cumpri todo meu contrato e retornei ao Brasil e não estava monetariamente zerado, pois contava com alguns poucos dólares na poupança, que guardei para eventualidades. Havia uma promessa de renovação contratual, mas, por lá, a competição só começaria três meses adiante.

Nesse meio tempo de espera, ainda em 1999, surge uma nova proposta: um outro clube da região serrana do Rio de Janeiro, um preparador físico, amigo meu, havia me indicado aos dirigentes do Serrano Futebol Clube, da Cidade de Petrópolis e, novamente subi a serra. No Serrano FC, conquistamos o título de Campeões da Série A-2 do Campeonato Carioca. Com o título de campeão nas mãos, aceitei a proposta de renovação e desisti de regressar para a terra das *arepas*²³, a Venezuela. Assim, tive a possibilidade de acompanhar mais de perto o crescimento de minha filha. Mas, o futebol é muito incerto, o Serrano descumpriu muitas coisas de suas promessas, atrasou salários e, em decorrência da fórmula de disputa do campeonato carioca daquela época, não ascendeu à primeira divisão. Um balde de água fria em todos que acreditavam que as coisas poderiam melhorar com esse acesso do Serrano Futebol Clube.

²³ *Arepas* - Tradicional alimento da culinária venezuelana e colombiana, elaborado a partir da farinha de milho.

Em 2000, em consequência da dívida do Serrano comigo, consegui meu atestado liberatório para prosseguir minha viagem. O novo destino foi um clube da segunda divisão do Rio de Janeiro. Porém, não era em um clube qualquer, mas sim, um dos primeiros Clube Empresa²⁴ do país, o Centro de Futebol Zico (CFZ), o time do craque rubro-negro que é, altamente, respeitado no futebol mundial, sobretudo, no futebol japonês.

Ali, permaneceria por pouco mais de um ano, pois no início do ano de 2001, surgiu uma proposta, que mudou por completo a minha vida: um amigo me indicou a um clube do Nordeste do Brasil. Em março de 2001, fiz um contrato de um ano com o Clube de Regatas Brasil (CRB) da cidade de Maceió, nas Alagoas. Como bom andarilho e sonhador, arrumei minhas malas e apostei que essa seria uma boa escolha e foi! Tive um ano incrível com ótimas atuações na Copa do Nordeste, Campeonato Estadual / AL e Campeonato Brasileiro da Série B. Vivi uma experiência, à qual que não estava acostumado no futebol disputado por pequenos clubes do Rio de Janeiro. Estádios lotados, torcidas imensas e muito festivas. Um bom salário, a moradia dos sonhos em um flat de frente para o mar da Ponta Verde. As concentrações eram feitas nos melhores hotéis, constantes entrevistas na televisão, no rádio e nos jornais, algo que, no Rio de Janeiro, só acontecia de forma esporádica.

Infelizmente, na reta final da Série B de 2001, a desclassificação impossibilitou renovação do meu contrato. Como tinha feito uma boa economia nesse ano bastante positivo, pude me dar ao luxo de esperar um pouco para conseguir algo compatível, ou melhor, em termos financeiros, mas, nada de concreto surgiu. Então, no primeiro semestre, retornei ao Friburguense para a disputa do Caixão 2002. No segundo semestre, com o Frisão sem calendário de competições para disputar, fui emprestado a um clube da segunda divisão do Rio de Janeiro. Meu destino foi o Céres Futebol Clube, equipe humilde do bairro de Bangu. Campo ruim, estádio vazio, sem mídia, salário lá embaixo, estrutura quase que nenhuma, muitas dificuldades, sobretudo, quando comparava o que havia vivido no ano anterior em um clube do Nordeste. Foi difícil, mas com muito profissionalismo, quase conseguimos o acesso à primeira divisão naquele ano.

Em 2003, o amigo que, havia me indicado ao CFZ e ao CRB, me indicou ao América Football Club, tradicional clube do Rio de Janeiro, considerado o segundo time de todo torcedor carioca. Um clube com boa estrutura e com uma bela história. Uma pena que os campeonatos estaduais começavam a ganhar novas roupagens e, cada vez mais, tinham menor duração de tempo, o que deixava muitos profissionais desempregados por um longo período a cada ano.

²⁴ Clube Empresa - É um clube de desporto que é gerido como uma empresa, com objetivo de obter lucro.

O contrato com o América ainda não havia expirado, quando surgiu uma oportunidade de regressar ao Nordeste. Não pensei duas vezes e, assim, a cidade de Campina Grande, na Paraíba, me acolheu em 2003. Porém, ao arrumar as malas, meu preconceito e a falta de informação tomaram à frente, pois acreditava que a Rainha da Borborema fosse uma cidade minúscula e de chão rachado, em consequência da seca. Minha ignorância não me permitia enxergar além daquilo que a TV nos mostrava e empurrava como verdade durante anos.

Apesar desse equívoco preconceituoso, ao desembarcar na cidade paraibana e, depois de ter jogado uma temporada a defender o Treze Futebol Clube, comecei a perceber o quanto meu pensar tosco e grosseiro estava errado. O Planalto da Borborema, seu clima frio e suas festividades gigantescas durante no período junino me encantaram e reforçaram meu desejo de permanecer em terras nordestinas. Assim, fechava o ano de 2003 e, mesmo com o Treze enfrentando muitas dificuldades financeiras, o meu desejo era de renovar meu contrato.

Entretanto, meu destino para 2004 não seria a Paraíba. Desci para o litoral de outro estado nordestino e a cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, foi a minha nova casa, pois aceitei a proposta de um ano de contrato com o América de Natal. A Copa do Brasil, o Campeonato Estadual e a Série B foram as competições disputadas. Nesse ano, sem saber o que me aguardava no futuro, conheci a cidade de Mossoró, e me hospedei no Hotel Sabino para uma partida diante do Potiguar de Mossoró.

Em 2005, mais um estado e um clube nordestino para o currículo. Acertei um contrato com a Associação Olímpica de Itabaiana, localizada na Cidade de Itabaiana, SE. Chegamos meio desacreditados, sobretudo, em decorrência de alguns resultados negativos nos amistosos da pré-temporada. Mas, aos poucos, fomos mostrando nosso potencial como equipe e, ao final da competição, levantamos a taça de Campeão Sergipano daquele ano. Fui o goleiro menos vazado da competição e, como capitão da equipe, tive a honra e a alegria de erguer a taça. Comemorei o título com meus companheiros de clube e com a apaixonada torcida.

Embora tenha renovado contrato para o Campeonato Brasileiro da Série C, uma contusão abreviou minha permanência em Itabaiana, SE e, ao rescindir meu contrato, decidi não retornar ao Rio de Janeiro. Então, ainda em 2005, voltei à Natal, RN, na intenção de começar a fincar meus pés em solo nordestino. Foram três meses de tratamento à base de praia e água de coco na praia de Ponta Negra. A saudade de minha mãe e de minha filha sempre apertavam forte, porém, ficar e buscar novas oportunidades onde era mais valorizado, talvez fosse melhor.

No início de 2006, já recuperado, voltei ao futebol paraibano e fui parar no sertão, mais precisamente, na acolhedora e quente Cidade de Patos, onde passei a defender as cores do

Nacional Atlético Clube. Naquele ano, fizemos uma grande competição, mas o título não veio. Por conseguinte, precisei buscar um novo rumo para o segundo semestre. Por fim, após indicação de um amigo, atleta, acertei com a Associação Cultural e Desportiva Potiguar, que de forma popular é conhecido como Potiguar de Mossoró.

Simbolicamente, a cidade que é considerada a Terra do Sal e do Sol, a terra que tem Santa Luzia como padroeira, a terra que resistiu a Lampião e seus cangaceiros, a terra da Estação das Artes Eliseu Ventania. Local que de forma análoga, tomo o nome emprestado para ser o ponto de chegada/referência de minha viagem, a minha terra prometida.

Em 2007, apesar de ter renovado o contrato com o Potiguar, fui transferido para o seu maior rival: a Associação Cultural Esporte Clube Baraúnas, tendo participado das seguintes competições: Copa do Brasil, Campeonato Estadual / RN e Copa RN. O time obteve êxito na Copa RN, uma vez que foi o campeão daquele ano e, assim, entrei para a história de mais um clube de futebol. Ainda em 2007, fui emprestado ao Mossoró Esporte Clube (MEC) para disputa da segunda divisão do Estado, porém, sem sucesso, pois não conseguimos o acesso desejado.

Retorno para o Baraúnas e o ano de 2008 começa com a disputa de mais uma Copa de Brasil e do Campeonato Estadual/RN. Porém, ainda tive tempo para mais uma aventura, então, viajei para São Luís, capital do Maranhão, pois havia acertado com o Sampaio Correia Futebol Clube. Lá tive uma de minhas piores lesões, uma inflamação na região pubiana que me deixou quase cinco meses inativo. Aos 35 anos, começaria a pensar em parar de jogar futebol. Mas, o Potiguar de Mossoró requisitou meus préstimos mais uma vez. Então, regressei ao Time Príncipe. Mais uma Copa do Brasil e Campeonato Estadual pela frente. Mas, na pré-temporada percebi que a lesão pubiana, ainda, me causava muito incomodo, o que me levou a perder a posição de titular, uma vez que falhei em um clássico Potiba, o *derby* local.

Cabisbaixo e no banco de reservas, estava somente a espera para encerrar minha carreira. No entanto, um treinador amigo ainda me daria mais um voto de confiança. Rescindi com o Potiguar e viajei para Queimadas, na Paraíba, cidade vizinha a Campina Grande. Lá, defendi a Sociedade Esportiva Queimadense, um humilde clube, que mesmo disputando um campeonato da primeira divisão paraibana, era ainda muito amador. Lá estava eu, a viver uma nova realidade, treinava muito pouco e tomava algumas injeções e remédios para poder suportar as dores no púbis e jogar.

Conseguimos o êxito e ficamos aptos para disputar a primeira divisão do ano seguinte e, ainda, nos classificamos para as semifinais do segundo turno da competição, em uma campanha muito honrosa. Nessa jornada de inúmeras e inesquecíveis viagens, idas e vindas, sabores e dissabores, tive experiências diversas e, de acordo com Bondiá (2002, p. 25), “a

experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. O autor, acrescenta ainda que:

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente (Bondiá, 2002, p. 25).

Nas experiências vividas, sentidas, rememoradas e compartilhadas nestas linhas, tomo ciência do sujeito singular que fui e acredito ainda ser, eu me expus para existir. Vivi e realizei meu sonho de criança, me tornei atleta profissional de futebol, fui goleiro! Como diria Albert Camus (1913-1960), ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1957 e ex-goleiro: “nada na vida me ensinou mais que o fato de ter sido goleiro.” Conceito que durante muito tempo confirmei, a escola da vida e da bola, havia me ensinado muito. Porém, nas linhas vindouras e no prosseguir da viagem, percebi que, ainda, teria muito a aprender.

Assim, aos 36 anos de idade, no Estádio Ernani Sátiro, “O Amigão”, fiz minha última partida como goleiro profissional de futebol. Em uma vitória pelo placar de dois a um, diante do Treze FC. Nesse dia, fiz uma grande partida, ajudando a garantir a vitória. Não estava triste, estava feliz, *havia combatido o bom combate*, tinha ciência de que essa seria a melhor decisão a ser tomada.

O corpo já não respondia aos comandos para o desporto de rendimento, os treinos intensos, a instabilidade financeira e a saudade da família pesavam em minha escolha por pendurar as luvas e abandonar os relvados. Nessa época, já residia em Mossoró e teria que fazer uma nova escolha entre a ficar na terra da Estação das Artes ou retornar a terra da Central do Brasil. Mas essa, já é outra história!

1.4 - Do adeus aos relvados aos bancos acadêmicos: vivências formativas e os caminhos que nos conduziram ao método (auto)biográfico

Sonhei estender a carreira de futebolista até os quarenta anos de idade, mas, em 2009, decidi abandonar os gramados aos 36 anos, o que não foi nada fácil. Tinha a impressão, de que seria o fim de minha viagem. Inclusive, há um ditado popular que diz: o atleta profissional

morre duas vezes, uma quando encerra sua carreira e outra no momento de sua morte concreta. Minha memória me remete a música **Balada Nº 7 (Mané Garrincha)**²⁵: *“Sua ilusão entra em campo, no estádio vazio / uma torcida de sonhos aplaude talvez / o velho atleta recorda as jogadas felizes / mata a saudade no peito driblando a emoção”*. Era um misto paradoxal de emoções: a tristeza por abdicar da carreira e a alegria por tão difíceis, felizes e intensos momentos vividos nos campos e nos estádios de futebol.

Surgiram propostas de alguns clubes para prosseguir jogando. Mas, eu restava realmente decidido a buscar novos horizontes. Não foi um adeus definitivo, pois continuei trabalhando com futebol como membro de comissões técnicas. No segundo semestre de 2009, comecei a atuar como preparador de goleiros das categorias de base do Potiguar de Mossoró e, em 2010, assumi pela primeira vez a preparação dos goleiros da categoria profissional da mesma equipe. Para planejar e ministrar os treinamentos, eu utilizava de toda expertise adquirida por anos a fio de prática como goleiro. Ganhei a alcunha de professor sem ter formação acadêmica específica. Permaneci vivendo os mesmos dilemas e dificuldades enfrentadas nos tempos em que atuava, sobretudo, a instabilidade empregatícia e financeira.

Estava convicto de que deveria mudar minha rota, meus planos e sonhos. Amparado nos grandes exemplos e espelhos que tive, dos inúmeros profissionais de Educação Física com os quais trabalhei, já não tinha dúvidas: o melhor caminho a seguir, seria buscar tal mudança através da educação. Fiz minha inscrição para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para o Processo Seletivo Vocacionado da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PSV/ UERN) daquele ano. Apesar de estar afastado dos estudos há quase vinte anos, acreditava que poderia obter êxito nesse novo sonho.

Dessa forma, sonhei acordado! Consegui com um amigo algumas apostilas de cursinhos pré-vestibulares e comecei a estudar por conta própria. Portanto, nos momentos em que não estava ministrando treinos, eu estudava. Nos momentos de viagem com o clube, aproveitava o tempo ocioso no hotel e, estudava. Sempre sozinho, às vezes cheio de dúvidas, mas, não desistia, prosseguia! Outro amigo me emprestou os livros indicados para leitura pelo edital do PSV da UERN e, junto, veio um livro sobre técnicas de redação. Aprofundei meus estudos nesse livro e, quase todos os dias, escrevia um pequeno texto com temas diversos, seguindo sempre as orientações de escrita: introdução, desenvolvimento e conclusão.

²⁵ Música: Balada Nº 7 (Mané Garrincha) - Interpretada por Moacyr Franco (1936-...) e também por Noite Ilustrada - Mário de Souza Marques Filho (1928-2003) cantor, compositor e violonista brasileiro, conhecido como Noite Ilustrada. Composição: Alberto Luiz - (Vide Anexo 2).

Esse ínterim, que separava o momento da inscrição para os exames vestibulares e a avaliação propriamente dita, algo inesperado me ocorreu. O coração voltou a bater acelerado, as pupilas dilataram e a respiração ficou ofegante. Em primeiro de setembro de 2010, conheci o amor de minha vida: Sheila Adriana da Costa Silva, enfermeira. Mulher, que passou a me acompanhar nesta viagem, e a dividir a vida comigo. Lembro-me que tão logo a conheci, lhe confidenciei meus planos futuros. Porém, tais planos dependiam do resultado do vestibular que prestaria, pois, caso não obtivesse êxito no certame, já estava planejando voltar ao sudeste do país. De imediato recebi seu incentivo e pensamento positivo e, mesmo sem saber o que aconteceria, nós nos envolvemos em um romance arrebatador.

Figura 6 – Enlace matrimonial Sheila Adriana e Paulo Renato



Fonte: arquivo do autor (2016)

Com o coração aquecido e embalado por um grande amor, obtive a primeira grande conquista. Em janeiro de 2011, por conta da nota obtida no ENEM, soube da aprovação que me daria direito a uma das 60 vagas para cursar Agronomia na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Já estava radiante de feliz com o triunfo, porém, o melhor estava próximo de se concretizar. Uma semana após o resultado do ENEM, foi divulgado o resultado o PSV da UERN.

Consultei o *site* com o coração a mil por hora e, devido ao grande número de acessos, não conseguia visualizar a relação dos aprovados. Porém, através de uma rede social vi a mensagem de um amigo que dizia o seguinte: “Se não houver outro Paulo Renato Ribeiro de Oliveira, com RG do Rio de Janeiro, informo que você foi aprovado no vestibular da UERN.” Nessa hora, o coração quase congelou. Por fim, consegui acessar e visualizar meu nome na quinta colocação dos aprovados para cursar Educação Física / Licenciatura na Faculdade de Educação Física (FAEF/UERN). Entre lágrimas, telefonei para minha mãe e, depois, para Sheilinha para comunicar o feito e a mais nova conquista. Assim, a partir daquele emocionante dia, minha viagem ganharia novo sentido e novo rumo.

O menino dos mergulhos nas praias de Sepetiba, que corria atrás de uma bola pelas ruas e praças da zona da Leopoldina, que durante vinte e seis anos adentrou estádios de futebol, que percorreu o Brasil e alguns países do mundo, em busca de vivenciar e concretizar o sonho de criança, encontrou em, Josso (2004, p. 43) a seguinte afirmativa: “Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam nossa compreensão de coisas da vida.”

O menino que passou quase vinte anos afastado dos estudos, descortinava uma nova possibilidade de crescimento profissional e um novo sonho, que se iniciava. Além de descobrir que: “As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”, como afirma Josso (2004, p. 43).

A partir de então, os corredores da FAEF e suas salas de aula foram um novo espaço a explorar. As abordagens da cultura do movimento corporal e os teóricos da área eram os novos caminhos desta fase da viagem. Para Josso (2004, p. 118): “A narrativa de um pequeno percurso intelectual e de práticas de conhecimento põe em evidência os registros dos desafios de conhecimento ao longo de uma vida.”

Minha falta de conhecimento sobre as diferenças entre licenciatura e bacharelado foi dissipada logo nas primeiras aulas e disciplinas do curso. Pensava que, ao estudar Educação Física, estaria me preparando para prosseguir no esporte de rendimento, aliando teoria ao conhecimento empírico adquirido como atleta. No entanto, comecei a ter uma nova visão da dimensão e das possibilidades de alcance da Educação Física em prol da promoção da saúde física e emocional das pessoas e, também, da promoção do bem-estar e inúmeros processos formativos advindos de sua prática no contexto escolar.

Concomitante ao curso, prosseguia a trabalhando com o desporto profissional, atuando como preparador de goleiros das comissões técnicas dos clubes locais. Nesse período, abri Minha Escolinha de Futebol. E, ali, trabalhei diretamente com crianças, tive um excelente laboratório para pôr em prática o aprendizado acadêmico. Nas vivências com as crianças, percebi de que a ludicidade poderia ser uma boa opção em relação ao aprendizado e, assim, o fiz durante todo período em que mantivemos o funcionamento da escolinha. Não segui métodos que reproduzissem os movimentos estereotipados feitos por adultos, portanto, o brincar era atrelado aos principais fundamentos do esporte e alicerçavam as práticas formativas realizadas.

Assim seguia a viagem! Com treinos para goleiros, atividades para Escolinha de Futebol e os estudos na UERN. Foram anos de muitas experiências e de aprendizado. De 2011 até 2014, tive um ritmo de vida intenso para dar conta de todos estes compromissos, até que, no estágio

supervisionado, cheguei ao Instituto Alvorecer (IA), uma escola da rede privada de ensino, que me acolheu como professor de Educação Física Escolar, durante quase nove anos. No IA, vivenciei minha primeira experiência de docência, o que muito contribuiu para minha formação pessoal e profissional.

Nessa escola, me deparei, pela primeira vez, com alunos que tinham algum tipo de deficiência e buscava adaptar minhas práticas à cada criança para que tivessem o mesmo direito que as demais tinham em participar das aulas da disciplina. Do mesmo modo, fazia no planejamento da Escolinha de Futebol, que talvez seja uma das primeiras de Mossoró a receber alunos com deficiência.

O ano de 2014 foi também marcado pela luta, que eu e minha esposa tivemos, para buscar as causas de uma possível infertilidade. Inúmeras vezes, eu e Sheila realizamos exames e consultas médicas em clínicas especializadas em reprodução assistida. Enquanto a medicina insistia em dizer não, Deus preparava o terreno para que eu sentisse novamente *aquele frio na barriga* ao descobrir que seria pai pela segunda vez. Em 27 de outubro, veio ao mundo a pessoa, que me fez refletir e rever meus conceitos de relacionamento com as pessoas e com o mundo em geral. Nasceu Paulo Víctor da Costa Oliveira, um menino incrível, que impactou minha vida de forma significativa para sempre.

Figura 7 - Em família, com minha esposa Sheila Adriana e meu filho Paulo Víctor



Fonte: arquivo do autor (2018)

Em 2015, conclui o Curso de Educação Física e coleei grau. A Festa de Formatura foi a culminância de uma grande vitória familiar, um momento inesquecível. Direto da região sul, vieram minha mãe e minha irmã, da região sudeste, minha filha. Considerando tudo, que já tínhamos passado, naquele momento, a *frase de minha mãe* (impregnada de profunda sabedoria de vida): “rir de tudo isso”, mais uma vez, fez sentido para todos nós. O diploma, a nova função como professor, o Baile de Formatura e a certeza da generosidade de Deus se faziam presentes. Naquele dia, vivi mais um momento mágico: tirar uma fotografia com minha filha, algo que

parece simples, mas, nos tempos em que jogava futebol, não conseguia fazê-lo. Por isso, não tenho nenhuma foto com ela em campo de futebol. Certamente, Deus reservou mais um momento mágico e especial, que me permitiu concretizar este sonho naquele dia festivo.

Figura 8 - Eu e minha filha Ana Cecília, no Baile de Formatura em Educação Física



Fonte: arquivo do autor (2015)

Nesse mesmo ano, fui efetivado como professor com registro na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) pelo Instituto Alvorecer. O lúdico e os processos inclusivos passaram a fazer parte do meu planejamento e do meu fazer pedagógico diário em minhas aulas. Nessas experiências, muitas crianças com deficiência começavam a deixar suas marcas em meu coração e, cada vez mais, compreendia que elas precisavam de atenção, afeto, aceitação e respeito.

Em 2017, obtive aprovação em um concurso público e assumi o cargo de Professor de Educação Física Escolar da Educação Básica, em uma escola da zona rural do município de Russas, no estado do Ceará, na Escola Municipal Agrícola Pe. Pedro de Alcântara. Lá, um novo encontro com crianças com deficiência e a aproximação com a Sala de Recursos Multiprofissionais (SRM) para atendimento de crianças com necessidades educativas específicas. Local de imenso aprendizado, sobretudo, pela parceria e apoio da Profa. Edvânia Sombra, que muito contribuiu para meu aprendizado na área da Educação Inclusiva.

Em virtude dessa aproximação e da necessidade constante de capacitação e de formação continuada, decidi fazer um curso de pós-graduação lato sensu em Atendimento Educacional Especializado (AEE). Esse processo formativo teve imensa relevância no meu fazer profissional e, mais uma vez, houve uma guinada em minha vida em todos os sentidos.

Durante esses anos, observei que meu filho apresentava algumas características que poderiam trazer para meu lar a condição de família atípica. A confirmação do diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) para Paulo Vítor pesou forte em meus ombros, uma lágrima correu de meus olhos. Ao lado de minha esposa, recebi a notícia de que Paulo Vítor era uma criança com autismo. Pensava nele e, também, nas crianças com deficiência

que, a essa altura, já preenchiam os espaços de meu coração. Tive que ser forte, não tinha tempo para o luto e, de mãos dadas com minha esposa e meu filho, fomos à luta! As intervenções multiprofissionais precoces tiveram impacto positivo em seu desenvolvimento integral.

Tudo começava a fazer sentido, a paixão pela Educação Física Licenciatura, o encontro com as crianças e suas necessidades específicas no ambiente escolar e na Escolinha de Futebol e a opção pelo curso de especialização em AEE. Além disso, minha aproximação com a Associação de Pais e Amigos dos Autistas e TDAH de Mossoró e Região (AMOR) para um trabalho voluntário, com ações coletivas, que visam promover o bem-estar das famílias atípicas e, principalmente, de suas crianças.

Em 2018, mais um período marcante em minha jornada docente: pensando em uma atividade referente ao Dia das Crianças nas escolas, tive um momento de forte inspiração, no qual surgiu o Palhaço Pirulitão. Gradativamente, essa personagem começou a se fundir comigo, o que me possibilitou usá-la como recurso pedagógico com a finalidade promover, de forma lúdica, reflexões e ações interativas entre crianças e jovens. Fiz sua primeira apresentação aos estudantes da Escola Agrícola Pe. Pedro de Alcântara. E, desde então, além das escolas, sempre que tenho oportunidade, levo o palhaço para divertir crianças em projetos sociais ou qualquer ação social, que vise promover a interação social e a inclusão das pessoas através da arte. Tenho feito uma junção interdisciplinar entre cultura do movimento corporal e arte, sob a ótica de Freire (1978, p. 1) que afirma: “Enquanto professores, somos políticos e também artistas”.

Figura 9 - Palhaço Pirulitão pela primeira vez em ação, na Escola Agrícola Pe. Pedro de Alcântara



Fonte: arquivo do autor (2018)

Nossa aproximação com as práticas inclusivas e a defesa da garantia dos direitos das pessoas com deficiência se intensificaram. Realizar atividades que proporcionem um pouco mais de leveza às pessoas, que são excluídas de diversos contextos, passou a ser minha missão e uma forma de me sentir útil à sociedade. Comecei a me perceber como agente de transformação da sociedade e compreendi que, para seguir adiante nesta jornada, precisaria

trazer à tona as devidas reflexões e ações socioeducativas capazes de ajudar na transformação das mais diversas realidades.

Para isto, precisei reaprender a ensinar e a aprender durante o processo. Tal como diz Freire (1993, p. 19):

Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.

A partir de um aprendizado, que se constitui de forma mútua, que preserva o conhecimento prévio do alunado e que se regozija com associações reflexivas sobre a temática ou o conceito estudado. Que compreende que não há uma receita de bolo pronta. Que não generaliza e que não banaliza. Que evita rótulos e valoriza os aspectos singulares e o potencial de cada indivíduo.

Os anos seguintes de minha viagem foram dessa forma, sempre dedicados aos princípios inclusivos na íntegra. Estava cada vez mais marcado pelo carinho e afeto que recebia das crianças, junto à quais promovia um mínimo de ações, que as tornaram protagonistas de suas próprias histórias, em um processo formativo de aprendizado mútuo. Passei os anos seguintes, 2019, 2020, 2021 e 2022 me dedicando a essa luta constante. Em 2020 e 2021, de uma forma totalmente diferente do que estava acostumado, em virtude da pandemia do coronavírus, tive que me reinventar, assim como, todos os profissionais da docência, alunos, famílias e os demais segmentos da sociedade, em geral.

Nesse período, comecei a idealizar a possibilidade de seguir mais adiante com os estudos e ingressar em um mestrado. Por conseguinte, comecei a estudar para concorrer a uma vaga em um mestrado profissional na minha área específica e, com o surgimento do Palhaço Pirulitão e de suas apresentações, procurei também aprofundar meus estudos nas atividades circenses e na sua aplicabilidade no contexto escolar.

A partir desse novo sonho, que comecei a observar também os artistas de rua e sua arte que, na maioria das vezes, advêm do circo. Artistas mambembes dotados de altas habilidades corporais que, em um curto espaço de tempo, são postas em prática como nos semáforos, por exemplo. Cada vez que os via em um dos sinais da cidade, aumentava minha curiosidade em saber como tinham adquirido tantas habilidades corporais e a forma como aprenderam tais

habilidades. Pensava se tudo isso poderia ser estruturado para o aprendizado de crianças e jovens em contextos socioeducacionais diversos, sobretudo, capazes de gerar impactos sociais no tocante à inclusão.

E, assim, minha viagem chegou ao ano de 2022, quando, de forma inusitada, ocorreu meu encontro com aquela, que me apresentou a metodologia (auto)biográfica. O ano em si começou de forma difícil, pois um problema de saúde e uma internação de quase um mês, me fizeram perder a data da prova para o mestrado profissional da UFRN. Porém, durante o meu período de afastamento do trabalho e de recuperação, no mês de março de 2022, aconteceu uma ação em prol da Semana de Conscientização do Autismo, na qual a Gestão da AMOR me pediu para participar e ajudar.

O evento ocorreu em frente ao Teatro Municipal Dix Huit Rosado, em Mossoró, que por coincidência, fica em frente à Estação das Artes Eliseu Ventania, o ponto de chegada de minha longa viagem. Nesse dia, o Palhaço Pirulitão e o Palhaço Dedézim animaram a tarde das crianças da AMOR. Cheguei ao local com uns trinta minutos de antecedência da hora marcada, e, lá, ao lado do outro palhaço, já estava a ilustre Profa. Dra. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, diretora da Diretoria de Ações Inclusivas (DAIN/UERN) um dos baluartes da educação inclusiva do Rio Grande do Norte.

De forma breve, conversamos sobre o evento, educação e inclusão, até que tomei coragem e lhe confidenciei o meu ensejo de um dia cursar o mestrado. A Profa. Ana Lúcia me perguntou sobre a temática, que eu gostaria de realizar minha pesquisa. Eu lhe disse que pretendia investigar a arte de rua oriunda das práticas circenses, pois tinha imensa admiração pelos artistas de rua. Ela me aconselhou a escrever um projeto de pesquisa para submetê-lo ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). E salientou que era adepta do método autobiográfico. Assim, naquele local, ponto de chegada à *minha terra prometida* e vestido de palhaço, iniciei meu processo formativo na área de estudos da (auto)biografia.

Segui o conselho da Profa. Ana Lúcia e movido por uma esperança infinda, comecei a pesquisar sobre o tema e a aprofundar meu conhecimento sobre o método citado: a (auto)biografia. Dessa forma, comecei a redigir o projeto e, no início do mês de maio, quando voltava de uma pedalada, cruzei com o artista de rua Fernando Gabriel Guardia, um argentino, que estava demonstrando sua arte nos semáforos mossoroenses. Em princípio hesitei, mas voltei determinado e o chamei para conversar. Me apresentei, expliquei sobre meu projeto e o convidei

para uma apresentação nas escolas, nas quais estava prestes a voltar a trabalhar. Fernando de pronto aceitou o convite, tomei nota de seu contato e agendamos as datas.

Ele e sua companheira fizeram apresentações incríveis, nas duas escolas em que eu trabalhava na época. A apresentação e o encantamento das crianças pelas habilidades deles em jogar malabares, andar de monociclo, acrobacias e equilíbrios despertavam o interesse das crianças em realizar tais experiências. Por sua vez, o artista de forma magnífica conduziu a interação entre seu labor e as vivências apresentadas, em uma troca ímpar de aprendizado formativo para todos.

Ressalto que a estreita relação entre o método (auto)biográfico e o estudo proposto é decorrente dos conceitos de memória individual e coletiva, das experiências de vida expostas por meio das narrativas, da valorização dos saberes dos artistas e da arte das ruas. Tudo isso favoreceu meu objetivo: compreender as contribuições dos artistas e da arte das ruas para construções educacionais inclusivas. Reforço, ainda, que todo processo vivenciado e aqui relatado, foi inesquecível, marcante e me conduziu até a escrita dessas linhas. Com base nessas vivências, tive a felicidade de ter meu projeto aprovado para a linha de pesquisa relacionada às Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão do POSEDUC/UERN.

CAPÍTULO II: FAMÍLIA E DESLOCAMENTO: EXPRESSÕES DE SENTIMENTO EM REAPRENDIZADOS NA “TERRA PROMETIDA”

Este o desafio maior
Andar e andar, esta é a coragem na direção que buscaste
Ir resoluto, sempre adiante. E saber a volta
Caminhante, ir e vir por teus caminhos é viver.

Frederico Mayor Zaragoza (1934-2024)²⁶

Andarilho, andador, andadeiro, andejo, caminheiro, viandante, transeunte, viajante, itinerante... Todos estes vocábulos são sinônimos para palavra *caminhante*, utilizada nos versos da Antologia Poética de Frederico Mayor Zaragoza. A estreita relação entre a poesia da epígrafe e modo de vida deste sujeito liminar ao capítulo intitulado: **“Família e Deslocamento: Expressões de Sentimento em Reaprendizados na ‘Terra Prometida’”**, se dá em virtude da crença de que, assim como na poesia, o andar firme, resoluto e repleto de coragem do artista, o levou ao encontro das direções que sempre almejou. Isso, sem contar o que traz consigo em sua bagagem de vida, já que tais palavras e sinônimos o descrevem e dão sentido às experiências singulares, de quem se deslocou de seu país natal, a Argentina para aventurar-se por estradas, ruas e vielas da terra *brasilis*, sempre no intuito de apresentar sua arte nos semáforos urbanos.

Nos caminhos percorridos, o artista se depara com desafios de desapego e desprendimento total a bens materiais, família, amigos e tudo que permeou sua trajetória de vida, desde a infância até a adolescência e juventude, quando inicia a jornada que o levaria a terras desconhecidas, culturas diversas e a uma vida errante, mas, que ao mesmo tempo, teriam caminhos concretos. Na sua forma de viver, o artista praticou ações, que o levaram a romper barreiras e a confrontar paradigmas sociais conservadores.

Com ímpeto aventureiro e espírito despojado, a passos largos e firmes, o artista argentino seguiu em busca de uma direção única e desconhecida. Na maioria das vezes, de forma insólita, até cruzar com companhias, que somaram na caminhada e tornaram os momentos e desafios um pouco mais leves e suaves. Como na poesia, seguia sempre em frente, resoluto e confiante, com destino incerto, porém, paradoxalmente, repleto de certezas, sobretudo, quanto à sua arte e à filosofia de vida.

Mesmo quando as dúvidas e incertezas surgiam sem aviso prévio, Fernando Guardia seguia. Em uma cadencia firme e constante, mas, sem jamais olvidar o caminho de volta, muito

²⁶ Obra literária - Antologia Poética / Frederico Mayor Zaragoza; Tradução Carlos Sepúlveda. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, EDUCAM, 1994.

embora, não tivesse hora marcada e sequer bilhete para tal regresso. O coração, sim, seria o responsável por marcar o novo compasso e se encarregaria de transmitir os sinais e demonstrações de que seria chegada a hora de partir da terra prometida e regressar ao chão de sua terra natal.

Na bagagem, muitas vivências incríveis, experiências de liminaridade e a serenidade expressa no olhar de quem sempre soube o que quer, na maturidade das ações e na certeza do dever cumprido, com a consciência tranquila e plena, de quem regressa para um novo recomeço. Nas narrativas deste caminhar, o sustentáculo que amparou a trajetória deste artista foi o seu modo de viver, baseado na arte, que teve as ruas como palco e como referências de aprendizado.

2.1 - Cantar a beleza de ser um eterno aprendiz – o que trago da terra natal

A narrativa da jornada de Fernando Gabriel Guardia tem início ao som de risos e da seguinte expressão: “*Bueno, no sé por dónde empezar!*”²⁷ Essa foi a primeira fala de Fernando, artista de rua argentino, que nos empresta sua história de vida para composição deste estudo sobre os artistas, a arte das ruas e suas contribuições para construção de possibilidades educacionais inclusivas em ambientes socioeducativos formais e não formais.

Dedicaremos este tópico à narrativa de suas memórias de infância, desde a base da família nuclear e extensiva, até os momentos de interação com os núcleos sociais típicos e, geralmente, frequentados pela maioria das pessoas nas sociedades contemporâneas. Em suma, traremos os momentos e vivências familiares, escolares, das amizades e afins, que transitam e compõem a história do artista. O escopo de tais lembranças perpassa pelo referencial teórico das Memórias Coletivas de Halbwachs (1990).

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (Halbwachs, 1990, p. 25).

Destacamos as memórias coletivas como alternativa para dialogar e transcrever as narrativas de Fernando Guardia, sobretudo, no que diz respeito a essa fase de sua vida - primeira

²⁷ Frase de Fernando Guardia, traduzida do espanhol para Língua Portuguesa – “Bom, não sei por onde começar”!

infância -, pois, ninguém melhor que seus pais para trazer à tona tais relatos e informações que, provavelmente, Fernando só tenha ouvido falar através de terceiros. Sublimando assim, momentos e vivências únicas, repletas de significado e capazes preservar o passado dos grupos sociais.

Batizado como Fernando Gabriel Guardia, o artista veio ao mundo de parto natural, em uma maternidade de um povoado conhecido como Tunuyán, situado oitenta quilômetros ao sul do estado de Mendoza, na Argentina. Para ser mais preciso, Fernando nasceu no dia 24 de agosto de 1995, filho de Eduardo Vicente Guardia e Graciela Inés Soliz. Ele é o terceiro filho de quatro irmãos desta tradicional família Mendocina.

Figura 10: Fernando Gabriel Guardia aos seis meses



Fonte: Arquivo pessoal do artista (1996)

Apesar da aparente dificuldade em relatar sua própria história, Fernando Guardia fez questão de frisar que suas recordações são de uma infância muito feliz, sobretudo, porque sua família sempre foi muito unida. Segundo seu relato, seus pais se conheceram em uma fábrica que embalava pêssegos para revenda. Sua mãe, na época, tinha 16 anos de idade e seu pai, 20 anos respectivamente. Quando, a partir dessa união, se tem a origem da família Guardia, que culminou com o nascimento dos irmãos: Belén Guardia, Ezequiel Guardia, Fernando Gabriel Guardia e Paula Guardia.

Apesar da aparente introspecção, aos poucos, Fernando foi abrindo o coração e contou fatos ocorridos nos seus primeiros anos de vida. Recordou dos momentos vividos ao lado dos pais, dos irmãos, de parentes mais próximos, por exemplo, dos avós paternos e maternos, tios e primos. Também falou dos amigos do bairro, dos seus animais de estimação e da escola. Afirmou que não gostava da escola e, por vários motivos, Fernando, ainda criança, relutava em frequentá-la.

Entretanto, a partir desse espaço de convívio social, que vem logo após o espaço familiar, iniciaremos nossa narrativa. Sua forma introspectiva/tímida de ser tornou a escola um território desconhecido para ele e, por isso, fez questão de dizer: “Eu era muito tímido para a escola e para todas as coisas”. E completou: “foi difícil para meus pais, me levar à escola”. Fernando finaliza a frase entre risos e justifica dizendo que sempre foi muito reservado e, também entre risos, fez menção ao seu pai, que o achava uma criança muito rebelde²⁸.

Desse período escolar, destacamos duas passagens, que talvez tenham interferido na personalidade do Fernando Guardia, já adulto, artista e sujeito liminar. A primeira se refere ao momento em que sua mãe, já “*maestra*”²⁹, se dirige a escola no intuito de conversar com a professora da turma de Fernando. Nesse diálogo, sua mãe tinha como objetivo compreender se a professora percebia em Fernando algo muito especial e diferente. Ele, ainda criança, não gostar da escola e do ambiente escolar não significava dizer que tivesse seu desenvolvimento comprometido ou fosse considerado inadequado. Muito pelo contrário, pois seus pais, principalmente, sua mãe já observavam o potencial do menino. Entretanto, precisavam saber e entender o que se passava e como era contextualizado o processo de aprendizagem do menino.

Inclusive, o artista relata que sempre teve e tem muita facilidade com números, cálculos e raciocínio lógico. A conversa entre sua mãe e a professora girou em torno da percepção desse aprendizado e da falta de estímulos mais complexos para um aluno, que apresentava certa facilidade em determinada área do conhecimento. E que, a falta de desafios, talvez o fizessem cada vez mais rejeitar os processos de aprendizado e a permanência no ambiente escolar. Tendo como base uma reflexão de Rubem Alves (2009), começamos a compreender as reações de Fernando Guardia ao ambiente escolar.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode leva-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixam de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é voo. Escolas que são asas, não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado (Alves, 2009, p. 29).

²⁸ Rebelde - Termo que o pai de Fernando Guardia utilizava para descrever traquinagem de criança.

²⁹ *Maestra* - Professora em espanhol.

Os comportamentos e a rejeição de Fernando à escola talvez estejam atrelados ao uso de metodologias tradicionais que, habitualmente, as escolas utilizam com seus aprendentes. Isso, sem contar, com a vontade e com a necessidade de Fernando em alçar voos mais altos, algo que, no futuro, veio a aflorar. Ainda sobre suas vivências na escola, o artista nos relatou um segundo episódio, típico no ambiente escolar: a exclusão. Ele foi rotulado e rejeitado na ocasião em que precisou tirar seu tênis para uma aula, em que teriam que ficar descalços. Suas meias estavam “*rotas*”³⁰, por isso, o menino se viu alvo de brincadeiras nada sadias, por parte dos colegas de classe, que lhe causaram um forte constrangimento.

O fato, acima relatado, que se constituiu como um quadro de exclusão social, aumentou a recusa de Fernando em participar do ambiente escolar. De acordo com tais relatos, ele demonstra que realmente não gostava do espaço escolar e, tampouco, se sente bem quando traz à tona essas lembranças. Todavia, consideramos que as situações vivenciadas pelo artista reflitam, de forma direta, no seu jeito de ser e na sua personalidade. Os relatos denotam que, mesmo ainda menino, percebia e refletia sobre o que se passava à sua volta. Enxergava o mundo com outros olhos, pois seria incapaz de fazer piada ou brincar com algum colega, citando a condição social.

Mas a infância de Fernando não fora somente de mazelas e tristezas, muito pelo contrário, pois afirmou que viveu uma infância feliz em meio a uma família muito unida. As lembranças da família, denominamos *memórias afetivas*. Com muito afeto e carinho, relembra de seus avós maternos e paternos, dos momentos e das histórias vividas com cada um. Impossível não lembrar os momentos em que sua avó Carmen e seu avô Lelis Soliz discretamente lhes estendiam as mãos e repassavam um valor simbólico em dinheiro, que com muita alegria era investido em doces de leite ou *alfajor*, seus favoritos. Outra lembrança, faz referência aos cuidados e à responsabilidade de seus avós Vicente Guardia e Dora com as crianças da família, que eram cuidadas por eles para que seus pais pudessem trabalhar.

Ainda sobre memórias afetivas, com muita alegria Fernando relembra das muitas brincadeiras com os irmãos, pois, mesmo em meio a algumas brigas e disputas que envolvem o contexto familiar de crianças crescendo e se desenvolvendo juntas, o amor fraternal e o respeito sempre prevaleceram. As mais pulsantes na memória são: jogar bola e andar de bicicleta, porém, algumas são brincadeiras infantis comuns na Argentina, por exemplo: *Las*

³⁰ *Rota* - Na língua espanhola culta/formal, este adjetivo significa quebrado, mas, na linguagem comum, se refere às meias furadas e/ou rasgadas.

*Flores e Ponerle la cola al cancho*³¹. Junto aos irmãos, brincavam também com os amigos e vizinhos de bairro, um deles, chamado Fernando e o outro por Mauricio. Guardia relembra que, quando essas crianças se mudaram para outro povoado, ele e seus irmãos ficaram muito tristes.

Tristeza que era suprimida por dóceis, mas, ao mesmo tempo pitorescas lembranças. Sua infância também foi preenchida pelo contato com animais de estimação. Dentre eles, um cão com o nome Toffe e, acreditem, um pato chamado Dayse. O cachorrinho viveu e alegrou a família por aproximadamente quatorze anos. Fernando relembra, que quando fora sepultá-lo, deixou como lembrança um colar de artesanato que ele mesmo fizera.

Com a patinha Dayse, as histórias mais hilárias foram narradas entre risos, por exemplo: a pata emitia sons como o latido de um cachorro. A família toda nutria carinho pelo animal de estimação, no entanto, seu pai acabou dando fim a patinha e presenteou a ave a um amigo, porém, disse a todos que o animal havia fugido. Anos mais tarde, contou a verdade, tendo justificado o ato pela falta de compromisso das crianças em relação aos cuidados com o pato, pois ninguém queria limpar as fezes, que o animal deixava por todos os lados.

Além das brincadeiras infantis, do contato e cuidado com os animais, Fernando e seus irmãos eram estimulados a praticar alguns esportes. Dentre os preferidos de Fernando, o futebol. Entretanto, seu jeito mais reservado fazia com que desistisse de participar ou avançar no futebol, nas artes marciais ou em outros esportes. Não lhe faltavam habilidades ou vontade de prosseguir nas práticas esportivas, porém tinha dificuldades de se relacionar com outras pessoas. Essas dificuldades relacionais o afastavam de tais atividades.

Mas o gosto por futebol estava enrustado/enraizado na família, uma vez que, quase todos: tios, primos, padrinho e seu pai torcem para o Club Atlético River Plate, tradicional clube no cenário argentino e mundial. Algumas vezes, foram todos juntos ver o time do Monumental de Nuñez³², que iria jogar no Estádio Malvinas Argentina, localizado na província de Mendoza. A torcida familiar também se estende à seleção argentina, sobretudo, durante as competições internacionais, tais como: jogos pela Copa América, Eliminatórias e Copa do Mundo. Nesses momentos, todos sempre se reuniam para assistir os jogos pela televisão.

Mesmo não praticando efetivamente o esporte bretão, o futebol, Fernando relata que esse era um de seus maiores sonhos: ser jogador de futebol. Ele tinha/tem as habilidades e requisitos para tal feito, mas, as dificuldades de convívio em esportes coletivos, que foram/são

³¹ *Las Flores e Ponerle la cola al cancho* – Flores e Colocar a cauda do porco. Jogos feitos com cores e animais em um tabuleiro ou em uma mesa grande.

³² Monumental de Nuñez - Estádio de futebol, situado no bairro de Belgrano em Buenos Aires, que é considerado a casa do Club Atlético River Plate.

decorrentes de sua introspecção, não contribuíram para que ele levasse adiante seu sonho de infância. Todavia, as habilidades com a *pelota*³³ lhe permitem usá-la em suas atuais performances artísticas.

Figura 11: Fernando Guardia demonstrando suas habilidades futebolísticas



Fonte: Arquivo pessoal do artista (2010)

Em suas apresentações, a bola sempre se faz presente, por exemplo: sentado em um monociclo, entre um arremesso e outro dos malabares ou argolas, ele equilibra uma bola de forma estática em um dos pés, ou consegue girá-la em um pino preso a um elástico em sua testa. Com total controle e a maestria, como que os grandes craques/gênios do futebol que conduzem e controlam a bola que era um de seus brinquedos preferidos na infância.

As narrativas de Fernando Guardia sobre sua infância nos proporcionam a compreensão do quanto esse período foi relevante para construção de sua própria identidade, de sua existencialidade e pertença a uma comunidade social. Suas memórias individuais perpassam os contextos coletivos e, este conceito ganha corpo de acordo com a visão de Josso (2007, p. 414 - 437), que atribui pluralidade à sua singularidade.

A existencialidade é abordada por meio de uma trama totalmente original – porque singular – no seio de uma humanidade partilhada. É por isso que em nossas pesquisas com histórias de formação eu emprego frequentemente a expressão de nossa existência singular plural.

Em consonância a visão de Josso (2010), consideramos que as experiências e vivências compartilhadas em família, em contextos sociais diversos de sua cultura, com a aquisição de aprendizados pertinentes aos que Fernando viveu em sua infância, é o que fundamentam sua base identitária. Talvez, na infância, ele reencontre as respostas dos “porquês” que se refletem

³³ *Pelota* - Bola em espanhol.

em sua fase adulta. Imaginávamos que sua história de vida tivesse lhe acrescentado aprendizados, porém, somente no decurso das entrevistas, nós nos deparamos com o real sentido e valor de tais narrativas em relação às possibilidades de aprendizado formativo. Alguns voltados à esfera pessoal e profissional e, outros, relacionados à conceituação acadêmica.

Alguns fatores nos levam ao conhecimento de novos conceitos e de perspectivas reflexivas sobre o aprendizado, que Fernando possui e gentilmente compartilhou. A percepção desses conceitos nos remete à visão Josso (2007), segundo a qual, a categorização dos aprendizados, que foram obtidos por intermédio de narrativas (auto)biográficas, se condensa ao longo do tempo nas histórias de vida.

O conjunto de aquisições acumuladas durante a vida é analisado em termos de aprendizagens e de conhecimentos que foram reagrupados em quatro categorias, segundo a teorização proposta em *Cheminer vers soi*:

- aprendizagens existenciais são constitutivas do conhecimento de si como ser psicossomático em nossas dimensões de ser no mundo, nossos registros de expressão e nossas competências genéricas transversais particulares,
- aprendizagens instrumentais reúnem os processos e procedimentos em todos os domínios da vida prática numa dada cultura e num dado momento histórico,
- aprendizagens relacionais são as aquisições de comportamentos, de estratégias de trocas e de comunicação com o outro, do saber-ser em relação consigo, com o outro e com o mundo,
- aprendizagens reflexivas permitem a construção do saber-pensar nos referenciais explicativos e compreensivos (Josso, 2007, p. 421 - 422).

Nesse contexto, observamos o agrupamento e a junção de fatores, que contribuem diretamente para as várias formas de aprendizado dos sujeitos inseridos nos mais diversificados grupos sociais dos quais fazem parte. E, a categorização, à qual a autora submete tais formas e possibilidades de aprendizado, nos direciona ao entendimento de que tais categorias nos levam à aquisição de maior e/ou melhor compreensão de como esse aprendizado se deu. A partir dessas informações, tais formas de aprendizado se tornam facilitadoras de todo do processo de aprendizagem ao qual estamos sujeitos durante as todas as etapas da vida.

2.2 - Para onde eu vá, levarei o teu olhar

Os relatos de Fernando Guardia desse período de seu viver nos encaminham aos momentos transitórios entre algumas fases da vida, neste caso específico, sua narrativa enfoca a transição da infância para pré-adolescência e adolescência. Nessa fase, ocorrem mudanças que provocam alterações corporais (biológicas) e comportamentais (emocionais) na vida dos seres humanos.

Esse complexo processo do desenvolvimento humano não se resume às visíveis mudanças externas apenas. De acordo com especialistas, ocorrem, sobretudo, mudanças internas, que exteriorizam significativas alterações nas formas de sentir, pensar e agir dos jovens em constante transição. Aqueles que outrora eram altamente dependentes dos pais, começam a ganhar autonomia e independência. De acordo com os estímulos que recebem, a estrutura cerebral se transforma, cada vez mais, e o ápice do amadurecimento dessa rede neuronal se completa por volta dos 24 anos de idade. Nesse período, é esperado que os adolescentes desenvolvam novas habilidades, muito embora, ainda apresentem imaturidade em relação a algumas situações. Para Brêtas (2004, p. 29-38):

A adolescência corresponde a um momento de transição entre a infância e a idade adulta, sendo notáveis as mudanças na vida física, social e psicológica. É natural, ao longo desse processo do desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, ocorrerem situações marcantes que traduzem essa ruptura em novas realidades e percepções sobre a sua existência, consideradas como rituais de passagem da adolescência.

Tencionamos conectar essa informação ao processo descrito nas narrativas de Fernando Guardia, desde as lembranças de sua infância até os momentos e períodos transitórios vividos na adolescência e juventude. Essas descrições vão do aprendizado formativo já adquirido e da sua junção aos aprendizados, que estão por vir. Sobremaneira, em referência aos aspectos sociais – afetivos – emocionais, que contribuem de forma efetiva e direta para formação de sua personalidade e afirmação existencial única, singular, porém, exponencialmente plural.

Os adolescentes demonstram maior capacidade cognitiva, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades socioafetivas e de conexões reflexivas mais abstratas, que os tornam capazes de levantar hipóteses e realizar deduções. Nesse período, os jovens passam a observar que uma determinada situação pode ter pontos de vista diversos. Muito curiosos,

passam a contestar e a questionar mais e com maior frequência os assuntos que por ventura venham a discutir. Conforme cita Brêtas (2004, p. 29-38):

O adolescente vive um período novo em sua vida, buscando, encontrar como definir seu papel dentro do círculo social no qual está inserido. Nessa nova fase de transição da infância para fase adulta, novas relações interpessoais são vivenciadas e estabelecidas, por meio de interação dentro de um grupo de iguais.

Diante do contexto, que envolve as fases, as transformações e todas as transições vividas na adolescência, rememoramos um momento da narrativa, no qual Fernando relata que seu pai o descrevera como uma criança rebelde (no momento da infância, foi traduzido como – criança traquina) e no período transitório da adolescência, o termo traduz um Fernando, inquieto, muito curioso, com uma rebeldia peculiar, mas que nunca desrespeitou seus pais e familiares, nem as pessoas que fazem parte de seu convívio como um todo.

Figura 12: Fernando Guardia na adolescência, ladeado por seu pai Vicente e sua mãe Graciela



Fonte: Arquivo pessoal do artista (2010)

Suas primeiras descrições narrativas nos levaram a perceber sua introspecção e dificuldades relacionais em experiências coletivas, no entanto, em seus relatos, é nítido o seu entusiasmo em experienciar tudo que lhe é apresentado. Nessa época, ele começa a se interessar pelo malabarismo e com curiosidade e interesse aguçados, por meio da internet, começa a pesquisar o tema. Conforme descreve em sua entrevista: “Estava lembrando que desde cedo comecei a fazer malabares, lembro que procurei na internet: “como fazer malabares?”

Ele disse que, na fase inicial de aprendizado dessa arte, começou o processo utilizando “telas/tecidos”, o que, de certa forma, evidencia o respeito a alguns padrões pedagógicos, nesse caso, o padrão clássico de aprendizagem, que é baseado na ordem de complexidade das ações: do mais simples ao mais complexo e, de forma gradativa. Em suas experiências, o

autodidatismo fica evidente, sobretudo, quando fala do seu interesse, de ações e de atitudes que assumiu para aprender esse tema. Aos poucos, começou a dominar técnicas e movimentos básicos e, assim, se aventurava e se arriscava a realizar o malabarismo com bolinhas, como um hobby. Nesse período, ele passou a se dedicar com maior ênfase à prática *slackline*³⁴, deixando o malabarismo de lado, por um tempo.

Estimulado por outro amigo, de nome Guido Sandoval, ele voltou a praticar malabarismo, revezando momentos entre o *slack* e os malabares. Relembra um dia, em que estava treinando próximo a um rio, perto de sua casa, quando passou um artista de rua (malabarista), que os viu a praticar. Esse sujeito se aproximou e o “regalou”³⁵ com uma bolinha de malabarismo profissional, pois eles treinavam com bolinhas improvisadas, feitas por eles mesmos, com painço³⁶ e balões de festa. Um gesto simples desse artista desconhecido, que o marcou muito, conforme relata em sua narrativa: “Ele viu que a gente estava motivado, querendo aprender e ele deu para mim uma bolinha profissional de malabarismo. Isso me motivou muito a *entrenar!*”³⁷

Nesse contexto de mudanças de hábitos, de predileções e de interesses, o despertar por novos sonhos e caminhos possíveis. Transformações explícitas e implícitas nas formas de ser e de agir passavam a fazer parte de sua rotina diária. No campo dos interesses pessoais, o gosto pelo malabarismo, que teve início devido à sua curiosidade e ganhou forma a partir das experimentações que ocorreram por volta dos 16 a 17 anos. Transições que, na perspectiva da antropologia, nos remetem aos “*Rites de Passage*”³⁸, expressão advinda da língua francesa, que comumente é utilizada por antropólogos para designar rituais, cerimônias, celebrações de passagem que, de forma simbólica, representam um ponto de encontro na vida dos sujeitos.

Turner (1969), antropólogo britânico, baseado em estudos/apontamentos, elaborou um referencial teórico, que ampliou o sentido e o significado das práticas rituais. A partir de suas reflexões, discute e propõe o conceito de liminaridade, dividindo-o em três etapas, conforme afirma:

O autor concebe a ideia de liminaridade como correspondendo a um momento de margem dos ritos de passagem: fase ritual na qual os sujeitos apresentam-se indeterminados, em uma espécie de processo

³⁴ *Slackline* - Prática de aventura corporal, também, conhecido como esporte radical que estimula a capacidade física de equilíbrio e força.

³⁵ *Regalou* - Presenteou em espanhol.

³⁶ Painço - Típica semente que serve como comida para pássaros.

³⁷ *Entrenar* - Treinar em espanhol

³⁸ *Rites de Passage* - Ritos de Passagem

transitório de “morte” social, para, em seguida “renascerem”, e reintegrarem-se à estrutura social (Noletto, Alves, 2015).

Sob esta ótica, observamos que alguns momentos vividos por Fernando na adolescência, fazem alusão aos ritos de passagem e aos conceitos apresentados por Turner (1969). Nesse caso, nós nos referimos ao conceito de liminaridade e *communitas*, que passam a fazer sentido e significado à forma de viver de Fernando (suas escolhas, interesses pessoais e influências).

Nessa mesma época, os pais de Fernando, mesmo atuando profissionalmente em outras áreas, produziam artesanato para vender em feiras e festivais dos povoados vizinhos à sua cidade natal. Nesse período, o adolescente já os acompanhava em curtas viagens. Assim, Fernando começou a idealizar seu projeto de vida: viajar pelo mundo afora. Errante! Com ou sem destino traçado, o jovem queria, apenas, colocar uma mochila nas costas e seguir pelas estradas da vida. Ele conta que havia um amigo, artista de rua, que muito o incentivava a seguir caminho pelas estradas, que o levariam a realização de seu sonho.

A partir dessa idealização, observamos o surgimento de alguns processos que permeavam seu viver, por exemplo: os ritos de passagem citados nos estudos de Victor Turner (1969) que, por sua vez, aprofunda suas pesquisas em Arnold Van Gennep (1909) para obter a fundamentação teórica que abrange as origens sobre a conceituação de liminaridade, conforme Sartin (2011, p. 140) afirma:

As origens do conceito de liminaridade se encontram na leitura de Turner sobre a obra de Arnold Van Gennep. O antropólogo alemão chamava atenção para a generalidade de uma estrutura processual nos ritos de passagem: eles se compunham de rituais de separação, de margem e de agregação.

Tendo como base a citação anterior, percebemos uma aproximação do modo de vida, em sua essência, que foi adotado pelo jovem Fernando em sua adolescência, com o conceito de liminaridade. Então, podemos compreender esse momento específico de suas narrativas, da seguinte forma: o futuro artista estava vivenciando o início da fase de separação, citada por Von Gennep que Turner encontra em suas pesquisas.

Nesse período, começou a conversar com seus pais sobre a ideia de viajar o mundo, de viver da arte e seguir seu destino. Houve uma espécie de iniciação da fase de separação, ou seja, dos ritos de passagem. Nesse contexto, a interrupção da vida rotineira e cotidiano social vivido simbolicamente indica o rompimento com as estruturas sociais predominantes em nossa sociedade.

Figura 13: Fernando entre seus pais, Graciela e Vicente em seu vigésimo segundo aniversário.



Fonte: Arquivo pessoal (2007)

Quando seus pais souberam do intento do filho, disseram que ele tivesse calma, pois precisavam conversar mais sobre o assunto. Porém, o artista andarilho não podia e nem queria esperar. Fernando não perdeu tempo e, um dia, em que seus pais saíram para caminhar, ele vendeu sua bicicleta e com o dinheiro comprou uma passagem de ônibus para iniciar sua primeira viagem solo.

Saiu com destino ao norte da Argentina, em busca da Bolívia. Sequer se despediu da família, simplesmente, seguiu seu caminho. Por mais que Fernando sempre tenha mantido um diálogo aberto com seus pais, sua impulsividade e ímpeto falaram mais alto. Para evitar maiores conflitos, preferiu seguir seu destino. Em geral, o aconselhamento dos pais gera picos de relacionamentos instáveis, pois os adolescentes têm dificuldades em aceitar normas e imposições. Sobre isso, Brêtas (2004, p. 29-38) afirma:

Esse comportamento é característico da adolescência, pois o adolescente ao mesmo tempo que deseja a sua almejada independência, necessita de orientação dos pais. Os conflitos presentes são ocasionados pelas grandes alterações de humores que sofrem nessa fase.

De certa forma, ele preferiu evitar conflitos. E assim, deixou para trás uma possibilidade de formação acadêmica, pois já estava no terceiro período do Curso de Educação Física de uma universidade privada e trabalhava com seu pai como motorista escolar. Porém, sentia que precisava se distanciar de sua vida cotidiana para encarar um renascimento, uma nova realidade, com novas metas, novos destinos e novos sonhos. Apesar de todo entusiasmo e ousadia, ele relata que, nessa primeira viagem, sentiu muitas saudades de todos. Mas, mesmo assim, avançou.

Sua curiosidade o levou a buscar, na internet, tutoriais/formas de como sobreviver financeiramente viajando. Nesse período, ele não fazia malabares nos semáforos, pois ainda se sentia inseguro. Durante algum tempo, recebeu incentivo de um amigo, que muito insistia para

que ele viajasse. Dessa forma, prosseguiu pelo norte da Argentina em direção a Bolívia, conforme já citado. Ao chegar à fronteira o primeiro grande entrave: Fernando foi impedido de entrar em solo boliviano, pois, a polícia de fronteira ao ver seu equipamento, alegou que ele tinha o intuito de trabalhar por lá. Ele confessou que, nessa hora, ficou triste, pensou em desistir e regressar à sua casa.

Porém, seu amigo continuava a insistir, então, repensou sobre a ideia de desistência e decidiu superar o primeiro obstáculo de sua aventura. Assim, adentrou solo boliviano de forma irregular e, fez sua rota por uma mata muito densa, tanto que durante o trajeto perdeu sua bolsa com seus documentos e algumas pulseiras que tinha para vender. Já na Bolívia, foi recebido por seu amigo, que lhe prestou apoio psicológico em todos os sentidos, tanto que o amigo fazia malabares nos sinais a seu lado, para que, aos poucos Fernando pudesse ganhar confiança. O amigo também lhe repassava muitas dicas, para que ele pudesse se apresentar de forma solo. Então, aos poucos, Fernando começou a perceber que, mesmo de forma simples, poderia iniciar a “fazer semáforos”³⁹, e assim, subsistir por conta própria.

Figura 14: Fernando Guardia à espera do farol vermelho para entrar em ação



Fonte: Arquivo pessoal do artista (2018)

Nesse trecho das narrativas, pela primeira vez, ele se utiliza do termo saudade, muito embora, esta seja uma palavra difícil de ser traduzida, ou que lhe seja atribuído um significado em outro idioma, inclusive, na língua espanhola. Entretanto, o artista é familiarizado com o termo, pois domina a língua portuguesa e, também, porque sente, na própria pele e no coração, toda a subjetividade implícita no vocábulo, que de forma abstrata compõe a definição da palavra.

De acordo com os seus relatos, consideramos que, nessa fase de suas narrativas, poderia surgir um outro termo: reminiscência. Aprofundamos a busca por uma breve compreensão de

³⁹ Fazer semáforos - Termo utilizado pelo artista para designar a apresentação de sua arte e seu trabalho nos semáforos.

seus significados para dialogar com alguns episódios, que se coadunam com o real sentido do momento vivido por Fernando, em sua primeira aventura como artista andarilho. Suas lembranças ganham uma conotação sentimental, explicitada na voz, na fala pausada e na respiração profunda para prosseguir contando sua história de vida.

Os fatos e sentimentos narrados e apresentados por Fernando se aproximam de um posicionamento de Ricouer (2007, p. 27) que afirma:

[...] quando narramos coisas verdadeiras, mas passadas, é da memória que extraímos, não as próprias coisas, que passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens que elas gravaram no espírito, como impressões, passando pelos sentidos.

O autor considera que as narrativas genuínas emanam da alma, pois são memórias e emoções fidedignas. Nesse momento, percebemos que Fernando expressava seus sentimentos e o amor, que sempre nutriu pela família e por todos aqueles, que o cercavam de afeto e compreensão em relação à sua forma de ser. As reminiscências afluíam naquele momento de solidão, de distanciamento e de novas perspectivas. O ritual de passagem se concretizava pouco a pouco, no passo a passo do artista e, a cada centímetro percorrido pelas estradas bolivianas. Porém, de uma hora para outra, seu ritual de passagem foi interrompido e sua experiência liminar ainda não se concretizou.

Certo dia, lhe chegou a notícia do adoecimento de sua avó materna, portanto, ele precisou regressar à sua cidade natal para estar ao lado de sua família. Desse difícil momento, relembra que sua mãe perguntou se ele poderia retornar e Fernando prontamente lhe atendeu regressando a Mendoza, na Argentina. Ao chegar, sua mãe veio correndo ao seu encontro para um singelo abraço, simbolizando assim, que a família precisava estar unida naquele momento, sobretudo, em virtude do falecimento de sua avó.

Em decorrência do ocorrido, e também do nascimento de um sobrinho, Fernando decide permanecer por um breve período junto a seus familiares antes de retomar seu rumo e, investir em nova viagem. Nessa época, Fernando namorava uma jovem chamada Lady e o casal enamorado, tinha planos de viajar junto. Porém, Lady participou de um concurso de beleza e foi eleita a rainha do concurso, então, os planos de viagem como casal ficou de *stand by*⁴⁰ durante algum tempo, pois a rainha deveria cumprir a agenda de compromissos com os patrocinadores do concurso e esperar o próximo para repassar a coroa. Enquanto isso, Fernando

⁴⁰ *Stand by* - Expressão da língua inglesa que significa pausa.

refinava sua técnica com malabares e práticas equilibristas, além de ajudar seus pais com a confecção de artesanato para revenda, e assim, fazia apenas viagens de curta duração e menor distância em solo argentino.

Depois de algum tempo, era chegada a hora de partir novamente. Desta feita com as devidas despedidas da família e com uma companheira do lado. Fernando e Lady seguiram com destino a Bolívia e de lá, tinham intenção de rumar em direção a solo colombiano, porém, quando se atentaram, já estavam em território brasileiro, percorrendo as estradas do Mato Grosso do Sul. Rumaram em direção ao estado de São Paulo, porém, em determinado ponto da viagem, sua companheira decidiu regressar e Fernando lhe fez companhia durante o retorno. No percurso de volta, o artista deixou sua bicicleta guardada na casa de um conhecido do Mato Grosso do Sul com a promessa, de que em breve, estaria de volta para buscar seu equipamento de viagem.

Após deixar sua companheira em solo boliviano, segura e na companhia de outros amigos em comum, retomou seu caminho em busca de sua experiência liminar. Havia superado o ritual de passagem, ao qual se submetera desde sua primeira viagem. E, agora, como uma borboleta poderia *sair do casulo*, se transformar e, sobretudo, assumir sua identidade e existencialidade. Assim, seguiu seu destino e seu caminho rumo ao límen.

Como em um trecho da canção **Aonde Quer Que Eu Vá**⁴¹ do grupo musical Paralamas do Sucesso (2000):

Olhos fechados
Pra te encontrar
Não estou ao seu lado
Mas posso sonhar
Aonde quer que eu vá
Levo você no olhar.

Dessa forma, guardou a família, amigos e todas raízes na memória e no coração, para levá-los em sua jornada e para ter ciência de sua origem, de onde viera e para onde poderia voltar se, assim, precisasse. Estava emocionalmente mais fortalecido e seguiu seu caminho.

2.3 - Saberes da experiência na liminaridade – lugares e fazeres

O caminho estava aberto e Fernando Guardia tinha em mente o que queria, apesar de não ter uma rota pré-estabelecida, nem uma bússola para lhe guiar, ele sabia que precisava olhar

⁴¹ Música - Aonde Quer Que Eu Vá / Os Paralamas do Sucesso – Composição: Herbert Vianna / Paulo S. Valle - (Vide: Anexo 3).

para frente e seguir sem medo. Deveria tão somente desfrutar dessa experiência, repleta de aprendizados, desafios, aventuras e, paradoxalmente, das incertezas mais certas possíveis, pois, como diz Chico César (2008) em um trecho de sua canção **Deus me Proteja**⁴²:

Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber

Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído e espalhar bem-querer.

Como na poesia da canção, o artista continua descobrindo seus caminhos e suas veredas e, assim, revela suas múltiplas faces artísticas nas performances semafóricas para garantir a própria sobrevivência, o que fortalece a cultura. Está construindo seu caminho em meio a civilizações, que são hostis ao que é diferente, ao que diverge dos padrões ditos e tidos como comuns, portanto, são estereotipados como normais. Diante disso, classificam o outro e a diversidade humana como anormal, anômala. Mas, conforme a melodia, ele continua caminhando sem se importar, pois utiliza seu sexto sentido para espalhar o bem-querer em forma de arte. Suas expressões corporais sublimes fortalecem sua identidade e a cultura.

Na transcrição de seus relatos, nós nos deparamos com uma poesia que traz sentido ao seu caminhar e à sua arte. Ele nos apresenta o poeta espanhol António Machado (1875-1939) e recita um trecho de **Cantares**⁴³ e, sem se importar com a glória, continua vagueando pelos caminhos em busca de maior e melhor compreensão de si e de seu caminhar.

Nunca persegui a glória
Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho
O caminho se faz ao caminhar.

Nessa toada, o artista solitário percorreu as mais “Infinitas Highways” que nos lembram o *pop rock* nacional (**Infinita Highway**⁴⁴, 1987) canção de Engenheiros do Hawaii.

Ninguém por perto, o silêncio no deserto

⁴² Música: Deus me Proteja / Chico César – Composição: Chico César Francisco César Gonçalves) – (Vide: Anexo 4).

⁴³ Cantares / António Machado (1875 – 1939) – Poeta espanhol (Vide Anexo 5).

⁴⁴ Música – Infinita Highway / Engenheiros do Hawaii – Composição: Humberto Gessinger - (Vide Anexo 6).

Deserta highway
 Estamos sós e nenhum de nós
 Sabe exatamente onde vai parar

Mas não precisamos saber pra onde vamos
 Nós só precisamos ir
 Não queremos ter o que não temos
 Nós só queremos viver

Sem motivos, nem objetivos
 Estamos vivos e isto é tudo
 É sobretudo a lei
 Dessa infinita highway.

O artista tinha ciência de que não precisava vivenciar os padrões impostos pela sociedade convencional e, como sujeito liminar, se distanciava aos poucos dessas estruturas sem nenhum sentimento de culpa. Ele demonstrava que se sentia bem, estava feliz e disposto a pagar o preço de suas escolhas. Caminhava sabendo que o caminho se faz ao caminhar. Vivia seus sonhos acordado, pois de forma real enfrentava a imensidão e os desafios das *highways*, as quais se propôs percorrer.

Figura 15: A imensidão de uma das estradas no qual Fernando Guardia passou



Fonte: Arquivo pessoal do artista (2022)

Na solidão da estrada, Fernando superou as incertezas do caminho e deu vida aos seus sonhos, aprimorou seu dom e seguiu sua jornada. Conforme a imagem, ele trazia consigo seus materiais laborais, poucos pertences pessoais e seus pensamentos. Nas viagens anteriores, perpassou o primeiro processo descrito no conceito de liminaridade: a pré-liminaridade. Deixando tudo para trás! Assim, vivenciou a primeira etapa de seu ritual de passagem, superou a separação e o distanciamento de uma vida casual e habitual em sociedade convencional, para enfim, se tornar um sujeito liminar e viver o lîmem do processo, como em uma espécie de morte

social, conforme afirma Turner (1969) em *Liminaridade e Communitas*. Nessa mesma perspectiva, Noleto e Alves (2015)⁴⁵ afirmam que:

O autor concebe a ideia de liminaridade como correspondendo a um momento de margem dos ritos de passagem: fase ritual na qual os sujeitos apresentam-se indeterminados, em uma espécie de processo transitório de “morte” social, para, em seguida, “renascerem” e reintegrarem-se à estrutura social. Liminaridade é, portanto, uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um entre-lugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente.

Observamos que o modo de ser e a filosofia de vida de Fernando Guadia estão coadunados com a conceituação de liminaridade proposta e descrita por Turner (1969). Com essa perspectiva e tendo como base suas narrativas, buscamos compreender as formas como se deu o processo vivenciado por ele, entretanto, sem nada determinar ou categorizar, objetivando interpretar as relações intra e interpessoais de uma pessoa liminar. A partir dos fatos narrados, observamos se, o aprendizado contido nesse contexto, é capaz de reverberar em prol da sociedade, enaltecendo seus saberes, seu conhecimento e sua experiência de vida distante das estruturas sociais comuns. Ele também pretende se encontrar e compreender a si mesmo pelo caminho, porém esse propósito não é uma meta principal. Seu propósito de autoconhecimento é muito simples, natural e espontâneo.

O simbolismo contido no processo liminar sugere ruptura com as estruturas sociais predominantes e, dessa forma, Fernando trilhou sua jornada à margem dessas estruturas, nas quais, comumente, permeiam os movimentos dos grupos sociais considerados tradicionais. Diante desse contexto, abarcamos o pensar de Turner (1969) que, aprofunda seu olhar sobre o conceito de liminaridade a partir de seus estudos, baseados em Van Genep (1909) e, elabora os conceitos de *communitas* e antiestrutura. E, de acordo com Sartin (2011, p. 140), *communitas* é um termo que pode ser compreendido da seguinte forma:

Communitas é o estado no qual se encontra o indivíduo no interior da liminaridade do processo ritual. Na *communitas*, as regras sociais baseadas numa série de oposições (muitas delas binárias), identificadas pela antropologia estrutural, como as estruturas de parentesco, perdem toda razão de ser, e o indivíduo encontra-se num entre-lugar, ou segundo o termo empregado por Turner, *betwixt and between* quaisquer posições assimiláveis no jogo diferencial da estrutura.

⁴⁵ Liminaridade e *Communitas* - Esta citação foi retirada do verbete *Liminaridade e communitas* - Victor Turner, que consta na Enciclopédia de Antropologia. Este verbete foi elaborado por Rafael da Silva Noleto e Yara de Cássia Alves.

Enquanto na sociedade predomina a diferença individualizante, na *communitas* prevalecem os laços totalizantes e indiferenciados.

Nas vivências e na forma de ser de Fernando Guardia, é possível perceber a proximidade e a estreita relação entre sua história de vida e o conceito trazido por Turner (1969), sobretudo, quando o artista segue sua viagem por paragens incertas para executar e viver de sua arte. O autor afirma que o distanciamento das bases sociais (entenda-se família), que ocorre nos processos de liminaridade, a exemplo do que ocorreu com Fernando Guardia, possibilita que sujeitos liminares tenham uma visão mais ampla das estruturas nas quais estão inseridos.

Geralmente, essa distância culmina em mais aprendizado e conhecimento, além de ser capaz de desvelar toda opressão e autoritarismo imposto pelas sociedades clássicas. Conforme Turner (1969), as sociedades mais estruturadas são menos flexíveis e a tomada de consciência dessas arbitrariedades são denominadas de antiestruturas, que geram movimentos capazes de promover embates revolucionários e lutas contrárias às estruturas dominantes. Por exemplo, os sujeitos liminares, que se aglutinam em sociedades alternativas para viver à margem das estruturas sociais convencionais. Dentre eles, o artista argentino Fernando Gabriel Guardia.

Esse viver à margem da sociedade lhe proporcionou uma aventura ímpar: uma viagem de aproximadamente cinco anos por vários estados e cidades brasileiras. Percorreu estradas e adentrou inúmeros municípios tupiniquins, sempre na intenção de apresentar sua arte e sobreviver para prosseguir sua viagem. Durante a experiência, teve como atividade laborativa: a arte de rua. Seu palco: os semáforos dos cruzamentos das vias urbanas. Seu espetáculo: um show de equilíbrio em um monociclo, girando uma bola sobre um pino preso à testa e os truques e técnicas do jogo de malabares com claves ou argolas. Sua remuneração: incerta, o público o remunerava se quisesse e/ou se pudesse. Sua generosidade: total, pois nada exigia em troca, simplesmente, apresentava sua arte e promovia cultura, oferecendo entretenimento às pessoas.

Figura 16: Fernando Guardia em performance artística pelas ruas



Fonte: Arquivo pessoal do artista (2021)

Com a intenção de descrever e ilustrar o percurso feito e narrado por Fernando, utilizamos inúmeros trechos da canção **Aquarela Brasileira** (Silas Oliveira, 1964)⁴⁶.

Vejam esta maravilha de cenário
É um episódio relicário
Que o artista num sonho genial
Escolheu para este carnaval
E o asfalto como passarela
Será a tela do Brasil em forma de aquarela.

Os versos dessa linda canção dão o tom das trilhas percorridas por ele, conforme suas narrativas.

Do Leste por todo centro-oeste
Tudo é belo e tem lindo matiz

Ao som do aboio e ao toque do berrante, Fernando percorreu a pé as cálidas estradas do cerrado. Plantações de soja, agropecuária, emas e tuiuiús compunham o cenário contemplado por ele, quando avançou por rodovias e cidades do sul-mato-grossenses, ponto de partida de sua jornada liminar. Entre uma *chipa*⁴⁷ paraguaia e um mate tererê⁴⁸, foi buscar a bicicleta, que havia deixado na casa de um amigo. Porém, entre risos, confidenciou que o amigo havia vendido sua bicicleta, pois não acreditava que ele regressaria para buscá-la. Sem se abater, foi à luta novamente e, com o esforço de seu trabalho nos semáforos, conseguiu juntar dinheiro para comprar uma nova bicicleta e seguir sua viagem.

Ainda em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, Fernando conheceu Ambar, uma mulher chilena, artista de rua, que estava hospedada na mesma pousada. Ali começou mais uma bela amizade. Eles se apresentavam nas ruas de Campo Grande, porém, nessa época, Fernando só fazia os truques de malabarismo com bolinhas. Ela, a malabarista, o incentivou a se dedicar mais ao malabarismo com claves e ampliar um pouco mais seu repertório de apresentações e performances. Eles treinavam sempre.

⁴⁶ Aquarela Brasileira - Samba-enredo composto por Silas de Oliveira de Assumpção (1916-1972) para o desfile do carnaval de 1964 da Escola de Samba Império Serrano, com interpretação de Martinho da Vila (1938-...). Essa canção faz referências às regiões geográficas do Brasil com enfoque nos seguintes aspectos: arquitetura tradicional e moderna; lendas, costumes e culturas dos diferentes povos, que deram origem à nossa nação. Foi composta em homenagem à música Aquarela do Brasil, classificada como samba-exaltação, escrita em 1939 por Ary Evangelista Barroso (1903-1964) - (Vide Anexo 7).

⁴⁷ *Chipa* - Guloseima típica da culinária paraguaia, muito comum nos estados da Região Centro-Oeste brasileira, sobretudo, em Mato Grosso do Sul.

⁴⁸ Mate tererê - Bebida feita com infusão de erva-mate em água fria, com ervas medicinais, tais como limão, erva cidreira e outras.

Ambar vendia artesanato, tinha contato direto com as pessoas, portanto, teve mais facilidade para aprender a língua portuguesa, mas Fernando, que só se comunicava com ela e em espanhol, continuava com muita dificuldade de falar em português com as demais pessoas. Em suas narrativas, disse que não ligava muito para isso, pois se acomodou com companhia dela, que se tornou, também, sua interprete.

Fernando falou em portunhol⁴⁹, a frase a seguir, porém queremos ilustrá-la em espanhol para representar sua dificuldade inicial: *“Tuve pocas novias em mi vida, pero la que más aprendí fue ella. Hoy tenemos una hermosa amistad y siempre hablo con ella”*.⁵⁰ Em decorrência dessa proximidade, quase três meses depois de se conhecerem, eles começaram a namorar e decidiram viajar juntos para São Paulo. Cada um comprou uma bicicleta e partiram com destino à Terra da Garoa⁵¹.

Citamos mais um trecho da Aquarela Brasileira (Silas de Oliveira, 1964):

Feitiço de garoa pela serra
São Paulo engrandece a nossa terra

Quando chegou em São Paulo, capital, Fernando poderia perguntar se algo aconteceria em seu coração ao cruzar a “Ipiranga” e a “São João” ou, então, sonhar com o jogo de malabares na Av. Paulista, bem em frente ao Masp⁵², mas, como os arranha-céus engolem os artistas, preferiu o litoral e desceu a serra com sua parceira. Foram para Santos, São Vicente, Guarujá, Praia Grande e Ubatuba pela antiga estrada Rio/Santos, tendo os seguintes pontos de direcionamento: Serra do Mar, Mata Atlântica e litoral Norte. Embora já estivessem acostumados a pedalar, pois faziam, em média, 100 quilômetros por dia, essa etapa da viagem foi complicada: precisavam descer das bicicletas e empurrá-las nas ladeiras do litoral paulista. Chegaram a pensar em adentar “pelas Minas Gerais”, mas, quando se lembraram da quantidade de subidas e descidas das alterosas, seguiram em direção ao Rio de Janeiro.

Aquela, que é conhecida por Cidade Maravilhosa e, também, é citada nos versos de Silas de Oliveira (1964) abriu as portas para os andarilhos.

⁴⁹ Portunhol - Português mesclado com palavras e elementos em espanhol ou, pretensamente, em espanhol. Utilizado por falantes em português na sua comunicação com hispanófonos, ou vice-versa. Espanhol com elementos de português, utilizado por falantes nativos de espanhol, quando se comunicam com lusófonos.

⁵⁰ Tradução da frase para o português: “Tive poucas namoradas em minha vida, porém, a que mais aprendi, foi ela. Hoje temos cordial amizade e sempre falo com ela”.

⁵¹ Terra da Garoa – Figura de linguagem (metonímia), que se refere à cidade de São Paulo.

⁵² MASP -Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand é um centro cultural e museu (brasileiro) de arte, fundado em 1947, pelo empresário e jornalista paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (1892-1968) mais conhecido como Assis Chateaubriand.

O Rio dos sambas e batucadas
 Dos malandros e mulatas
 De requebros febris

Aportaram em solo carioca e, inicialmente, ficaram encantados com as inúmeras belezas naturais da Cidade Maravilhosa, porém, logo constataram que o *Rio de Janeiro não continuava tão lindo* e não tinha nada de *Cidade Maravilhosa* como “dizem” algumas músicas tradicionais, que têm esta cidade como tema. Perceberam um contexto perigoso em relação às pessoas que, por diversos motivos, vivem à margem da sociedade. No primeiro dia, quase não encontram local para dormir.

Na primeira noite, quando acamparam próximo a autopista, eles perderam a cachorrinha de estimação, que Ambar trazia consigo desde São Paulo. Nunca souberam o que aconteceu com a cadela, se foi roubada, atropelada ou, se ficou perdida pelas ruas do Rio de Janeiro. Sem generalizar, a primeira impressão, que tiveram do Rio de Janeiro, não foi tão boa, pois observaram que as drogas e a violência das ruas contrastavam com as belezas naturais e o cotidiano dos cariocas.

De acordo com as narrativas do artista, o período em que chegaram à capital do Rio de Janeiro, era a época em que o Brasil estava sediando uma edição da Copa América de Futebol. Fernando queria muito assistir a um jogo da seleção argentina e firmou esse propósito em sua mente. Por coincidência, um dia depois de pisar no solo carioca e, após certa dificuldade em encontrar pouso seguro, Fernando e Ambar conseguiram hospedagem em uma comunidade indígena situada, praticamente, ao lado de um dos que já foi o maior templo do futebol mundial, o Maracanã. O casal encontrou abrigo na Aldeia *Marak'anà*⁵³.

Estando ali, ao lado do Maracanã, ele teria possibilidade de assistir a um jogo do selecionado argentino e, também, ver de perto o seu grande ídolo no futebol, Lionel Messi. Um aspecto relevante: suas memórias afetivas, pois ele relembrou os tempos, em que, ao lado do pai, irmãos e tios iam ao Estádio de Mendoza para assistir aos jogos de futebol entre Boca e River e, também, da seleção Argentina. Houve uma grande coincidência: nesse mesmo dia, o estádio ia sediar o jogo entre Argentina e Venezuela. Fernando, como um verdadeiro *barra brava*⁵⁴, gritava pelas cercanias do estádio: “Argentina, Argentina, Argentina”. Sua alegria contrastava com a tristeza de Ambar pela perda do animalzinho de estimação, mas sua euforia

⁵³ *Marak'anà* - É uma aldeia urbana, universidade e movimento social indígena, localizada no prédio antigo do Museu do Índio, no bairro do Maracanã, no Rio de Janeiro.

⁵⁴ *Barra brava* - Tipo de movimento de torcedores muito popular na América Latina.

era maior e não parava de gritar. Ele não tinha dinheiro suficiente para comprar o ingresso, mas já estava satisfeito em torcer, mesmo que do lado de fora.

Figura 17: Registro do interior do Maracanã, feito por Fernando Guardia, no dia em que ele adentrou o estádio para assistir ao jogo entre Argentina X Venezuela



Fonte: Arquivo pessoal do artista (2021)

Quando de repente, um sujeito, que de longe observava o jeito eufórico de torcer e vibrar do argentino, se aproximou e perguntou: “Você, quer assistir ao jogo”? Ele hesita e responde: “É mentira! É sério isso, você vai me dar uma entrada para assistir ao jogo”? O sujeito acena positivamente com a cabeça. Fernando olha para Ambar que, mesmo muito triste, diz ao companheiro: “Tá olhando o quê? Vá assistir ao jogo”! Ele se sentiu triste pela companheira, mas, com sua insistência, entrou radiante de felicidade no interior de um dos mais icônicos palcos do futebol mundial. No final do jogo, vitória da seleção portenha por dois a zero sobre *La Viñotinto*⁵⁵ com dois gols de Messi.

Na sequência da viagem, Fernando e Ambar se dirigem à região norte do estado fluminense. Seguiram pelo litoral, acamparam na da cidade de Rio das Ostras e ganharam uma nova companhia para viagem. Um animalzinho de estimação, um dos oitos filhotes de uma cadela vira-latas, que insistia em segui-lo, quando ele ia para os semáforos da cidade. Ambos começaram a se apegar à cadelinha, que batizaram de nome Lua. Ele não queria se responsabilizar de levar consigo um cãozinho de estimação, mas acabou se rendendo à insistência de Ambar, que o incentivava a ficar com o animal. Ele conversou com a proprietária da cachorrinha, que lhe ofereceu outros filhotes, mas Fernando ficou somente com Lua, que passou a acompanhá-lo em sua aventura.

⁵⁵ *La Viñotinto* -Forma como é conhecida e chamada a seleção venezuelana de futebol, em virtude das cores de seu uniforme principal (amarelo, azul e vermelho).

Figura 18: Rio das Ostras, local onde Lua foi adotada por Fernando Guardia



Fonte: Arquivo do artista (2021)

Por fim, Fernando, Ambar e Lua chegam à cidade Campos dos Goytacazes. Lá, se hospedaram em um local, que era comparado a uma espécie de casa cultural, ponto de encontro para vários artistas de rua, que servia de abrigo aos andarilhos mambembes que passavam pela cidade. Todos os domingos, esses artistas faziam suas apresentações culturais para população local. Ali, dividiam o que tinham e o que não tinham, na prática, vivenciavam o senso comunitário descrito por Tunner (1969), quando faz referências aos conceitos de liminaridade e *communitas*. Sob essa ótica, Noleto e Alves (2015)⁵⁶ afirmam que:

Esses exemplos permitem assinalar que, diante do confronto com a estrutura social, os sujeitos em condição liminar constituem uma solidariedade proporcionada pelo estabelecimento da *communitas* para marcar a relevância de sua posição social em contexto político, cultural e jurídico determinado. Turner conclui que toda estrutura social, acompanhada pelos ritos que concedem direitos de acesso a determinadas esferas de poder ou status, coopera para a existência de uma antiestrutura na medida em que produz sujeitos liminares, transitórios ou não, que se agrupam em *communitas*.

Consideramos que, o modo de vida das comunidades compostas por artistas de rua, se aproxima da conceituação de representatividade prática da antiestrutura, ilustrada nas pesquisas de Turner (1969) e, também, do posicionamento teórico de Noleto e Alves (2015). A narrativa do momento, em que Fernando, Ambar e Lua passam pela casa/abrigo, contextualizam nosso entendimento. Nesses espaços, a convivência, mesmo que de maneira simbólica, expressa de forma contundente o quanto os sujeitos liminares e à margem das estruturas sociais podem viver desprovidos de vaidades pessoais. Por conseguinte, essa experiência poderá ser considerada como um exemplo de convivência social e coletiva, capaz de promover ensinamentos diversos para as sociedades convencionais. Porém, em dado

⁵⁶ Liminaridade e *Communitas* - Victor Turner, constante em Enciclopédia de Antropologia, conforme citamos anteriormente.

momento, houve uma desocupação do espaço, realizada pela polícia militar, pois o proprietário da casa pediu na justiça para que desocupassem o espaço.

Na terra da goiabada cascão e do chuveisco⁵⁷, passaram cerca de quatro meses antes de pegar estrada novamente. Entretanto, o artista seguiu sozinho, pois Fernando e Ambar se separaram. Em consequência da repentina separação, ele confessou que ficou muito triste e chegou a ligar para sua mãe para desabafar suas mágoas. Apesar de toda tristeza, era preciso seguir adiante e, ao lado de Lua e de dois artistas caminhantes, cruzou o estado capixaba. As memórias dessas andanças trazem à tona um fato hilário: uma galinha de estimação juntou-se ao grupo. Um dos amigos pegou a ave, que caiu de um caminhão e quebrou uma asa, mas não foi para panela, pelo contrário, recebeu cuidados e afeto do trio viajante.

Figura 19: A bicicleta de Fernando Guardia e a galinha adotada por seus amigos no Espírito Santo



Fonte: Arquivo do artista (2021)

Nessa época, os amigos perguntavam sobre o coração e a chilena Ambar, mas, Fernando respondia que não sentia mais nada, pois havia esquecido sua grande paixão. Todavia, bastou um telefonema e a voz de Ambar ao fundo, dizendo que estava com saudade e que queria vê-lo, para o artista não pensar duas vezes e partir sozinho. Assim, passou muito rápido pelo Espírito Santo e como nos versos de Silas de Oliveira (1964):

Fiquei radiante de alegria
Quando cheguei à Bahia
Bahia de Castro Alves, do acarajé
Das noites de magia do candomblé

O encanto, o axé baiano e todo poder afrodisíaco do cacau, levaram Fernando aos braços da chilena no sul da Bahia.

⁵⁷ Goiabada cascão e chuveisco - Doces típicos da culinária de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, feito à base de ovos e que pode ser servido em calda ou cristalizado.

Saindo do sul da Bahia, Fernando, Ambar e Lua deixaram a orla e invadiram o sertão até chegarem à Chapada Diamantina. Seguiam com destino à Brasília e, na altura de Barreiras, pediram pouso para armar a barraca para um pernoite, o que foi concedido pelo proprietário do espaço. Porém, esse fato ocorreu no período da pandemia, então, durante a noite, o proprietário do local voltou com mais alguns homens, que os ameaçaram e os obrigaram a ir embora ainda pela madrugada. A falta de humanidade e crueldade do mundo nua e crua batia à porta dos artistas. Depois desse episódio, nada de mais grave aconteceu, no entanto, Ambar seguiu para um lado e Fernando para outro e, assim, ele retomou o caminho do litoral, partindo em direção à cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe. Chegando lá, reencontrou Guido Sandoval, o grande amigo, que o incentivara a viajar. Esse reencontro, que se prolongou por cinco meses, reacendeu suas memórias do início de tudo e das aventuras já vividas, conforme afirma Halbwachs (1990, p. 22):

Não basta reconstruir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa.

Nessa reconstituição, as mais notáveis lembranças e a percepção do quanto eles mudaram e aprenderam “de lá para cá.” Memórias inesquecíveis das incríveis andanças, dos momentos vividos lado a lado, em um constante processo evolutivo, no qual erros e acertos caminharam de mãos dadas, proporcionando a cada um crescimento pessoal e, sobretudo, maior autoconhecimento. Ainda que o tempo passado juntos tenha sempre sido de grande valia, em um certo momento, o amigo decidiu regressar para a Argentina e Fernando ficou por mais três meses em Aracaju, antes de seguir seu rumo. Preferiu, então, subir um pouco mais pelo Nordeste.

Percorreu as Alagoas e, como se estivesse caminhando com Silas de Oliveira (1964):

Depois de atravessar as matas do Ipu
Assisti em Pernambuco
À festa do frevo e do maracatu

Ele passou brevemente por algumas cidades pernambucanas até chegar ao estado da Paraíba e encontrar a capixaba Giulia Natajara, também artista viajante. Logo a amizade deu

lugar a mais um romance e viajaram juntos. Ela queria seguir de ônibus e ele de *bike*⁵⁸, até que Giulia cedeu à vontade de Fernando e, na primeira etapa da viagem, a capixaba se enrolou toda com os pedais e, quando estava passando com muita velocidade em um quebra-molas, caiu em cima de uma barraca de frutas de uma feira à beira da estrada. Mas, o incidente não foi capaz de detê-los. Juntos pedalarão pelas estradas paraibanas e, em seguida, invadiram o terreno potiguar até chegarem àquela que é considerada a Terra do Sol, do Sal e do Petróleo, a quente, porém, hospitaleira Mossoró no Rio Grande do Norte. Essa cidade também é identificada como a Terra da Liberdade e a Terra de Santa Luzia.

Figura 20: Fernando Guardia em ação pelas ruas de Mossoró, onde conheceu o Prof. Paulo Renato



Fonte: Arquivo do artista (2022)

Justamente nessa cidade, ocorreu o encontro que originou a ideia, que viabilizou a escrita desta narrativa e desta história de vida. Para ser mais preciso, no semáforo que regula o trânsito do cruzamento entre a Rua João Vieira de Sá e a Av. João da Escócia, bem em frente à Praça do Rotary no bairro Nova Betânia, um dos pontos mais movimentados da cidade, que o artista de rua Fernando Gabriel Guardia se encontrou com Paulo Renato Ribeiro de Oliveira, professor de Educação Física. Era final de tarde, o professor descia de bicicleta no sentido do centro da cidade, quando avistou o artista, que estava realizando uma apresentação. Em um primeiro momento, o professor passou direto, mas, em “um estalo”, parou um pouco mais à frente, tomou coragem, voltou e chamou o jovem artista para conversar.

Ele se apresentou e falou ao artista da sua intenção, do seu respeito e admiração pelo trabalho que os artistas de rua desenvolvem. Além disso, expôs sua ideia de elaborar um projeto de mestrado, que tivesse a arte e os artistas de rua como objeto de estudos. Em seguida, perguntou ao Fernando se ele aceitaria realizar uma apresentação para as crianças de uma das

⁵⁸ *Bike* - Termo da língua inglesa que significa bicicleta.

escolas, na qual trabalhava, o Instituto Alvorecer. Havia, ainda, a possibilidade de realizar a mesma apresentação, em uma escola pública do município de Russas, no Ceará.

Depois de ouvir atentamente e contar um pouco de sua história, Fernando aceitou o convite. Então, professor e artista trocaram telefones e, em uma semana, estavam juntos novamente. Dessa vez, o espetáculo foi na escola! Fernando e Giulia encantaram o público escolar com sua performance de malabarismo e equilíbrio sob um monociclo, além do manuseio do *swing poi* (instrumento de malabarismo) apresentado por Giulia. Na escola da rede privada e na da rede pública, as apresentações renderam aplausos efusivos de alunos, professores, colaboradores e núcleo gestor.

Figuras 21 e 22: Fernando Guardia ao lado de Giulia Natajara, apresentando sua arte no Instituto Alvorecer (Mossoró/RN) e na Escola Agrícola Pe. Pedro de Alcântara (Russas/CE)



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Foram dois dias incríveis e inesquecíveis, que serão narrados por ambos, em um tópico referente ao terceiro capítulo desta dissertação. Destacamos que, nesse período da viagem, Fernando e Giulia decidiram se apartar e, cada um seguiu uma rota diferente. Giulia viajou para Caruaru em Pernambuco e Fernando que, desde a Paraíba, tinha em mente regressar para sua terra natal, decidiu esticar o caminho, subiu um pouco mais, para, só então, retornar.

Assim, continuou embalado pelos versos de Silas de Oliveira (1964):

Caminhando ainda um pouco mais
 Deparei com lindos coqueirais
 Estava no Ceará, terra de Irapuã
 De Iracema e Tupã

Enfim, Fernando estava em terras alencarinas, tendo se apresentado em Limoeiro do Norte, Quixadá e Canoa Quebrada.

Alguns amigos, que encontrou pelo caminho, o chamaram para rumar com destino à capital, Fortaleza. Mas, a saudade começou a apertar no coração, era esse o sinal, que ele esperava para saber a hora de retornar.

Na experiência liminar, à margem da sociedade, ele fortaleceu sua identidade, constituiu aprendizagens e vivenciou experiências ímpares. Paradoxalmente, encontrou a si mesmo em meio à individualidade e, também, na coletividade, uma vez que se permitiu vivenciar muitas transformações e mutações, durante o percurso solitário e nas trocas dos momentos de êxtase coletivos. Aprendeu, viveu os processos! Conforme ilustram as facetas desse processo que são citadas por Josso (2007, p. 424):

- como um processo evolutivo de integração / desintegração de saber-pensar, de conhecimento, de representações, de valores, de comportamentos, de saber-fazer;
- como um processo de dar sentido às aprendizagens formais e informais, às experiências e aos projetos de si;
- como um processo de tomadas de consciência de si e de suas potencialidades;
- como um processo de concretização de uma intencionalidade em projetos;
- e finalmente como uma transformação permanente – e às vezes imperceptível – do si psicossomático;

O posicionamento teórico de Josso (2007) contribuiu, de forma efetiva, para a consolidação da crença positiva, que atribuímos às experiências (auto)formativas, sobretudo, aquelas que se constituíram através dos saberes dos sujeitos, que as vivenciaram em seu dia a dia, na práxis. Em suma, na prática das experiências vividas, Fernando Gabriel Guardia adquiriu conhecimento e, assim, refletiu sobre os processos amplamente formativos e de aprendizagem, que compõem sua história de vida e seu aprendizado pessoal, conforme podemos verificar nas memórias narradas.

Tal como nos escritos de Josso (2007), somente a partir da tomada de consciência de si, Fernando deu início a mais uma etapa do seu rito de passagem para consolidação desse sujeito, ante a liminaridade e o viver no limem. Ele estava satisfeito, havia pintado sua *Aquarela Brasileira* com os tons de uma vida *freedom*⁵⁹. Iniciou a fase de regresso, parte final do processo de liminaridade, para reagregar e estar junto aos seus. Restava assim, “juntar suas coisas” e partir com destino ao sul do país. Mas, essa é outra história.

⁵⁹ *Freedom* - Termo da língua inglesa utilizado para designar liberdade.

2.4 – Eu cheguei de longe – abriram-se cortinas e varandas

Após quatro anos e alguns meses de viagem, Fernando Guardia sentia que precisava mudar sua rota e refazer seu caminho. Um aperto no coração corroía sua alma, por isso, decidiu regressar, “tendo vivido” os versos da canção **Andanças**⁶⁰.

Vim, tanta areia andei
Da Lua cheia, eu sei
Uma saudade imensa
Vagando em verso, eu vim
Vestido de cetim
Na mão direita, rosas
Vou levar

Olha a Lua mansa a se derramar (me leva, amor)
Ao luar descansa, meu caminhar (amor)

Conforme citamos, desde as Andanças no sertão da Paraíba, Fernando tinha em mente retornar às suas origens, à sua terra natal, ao seu berço, onde seria acolhido pela família. Mas, só agora, ouvia seu coração a lhe dizer: volte!

Cerca de 5700 quilômetros separam Canoa Quebrada (Ceará/Brasil) de Tunuyán (Mendoza/Argentina), entretanto, a distância não seria empecilho algum para quem já havia percorrido uma distância maior que essa. A decisão estava tomada! Fernando retornaria às suas raízes. A cadela Lua, sua bicicleta, seus pertences e a ansiedade seriam as companhias constantes. Então, acelerou as pedaladas, porém, volta e meia, surgia um imprevisto que freava seu ímpeto. Inúmeras situações fugiam do seu controle e, às vezes, tinha vontade de chorar. Mas, com calma, resolvia os problemas e superava os percalços que insistiam em aparecer. Ele relembra que, certa vez, quebrou o pedal da *bike* e precisou caminhar dez quilômetros, até achar a um pequeno povoado e conseguir ajuda para consertar o equipamento. Sobre essa passagem, ele relatou em portunhol:

Yo me lembro que estava muito ansioso quando comencei a descer.
Como se vê, me gusta la liberdade, de viajar, de conhecer novos lugares,
no hay como esquecer de su raiz, de su familia. Estava com muita
vontade de visitar minha família. Era tanta vontade que estava
demasiado ansioso a la volta, e aí aconteciam pequeños problemas em

⁶⁰ Música: Andanças - Canção de autoria Danilo Caymmi, Paulinho Tapajós e Edmundo Souto, apresentada/defendida por Beth Carvalho no Festival Internacional da Canção, em 1968, que se realizou em São Paulo (primeira etapa) e no Rio de Janeiro (etapa final). (Vide Anexo 8).

la estrada que me faziam ver tudo de forma muito negativa, mas na verdade era apenas a ansiedade que tomava conta de mim e dos meus pensamentos (Narrativa de Fernando Guardia, Alicante, 2024).

Conforme já citamos, a maior parte de seu percurso até o Nordeste brasileiro foi feito pelo litoral, por isso, ele escolheu seguir por uma rota mais interiorana. Conheceu novos lugares, novas paragens e, como sempre, fez novas amizades. Ceará, Pernambuco, Bahia, Tocantins, Goiás, Distrito Federal, São Paulo e Paraná fizeram parte de seu novo caminho. O seu caminhar novamente nos remete aos versos do poeta Ant3nio Machado:

Tudo passa e tudo fica
por3m o nosso 3 passar,
passar fazendo caminhos

Fernando, o artista de rua, “ouviu” o poeta! Trilhou caminhos por terras desconhecidas e, com muita bravura, desbravou um pa3s de dimens3es continentais, tendo deixado l3guas e mais l3guas para tr3s...

Figura 23: Fernando e Lua na Chapada Diamantina



Fonte: Arquivo do artista (2023)

Em 2023, chegou a hora de concluir o seu rito de passagem. Consideramos que o ato de regressar ao seio familiar faz alus3o 3 culmin3ncia do processo de liminaridade, ao qual o Fernando se submeteu. No decurso de suas experi3ncias, primeiro, vivenciou o processo de separa3o para, em seguida, viver a experi3ncia no limem, o auge do viver 3 margem do todas as estruturas convencionais. E, por fim, a volta ao lar tem como significado/sentido o ato de (re)agregar. Turner (1986, p. 35) classifica esse processo como p3s-liminar, ou seja: “... momento de transposi3o, ruptura do per3odo liminar. O indiv3duo deixa de assumir uma identidade transit3ria e as circunst3ncias caracter3sticas da fase do luto, para poder adquirir um novo papel social perante a sociedade vigente”.

Dessa forma, a narrativa (auto)biográfica, que se refere à história de vida do artista Fernando Gabriel Guardia, nos fornece a percepção de que seu modo e filosofia de vida perpassaram por momentos, que a antropologia conceitua como liminaridade e *communitas*. Destacamos que cada momento e cada fase vivenciada pelo artista se mistura aos processos ritualísticos de passagem., por exemplo: separação (fase pré-liminar), fase liminar propriamente dita (a margem das estruturas, morte social) e (re)agregação (fase pós-liminar, renascimento). Esse o momento descrito por Fernando, ou seja, o ato de regressar pressupõe sujeição às normas de condutas e aos costumes da sociedade, na qual ele irá se inserir novamente.

Em geral, cada reaproximação é feita de forma distinta, pois, na volta, a bagagem de vida do sujeito está repleta de novos conhecimentos e aprendizados, que irão fazer diferença no seu modo de lidar com os fatos corriqueiros e com estruturas sociais existentes. Com uma perspectiva de vida mais flexível, leve e suave, com um caráter transformador, de si e dos grupos sociais, que gozam do privilégio de tê-los por perto. Nessa passagem das narrativas do artista, novamente recorreremos a Zaragoza (1994 p. 72-73), “Este o desafio maior. Andar e andar, esta é a coragem, na direção que buscaste. Ir resoluto, sempre adiante. E saber a volta”. E assim o fez, sentia que deveria voltar e partiu em direção ao sul.

Tendo como base as memórias do seu percurso, Fernando disse ter passado por muitas paisagens lindas e admiráveis, mas não pôde fazer muitos registros em consequência de um problema na câmera de seu aparelho celular. Enfatizou o momento em que passou pela cidade de Aurora, no estado do Tocantins e conheceu o menor rio do Brasil: o Rio Azuis, que conta com 147 metros de extensão, apenas. Esse rio está localizado em uma propriedade privada, no entanto, ao anoitecer, ele conseguiu entrar no espaço para lá acampar. Cada pedalada da volta era muito emocionante, pois era um espaço a menos, que teria para chegar em sua casa.

Em outra ocasião, pensou em chegar ao Distrito Federal e seguiu nessa direção, mas, no meio do caminho, mudou o rumo dos seus passos. Por fim, somente na volta conseguiu realizar seu intento de conhecer cidade projetada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Sua chegada à capital do Brasil nos leva à musicalidade de Djavan e Caetano Veloso, na canção **Linha do Equador**⁶¹ (1992):

Céu de Brasília, traço do arquiteto
Gosto tanto dela assim

Entretanto, é impossível não complementar seu caminhar por este Brasil gigantesco com a canção de Silas de Oliveira (1964):

⁶¹ Música – Linha do Equador / Djavan – Composição: Djavan e Caetano Veloso - (Vide Anexo 9).

Brasília tem o seu destaque
Na arte, na beleza e arquitetura

Sempre na companhia da inseparável Lua, pedalou pelo plano piloto e seguiu pelo Eixão⁶² até a rodoviária de Brasília. As pedaladas cederam sua vez a uma viagem de ônibus, pois sua ansiedade mudou seus planos. Encontrou uma passagem mais barata em uma condução destinada aos sacoleiros, que sempre vão fazer compras na capital paulista. E assim, ele, Lua, sua bicicleta e monociclo seguiram para São Paulo. Lá, permaneceu por algum tempo, trabalhando nos sinais para juntar dinheiro, pois não pretendia chegar em casa com a carteira vazia.

Alugou uma casa e, por lá, ficou durante dois meses, antes de seguir em direção ao sul do estado. Aproveitou para comprar novo material de trabalho e, todos os dias, fazia suas apresentações. Informou que, durante a viagem do Ceará até Brasília, *só fazia semáforos* nos finais de semana ou, quando seu dinheiro acabava, pois, nos outros dias, pedalava o mais rápido que podia. Tudo para encurtar a distância que o separava da família.

Figura 24: Claves (elementos de malabarismo) de Fernando Guardia



Fonte: Arquivo do artista (2023)

Em junho de 2023, Fernando Guardia saiu de São Paulo para entrar e cortar o Paraná como uma flecha, tendo como destino a divisa com a Argentina. Todavia, quando chegou por lá, meio que estacionou, embora estivesse com muita vontade de chegar em casa e rever seus familiares. Encontrou um amigo, que havia conhecido no interior da Bahia, e permaneceu com ele durante um bom tempo em Foz do Iguaçu. Junto ao amigo, conheceu as belezas naturais das

⁶² Eixão - Eixo Rodoviário de Brasília, mais conhecido pela alcunha de Eixão, é uma longa avenida que fica no plano piloto de Brasília, capital do Brasil.

Cataratas do Iguaçu e de tantos outros pontos turísticos da cidade. Esse amigo o convidou para irem ao Paraguai, mas ele não foi. Pois, sabia muito bem o que deveria fazer: ir para casa!

Fernando estava ali, em frente ao seu objetivo, porém, de imediato não conseguiu prosseguir. Teve a impressão que o emocional falou mais alto e passou a relembrar quase todos os momentos vividos durante sua incrível viagem pelo Brasil. Apesar da dualidade entre partir e ficar, estava em paz, tinha a sensação do dever cumprido, mas, ao mesmo tempo, estava meio paralisado. E novamente relembrou o poeta Antônio Machado:

Faz algum tempo neste lugar
onde hoje os bosques se vestem de espinhos
se ouviu a voz de um poeta gritar
‘Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar’...

Golpe a golpe, verso a verso...

Morreu o poeta longe do lar
cobre-lhe o pó de um país vizinho.
Ao afastar-se lhe vieram chorar
‘Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar...’

Golpe a golpe, verso a verso...

Quando o pintassilgo não pode cantar.
Quando o poeta é um peregrino.
Quando de nada nos serve rezar.
‘Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar...’

Golpe a golpe, verso a verso

Assim como na poesia, o artista andarilho não queria desfalecer longe do lar e ter seu corpo coberto pelo pó de outra pátria. Como bom peregrino, sabia que precisava caminhar e, para reforçar a tradução deste momento, utilizamos a poesia de um samba, intitulado *De Sampa a São Luís*⁶³, lançado em 1996 por Jorge Aragão, que diz assim:

Deixa o céu no chão e Deus por perto
Quando se tem paz, tá tudo certo
Minha estrela que ninguém alcança
Me abraça, criança

⁶³ Música: *De Sampa a São Luís* - Samba composto em 1996 por Jorge Aragão, Paulo César Feital e Flávio Cardoso - (Vide Anexo 10).

O amor é só pra quem merece
E por isso pede que eu regresse
A saudade é o mesmo que uma prece de amor

Vivia, assim, entre o êxtase da conquista e a incredulidade de seu feito. Estava reflexivo, talvez, por isso, a estagnação antes de atravessar a fronteira. Felicidade e, ao mesmo tempo, receio.

Figura 25: Fernando jogando malabares em Foz do Iguaçu (Paraná)



Fonte: Arquivo do artista (2023)

Ele viveu a transitoriedade dos ritos de passagem, se apartou dos seus entes, de sua comunidade, de sua terra, de sua gente. Viveu a liminaridade, à margem da sociedade, no limen e em *communitas*, que compartilhavam os mesmos ideais e, agora, em todo percurso de descida em direção ao sul e à sua casa, Fernando Frenando Gabriel Guardia estava prestes a concluir o ritual de passagem por completo, pois iria se (re)agregar ao seu contexto de origem. Mesmo quando esteve à margem, ele não se dissociou das dimensões sociais, políticas e, até mesmo, religiosas do sujeito liminar que se tornou.

A convivência em *communitas* e a tendência anti estruturalista⁶⁴ levaram Fernando a uma maior aproximação dos ideais progressistas. Em relação ao complexo campo da religiosidade, ele disse que não seguia e tampouco praticava sua fé através de uma religião específica. Compreendia as dimensões socioculturais e religiosas, que indicam onipotência, onisciência e onipresença de uma entidade suprema, como Deus. No entanto, a seu modo, Fernando sente a presença de Deus na comunhão com natureza, na possibilidade do livre arbítrio, no ato de acordar a cada manhã, respirar, ter saúde e viver. Não um viver qualquer, mas, um viver baseado nos seguintes princípios: ética, respeito, união, fraternidade,

⁶⁴ Anti estruturalista – Termo para formas filosóficas, teóricas e literárias de teoria que tanto constroem quanto rejeitam ideias estabelecidas pelo estruturalismo. De modo geral, entende-se o anti estruturalismo pela rejeição as definições que encerrem verdades absolutas sobre o mundo, pois a verdade dependeria do contexto histórico de cada indivíduo.

solidariedade e amor. Ele não conseguia compreender situações de opressão ou imposição doutrinadora da fé, isso sempre lhe afastou de qualquer possibilidade de congregar em uma denominação religiosa específica.

Aproximadamente três meses se passaram, até que Fernando cruzou a fronteira. E, daquele ponto até sua cidade, acelerou. Ele ainda não conhecia esse caminho porque, nas outras viagens sempre saía ou retornava pela Bolívia e pelo norte da Argentina. Nessa rota, não fez paradas extensas e a ansiedade aumentava a cada instante e a cada pedalada. Precisava chegar em casa! Pela glória das conquistas, pela realização de um sonho pessoal e, sobretudo, pelo amor incondicional à família, aos costumes, à sua cultura, aos amigos e às memórias, que trouxe consigo durante a caminhada.

Figuras 26 e 27: Caminhos percorridos por Fernando Guardia já em solo Argentino



Fonte: Arquivos do artista (2023)

Estava seguro como nos versos de Antônio Machado que sempre o acompanharam:

Nunca persegui a glória
nem deixar na memória
dos homens minha canção
eu amo os mundos sutis, leves e gentis,
como bolhas de sabão

Gosto de vê-los pintar-se
de sol e grená, voar
abaixo o céu azul, tremer
subitamente e quebrar-se...

Nunca persegui a glória
Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais.
Caminhante, não há caminho, se faz caminho ao caminhar.
Ao caminhar se faz o caminho.

Fernando Guardia tinha consciência do caminho trilhado, como nos versos de Antônio Machado, reafirmava para si mesmo, que não buscava a glória pelo êxito ou pela façanha de percorrer quase cinco mil quilômetros que separam o Norte da Argentina do Nordeste brasileiro.

Em sintonia com os versos de Antônio Machado, preferia os mundos leves, sutis e gentis. Para ele, apresentar sua arte nos semáforos era como soprar bolhas de sabão e contemplá-las a voar. E, assim, leve como bolhas de sabão, seguiu seu caminho.

Enfim, estava em solo argentino, com o coração batendo acelerado, compasso firme em direção ao amor, amor de família, amor de irmãos, amor de pai, amor inigualável como o sublime amor de uma mãe. Não via a hora de abraçar *“su mamá”*, contemplar seu sorriso e, sobretudo, se aconchegar em posição fetal no colo do amor materno, pois precisava se abrigar em seu ventre e receber seus cuidados. O menino/homem liminar só queria ter o direto de chorar como criança e se sentir seguro com o toque suave do abraço que acalanta a *“los niños, el abrazo de su madre”*.

Figura 28: Fernando e sua mãe Graciela, após o seu retorno para casa.



Fonte: Arquivo do artista (2023)

Tal como em um processo gestacional, que dura nove meses, Fernando renasceu, pois saiu de Canoa Quebrada (Ceará / Brasil) em fevereiro de 2023, e chegou à cidade de Tyunán (Mendoza /Argentina), em novembro do mesmo ano. Mera coincidência, destino ou as Mãos de Deus? Jamais teremos uma resposta definitiva... E, a bem da verdade, isso é o que menos importa... Ele teve a felicidade de sair de casa, caminhar por seus caminhos e regressar em paz...

Destacamos, ainda, que Fernando conseguiu chegar saudável à casa de sua família, o que não ocorreu com Julieta Hernandes⁶⁵, artista de rua venezuelana, a Palhaça Miss Jujuba. Além de artista, era errante, caminhante, andante, mulher na liminaridade, à margem das sociedades convencionais, quebrou paradigmas e atravessou nosso país, pedalando uma bicicleta para apresentar sua arte. Estava no processo de (re)agregação, pois fazia sua viagem

⁶⁵ Julieta Ines Hernández Martínez, 38 anos (Palhaça Jujuba), viajava em uma bicicleta pelo Brasil desde 2016 e estava voltando para a Venezuela, seu país de origem. Após ficar 14 dias desaparecida, seu corpo foi encontrado sem vida, no dia 05 de janeiro de 2024, no município Presidente Figueiredo no estado do Amazonas.

de retorno ao seio de sua família, ao colo de sua mãe... Não teve o mesmo êxito do artista, que nos emprestou sua história.

Para além da bicicleta
Julieta Hernández (Norte do Brasil, 2023)

Meu destino é também aqui e agora
Impossível, insólito, vertiginoso
Em espanhol, em português, em portunhol
Fascinante, único, tímido
Preenchido de incertezas, afagos, afetos, choros, paixões,
solidões, dúvidas
Meu destino é no colo de minha mãe.

Histórias distintas, únicas, cada uma com suas peculiaridades, com caminhos e rotas diferentes, entretanto, repletas de similaridades, sobretudo, nos aspectos que conceituaram e fundamentaram o referencial teórico deste capítulo e do modo de vida de cada um. Ambos, indivíduos liminares, que vivenciaram suas experiências, transbordando em amor pela arte das ruas e pelo que essa arte é capaz de proporcionar.

Com desfechos diferentes para cada um, pois a artista Palhaça Miss Jujuba não conseguiu completar seu percurso: sua vida foi ceifada no caminho, portanto, não chegou ao colo de sua mãe. E o artista Fernando Gabriel Guardia completou sua viagem, tendo chegado feliz e em paz à casa de sua mãe. Apesar deste triste desfecho, precisamos retornar aos feitos do artista argentino.

Dos momentos, em que gravamos as entrevistas e os depoimentos do artista argentino, ficam as lições dos múltiplos aprendizados, advindos das narrativas de sua história de vida. Todavia, um questionamento foi primordial para nosso entendimento: o que Fernando Gabriel Guardia aprendeu no decurso de sua jornada? Inicialmente, ele fez questão de relembrar e citar os ensinamentos, que recebeu de seus pais, por exemplo: respeito, de ser uma boa pessoa, não mentir, não roubar, e acrescentou: “aprendi que, se você não faz nada errado, se você não tem maldade, as coisas geralmente dão certo”. Declarou que tais ensinamentos estiveram com ele durante todo o percurso.

Ainda faltava uma pergunta: o que você aprendeu com o mundo, com as diversas vivências e experiências, que a vida e a viagem lhe proporcionaram? Então, Fernando respondeu: “Aprendi que eu não quero parar de aprender”! Exclamou e arrematou dizendo:

Aprendi também, que dessa vida não levamos nada, tudo que temos são o que os outros transmitem, e por isso, também trato de transmitir, coisas boas, conhecimento e tento utilizar minha vida como exemplo para que outros não cometam os mesmos erros que já cometi e para

fazer mais fácil a vida dos outros, da vida não levamos nada. *Hay* que desfrutar! (Narrativa de Fernando Guardia, Alicante, 2024).

Com essas respostas, que denotam imenso aprendizado, concluimos a narrativa que descreve uma história ímpar de um sujeito, que traz em sua bagagem de vida todo aprendizado, que suas experiências pessoais poderiam lhe oferecer. Caminhou por caminhos incertos, tendo superado medos, percalços e barreiras, que poderiam levá-lo a desistir de tudo. Mas, ele seguiu adiante, firme e resoluto, pois sabia o que queria e, também, onde queria chegar. E quando chegou, o coração foi o responsável por avisar. Só então, regressou ao seu porto seguro e à sua base familiar.

Com a intenção de celebrar a relevância das narrativas (Auto)biográficas para o processo de formação humana, trazemos à tona as palavras de Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012)⁶⁶ quando fez referências à poesia de Cecília Meireles: “O homem é verbo e sua vida é conjugável. É passado, é presente, é futuro.” Estas palavras se encaixam perfeitamente no contexto das experiências vividas e descritas, em forma de memórias neste capítulo. E, sem dúvidas, a narrativa da história de vida do artista de rua, malabarista e equilibrista Fernando Gabriel Guardia é a junção dessas três dimensões, que compõem sua história.

Gracias, por compartir tu historia amigo!

⁶⁶ Bartolomeu Campos de Queirós - Escritor mineiro, crítico literário, considerado um dos principais autores da literatura infanto-juvenil brasileira. Participou de importantes projetos de leitura: ProLer e Biblioteca Nacional, fazendo conferências e seminários para professores de leitura e literatura. Foi um andarilho de corpo e de alma.

Capítulo III: A ARTE DAS RUAS INVADE A ESCOLA: POSSIBILIDADES FORMATIVAS

Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

Paulo Freire (1992)

Após um longo percurso, chegamos ao epílogo de nosso⁶⁷ itinerário dissertativo. Quiçá, seja este o momento mais esperado pelos principais atores desta obra e, também, por aqueles que, por ventura, embarquem nesta viagem através da leitura das linhas nele escritas. Este momento poderia ser comparado ao tão desejado ápice de uma apresentação artística, com apupos da plateia em êxtase ao final do espetáculo. Porém sabemos que os aplausos não são a principal finalidade deste estudo, pois, sob uma perspectiva reflexiva e interpretativa, buscamos compreensão do aprendizado proposto pelo processo educativo.

Sob este prisma, o presente capítulo tem a finalidade de inventariar, por intermédio das narrativas, as contribuições dos artistas e da arte das ruas para construção de possibilidades educacionais inclusivas. A transcrição dos relatos apresenta o encontro entre o professor e o artista e, também, os momentos vivenciados no ambiente escolar. Caminhos que se cruzaram ao som de buzinas e no vaivém das pessoas no cotidiano urbano; caminhos que apontam novos caminhos; caminhos que contam, recontam, refazem e constroem as histórias entrelaçadas em um sinal de trânsito.

Caminhos em que, Paulo Freire (1921-1997), patrono da educação brasileira nos indica o rumo a seguir com perspectivas e possibilidades de inúmeras descobertas, a partir de experimentos, vivências e ações concretas no âmbito educacional, tendo como base conceitos de uma educação integral, emancipatória, plena e para vida. Uma educação que valida e adota os múltiplos saberes e se utiliza da própria realidade e do conhecimento prévio, que cada sujeito traz em si, em sua bagagem de vida, em suas próprias experiências. Suas histórias de vida alicerçam os caminhos que podem nos conduzir a novos conhecimentos, à aquisição de novos saberes e, até mesmo, a novos rumos.

Nos meandros do caminho percorrido, o encontro com as várias educações, tal qual se refere Carlos Rodrigues Brandão, autor que alicerça conceitos de educação e, também, estreita o diálogo com os diversos saberes e suas formas de concepção. Dessa forma, aglutinamos os

⁶⁷ Nosso - O pronome faz referência ao trabalho realizado em conjunto. Sob a perspectiva das narrativas de si e do outro.

conhecimentos empíricos, advindos do contexto urbano, das vivências únicas de um artista de rua, de sua jornada, de suas habilidades, de sua expertise e filosofia de vida com as inquietações de um professor que, atua no campo da cultura do movimento corporal e, considera válidas as diversas formas de expressão corporal dos sujeitos e as possibilidades advindas dessa soma: saberes e experiências.

3.1 - Respeitável Público, o semáforo é o picadeiro

Imaginemos o som dos tambores a rufar e um apresentador a bradar: “Respeitável público”! Feito isto, é bem provável que os pensamentos nos remetam a um circo e a seus diversos números artísticos e às apresentações, reproduzidas sob uma lona, cujos espectadores geralmente estão sentados e atentos às performances, que ocorrem no picadeiro. Entretanto, o título deste tópico, em sentido figurado propõe uma reflexão a partir, não de espetáculos artísticos, que ocorrem e são apresentados sob os holofotes do palco circense, mas em espaços distintos, por exemplo, nas ruas. Em tais espaços, o cotidiano urbano se confunde com a arte das ruas e com seus principais atores, os artistas de rua.

Dentre os mais variados locais, nos quais a arte das ruas é apresentada e representada, direcionamos nosso foco para um local específico do dia a dia urbano: os semáforos dos cruzamentos de avenidas, ruas e alamedas das cidades. O trânsito, que é repleto dos transportes mais variados, por vezes, se confunde com o ir e vir dos pedestres e, também, com os sons produzidos pelos motores, buzinas e sirenes automotivas, apitos de agentes de trânsito, equipamentos de obras e reparos urbanos, etc. Nesse local, as luzes semaforicas ditam o ritmo e o tempo das apresentações, portanto, com imensa precisão, cada artista sabe delimitar seu espaço/palco e controlar o tempo de suas apresentações performáticas.

A leveza e a sutileza da arte das ruas e da cultura artística apresentadas pelos artistas de rua contrastam com o caos dos centros urbanos em uma convivência dialógica que, às vezes, é percebida e, em algumas situações, nem tanto. No entanto, todos os casos revelam as adversidades enfrentadas pelos envolvidos. Tudo isso nos leva a observar a forma atemporal com que Pesavento (1999) expõe suas ideias sobre estes enlaces: “Entendemos ser esta uma proposta para nosso final de século, quando a cidade se coloca, mais do que nunca como desafio, sendo o lugar por excelência onde as coisas acontecem”.

Nesse contexto, compreendemos que os obstáculos, que surgem na rotina das cidades, podem nos proporcionar reflexões acerca de saberes e de temáticas, que se manifestam de forma multi e trans disciplinar, sobretudo, a partir da pluralidade cultural e da diversidade expressas

pela arte das ruas. As possibilidades advindas do cotidiano urbano notadamente das ruas são analisadas por Pesavento (1999, p. 10) que afirma:

Cidade-problema, cidade-representação, cidade-plural, cidade-metáfora - o urbano se impõe para o historiador da cultura nos dias de hoje como um domínio estimulante. A cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento.

A partir das reflexões de Pesavento (1999) relativas ao cotidiano das cidades, ampliamos nossa capacidade interpretativa da temática e atribuímos maior significância à necessidade de compreensão do estudo, que doravante efetuamos. Para a autora, observar a cidade, não apenas, em sua concretude irá nos permitir usufruir dos objetos de questionamento citados e, também, correlacioná-los aos múltiplos saberes proporcionados à pesquisa pelas ruas e pelos seus principais atores: os artistas e a arte das ruas.

Para maior entendimento, vamos nos ater, a partir deste momento, ao significado e às concepções das várias “educações,”⁶⁸ as quais Carlos Rodrigues Brandão se refere em seus diversos estudos sobre esse tema. E, em seguida, iremos estabelecer um diálogo com as concepções e conceitos defendidos por Paulo Freire, que compreende a educação com imenso potencial transformador da realidade. Assim, estaremos alicerçados pelas ruas e pelos saberes daqueles que nela habitam, circulam e/ou trabalham e são capazes de produzir conhecimentos a partir de suas realidades.

Considerando os diversificados componentes teóricos e práticos da nossa pesquisa, podemos compará-la a uma colcha de retalhos multicolorida e recheada de recordações individuais e coletivas. A costura dessa colcha de retalhos perpassa pelo atravessamento entre saberes, ideias e dúvidas de um professor da cultura do movimento corporal (Educação Física) e os saberes e a arte produzida por um artista de rua, que produz vida e movimento em forma de expressões corporais e artísticas com enfoque no malabarismo, que são apresentadas nas sinaleiras das vias urbanas.

Sentimos necessidade de fortalecer um diálogo com e entre teóricos, que valorizam a educação e os saberes populares, por exemplo, Brandão (1981), que considera a educação como um fragmento das diversas formas de viver dos coletivos sociais que, ao longo dos tempos, se

⁶⁸ Educações - Termo utilizado por Carlos Rodrigues Brandão para se referir aos contextos distintos de educação.

transformam em suas culturas. Tais saberes transitam entre gerações e se reinventam de forma constante e gradativa.

O posicionamento teórico de Brandão (1981) está em concordância com Freire (1987), que considera a prática educativa, tão necessária quanto o trabalho, a cultura e a religião. Ambos comungam de um mesmo pensamento: a prática educativa é a extensão da própria vida e o próprio processo de viver é capaz de produzir aprendizagens. Cabe salientar que estes saberes precisam também se fundamentar em uma prática pedagógica, uma vez que não se alicerçam de forma genérica e precisam dar sentido às histórias de vida daqueles que as vivem.

Isto posto, podemos afirmar que o princípio básico dessa prática pedagógica é a realidade vivida pelos sujeitos e seus respectivos cotidianos. Por conseguinte, as narrativas de vida do professor e do artista de rua estão coadunadas e adotam uma mesma perspectiva: compreender como aprender para reaprender e, aos poucos, transformar e ressignificar seus contextos pessoais e profissionais. Certamente, esse processo poderá trazer consequências positivas para a sociedade.

A partir dessas visões, consideramos que o contexto do cotidiano das ruas, da arte nelas praticada e apresentada e, também, das muitas histórias de vida, sejam repletas de conhecimentos e saberes. Ressaltamos que tal arte e o seu dia a dia possuem potencial para proporcionar aprendizado mútuo entre os pares, que estão envolvidos nessa forma de educação. É um processo formativo, contínuo, que abrange diversas dimensões, é mais generoso e mais humano, pois está constituído pelas trocas de experiências e vivências, que fortalecem o sentido de coletividade. Como enfatiza Freire (2000, p. 58): “A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas *com* o mundo e *com* os outros”. Seguindo o pensamento freiriano, podemos afirmar que esse processo desperta em todos os envolvidos uma tomada de consciência da relevância da coletividade.

Figura 29: Fernando Guardia em apresentação performática noturna (*fire juggling*)



Fonte: arquivo pessoal do artista (2022)

Na ilustração acima, há uma exemplificação implícita dos processos de aprendizagem coletiva, pois a técnica performática denominada *fire juggling*⁶⁹ é difundida entre artistas de rua praticantes do malabarismo. Embora Fernando Guardia faça uma apresentação solo, é importante ressaltar que ele precisou de tempo para adquirir domínio dessa técnica e, mais ainda, para ter confiança em executá-la. Relembramos que, de acordo com seus relatos do início de sua jornada, ele não se sentia seguro para fazer malabares com claves, por isso preferia não se arriscar e continuar com as bolinhas apenas. O passar do tempo, a intensificação dos treinos e, sobretudo, as trocas de experiências e vivências com seus pares contribuíram, de forma efetiva, para evolução da expertise performática de Fernando Guardia.

Consideramos que o aprendizado de Fernando com seus pares é uma ação coletiva, sob a ótica de Brandão (1985, p. 74) que afirma: “aprendemos uns com os outros.” A partir desse princípio, o autor apresenta o conceito de que os processos formativos fomentam a ideia de respeito ao outro na esfera individual e coletiva. Em seus conceitos de educação, o processo educativo é dimensionado como dialético, pois aprender e ensinar fazem parte do mesmo contexto no trabalho formativo. Na visão de Brandão (1985), a educação é muito mais do que uma prática pedagógica instrumentalizada, sistematizada e repleta de racionalidade. Com essa mesma ótica, Freire (1996, p. 21) afirma: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

Brandão (2003) reconhece e reforça a ideia de que a educação vai além da capacitação/formação de indivíduos do ponto de vista teórico e prático, uma vez que não ocorre, apenas, por intermédio da transferência de um determinado conteúdo e/ou de conhecimento. Afirma que, em sua essência, a educação consiste no ato de guiar o sujeito em sua integralidade, a partir de incentivos que possibilitem o autodesenvolvimento e a partilha de expertises e vivências sociais cotidianas. Acrescenta, ainda, que a educação não se resume ao desenvolvimento de habilidades, mas necessita oferecer conectivos que dão suporte à base de saberes repletos de sentidos e significados.

Amparados pelos conceitos elencados sobre as várias “educações” e possibilidades formativas, nós nos reportamos aos saberes e aos significados intrínsecos ao processo formativo e, observamos a conexão entre as histórias de vida de um artista de rua e de um professor. Histórias que se entrelaçam nas vias urbanas e aproximam os múltiplos saberes da arte das ruas

⁶⁹ *Fire juggling* - Prática malabarista também conhecida como malabares de fogo, claves de fogo e tochas.

e da educação, em uma união de extrema relevância e significado social. A rua, os semáforos e a escola foram/são os palcos principais deste espetáculo, que é capaz de proporcionar significativas reflexões sobre cultura, arte, educação, inclusão e processos educacionais. O cotidiano urbano descrito por Pesavento (2007, p. 14) reforça a relevância dessa poderosa junção.

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.

Na citação anterior, a autora ressalta o potencial das ações que ocorrem nas ruas e que reverberam transformações significativas em vários sentidos, por exemplo, a renovação das relações sociais que, neste espaço, acontecem diuturnamente. Assim, Pesavento (2007), expõe os múltiplos e diversos contextos interativos do cotidiano das ruas que independente das formas de relação social, viabilizam a construção e a condução de processos formativos. Sobretudo, quando tais relações são observadas pelo prisma da problematização, os encontros e os desencontros de ideias e de concepções podem proporcionar relações de aprendizado mútuo. Em seus escritos sobre o cotidiano das ruas e as possibilidades de aprendizado e transformações sociais a partir dessas interações, Pesavento (2007, p. 13) afirma:

O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um lócus privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais.

As inquietações trazidas do nosso objeto de estudos, que são referentes à problematização, às possibilidades de transformação social e à ressignificação de contextos educacionais inclusivos, estão coadunados com o pensar da autora, sobretudo, porque utilizamos, como lócus central, o cotidiano das ruas e as vivências de seus atores sociais: os artistas de rua e suas representações artísticas. Objetivamos converter esses elementos em

saberes pedagógicos e, assim, aprofundar conhecimento para entrar no ambiente educacional inclusivo.

Diante das perspectivas e concepções do cotidiano das ruas e, amparado pelos conceitos e reflexões, que enfocam a área da educação, tivemos a pretensão de aglutinar saberes e experiências formativas de contextos distintos e, em seguida, procurar refletir sobre sua aplicabilidade em contextos educacionais inclusivos. Para este fim, recorreremos às narrativas que traduzem histórias de vida de si e do outro. Sob essa ótica Josso (2004) afirma:

De fato, as práticas das histórias de vida e sua formação múltipla ganharam valor no campo das ciências humanas tanto quanto as lutas individuais e coletivas, em razão de que era necessário criar esse novo território de reflexão reconhecido como exigindo novos métodos e suportes para o que chamamos de “biográfico”. Em outras palavras a vida é narrada com vários objetivos e de diferenciadas formas.

Tendo como base os conceitos de Josso (2004), que evidenciam a relevância do método (auto)biográfico para os processos formativos e (auto)formativos e, atento ao seguinte fato: quando recorri às minhas memórias e experiências formativas, eu me reencontrei com o meu processo de reconstrução e transformação, em uma metamorfose progressiva, gradativa e constante de formação e (auto)formação, tal como assinala a autora. Considero que saltei de uma dimensão para outra e, assim, consegui para vivenciar novas e incríveis experiências.

O aprendizado, que é oriundo do desporto, dos relvados, das viagens, das múltiplas culturas nacionais e internacionais e dos encontros com as muitas pessoas, é parte integrante do processo de formação humana, que se une ao aprendizado recebido no contexto escolar, notadamente, das crianças com quem convivo e convivi. Todo o meu processo formativo ganhou novas perspectivas, sobretudo, quando conheci o artista de rua, Fernando Guardia. Assim, comecei a lançar um novo olhar sobre meu fazer pedagógico e, também, reconsidereei minhas concepções e posicionamentos teóricos referentes à educação e aos processos formativos educacionais inclusivos.

Sinto-me feliz ao ensinar, porém, paradoxalmente, percebo, cada vez mais, que me sinto feliz em aprender. A partir do encontro com os saberes de Fernando Guardia, tive a honra e a alegria de retornar à academia como postulante ao título de mestre, algo em que jamais pensei nem tive a pretensão de ser. Contudo, a história foi se desenhando, os caminhos se ajustando e cá estou ou, melhor dizendo, cá estamos. Frente a frente com o futuro, com o coração repleto de dúvidas e incertezas, na ânsia de compreender e dar sentido ao que nos propusemos a fazer.

Nesse compasso, minha alegria de ensinar e aprender encontram nas leituras de Rubem Alves (1933-2014) o aporte para dialogar com meus próprios sentimentos.

Os pensamentos do autor desvelam reflexões filosóficas que preenchem minh'alma, no entanto, o título do livro *A Alegria de Ensinar* contrasta com minhas emoções e com minhas experiências, principalmente, quando reflito sobre minhas vivências como professor e faço algumas comparações com o que pensa o autor sobre o ato de ensinar. Achei interessante que, em um dado momento, Alves (2001), faz menção a Nietzsche (1844-1900) e pede perdão aos filósofos acadêmicos, que o consideram demasiado poeta e tolo. Sem a pretensão de me comparar ao filósofo alemão, mas, às vezes, é dessa forma que me sinto no ambiente escolar, pois, em decorrência do modo como penso e defendo educação, sou taxado de utópico. Além disso, a disciplina que ministro, é taxada e/ou considerada de menor relevância. Nesse contexto, o autor conclui a ideia de Nietzsche e afirma:

[...] a felicidade mais alta é a felicidade da razão, que encontra sua expressão suprema na obra do artista. Pois que coisa mais deliciosa haverá que tornar sensível a beleza? Mas 'esta felicidade suprema,' ele acrescenta, 'é ultrapassada na felicidade de gerar um filho ou de educar uma pessoa' (Alves, 2001. p. 7).

Considero que, meus utópicos sentimentos sobre as diversas formas e possibilidades existentes na arte de ensinar e de aprender, me aproximam das concepções do filósofo alemão, que foram esquadrihadas por Alves (2001). Assim como na citação acima, concordo não ser exagero a comparação entre a felicidade de gerar um filho e educar uma criança, pois minhas experiências pessoais, no campo educacional, me direcionam a essa crença e afirmação.

Tendo como base os poucos anos em que *estou engatinhando na docência* e à luz da metamorfose constante, que estou vivenciando, preferi me travestir de artista e, de forma utópica, dar vida a um palhaço com a intenção de interagir com meus alunos de modo alegre e espontâneo, sem movimentos rígidos nem estereotipados, liberando as mais diversas e livres formas de expressão. E, *para minha sorte*, eu me encontrei com um artista nas ruas e, na alegria de ensinar e de aprender no dia a dia, também aprendi com esse artista, que *caminha a caminhada* comigo. Que transfere saberes semafóricos, circenses e de sua formação humana para o contexto escolar, que me empresta seu referencial de vida para compartilhar com as crianças, que tenho a felicidade suprema de conhecer e de educar.

Assim, prefiro me ater à minha alegria de ensinar e de aprender do que conjecturar críticas demasiadas aos processos educacionais e aos métodos tradicionalistas, pois isso demandaria tecer alternativas, que poderiam contribuir para reconstrução do processo. Espero

que, indiretamente, as minhas crenças e a minha atuação possam ajudar a transformar essa realidade. Por este motivo, continuo a me apegar às convicções de Alves (2001) que apresenta sugestões e hipóteses, que me rendem reflexões e possibilidades interpretativas do processo formativo. Talvez, por isso, não levo em consideração alguns processos avaliativos aos quais a minha prática pedagógica é submetida.

Os técnicos em educação desenvolveram métodos de avaliar a aprendizagem e, a partir dos seus resultados, classificam os alunos. Mas ninguém jamais pensou em avaliar a alegria dos estudantes – mesmo porque não há métodos objetivos para tal. Porque a alegria é uma condição interior, uma experiência de riqueza e de liberdade de pensamentos e sentimentos. A educação, fascinada pelo conhecimento do mundo, esqueceu-se de que sua vocação é despertar o potencial único que jaz adormecido em cada estudante (Alves, 2001, p. 14).

Liberdade é o meu maior objetivo na/para educação! Liberdade para despertar o potencial adormecido em cada ser que eu *ensino*. Liberdade para aprender de outras formas, para ensinar de outras formas. Liberdade tal como *ensina* Alves (2001). Liberdade para refletir e contestar o sistema. Liberdade como a vivida pelo artista de rua e sujeito desta pesquisa. O sinal de trânsito foi lócus central e palco principal. A arte das ruas e a arte circense foram o conteúdo desvelado pelo meu mestre na *jornada de me ensinar*, o que eu não sabia. Tive a liberdade para aprender tudo o que o artista Fernando Guardia quis me ensinar em suas narrativas, plenas de seus saberes e de sua filosofia de vida.

A união da alegria que sinto em ensinar e a satisfação em aprender imprimiram e despertaram sentidos e significados na minha prática docente. Por conseguinte, o sorriso de uma criança e um abraço apertado estão além de uma nota classificatória e são suficientes para compreensão avaliativa e para manutenção dos meus propósitos de ensino. Durante todo percurso, eu me questioneei: como seria ensinar o que não se sabe? E, confesso que tive muito receio. No entanto, encontrei nas palavras de Alves (2001, p. 76) a explicação e a coragem: “Não ter medo da queda. Foi assim que se construiu a ciência: não pela prudência dos que marcham, mas pela ousadia dos que sonham”.

Desejo e espero que meu sonho transforme o semáforo-picadeiro em escola! Uma escola de sonhos! Uma escola que aprecia e respeita os múltiplos saberes e todas as formas de conhecimento. Desde o conhecimento das ruas e das várias educações, incorporando o saber popular e transformador das diversas realidades. Um conhecimento que dê asas à imaginação e faça o corpo flutuar como as bolinhas dos malabares e/ou os lenços de tule, que as crianças

soltam ao ar. A minha escola de sonhos está alicerçada na alegria e na sabedoria de quem me ensinou que os processos formativos podem ser mais leves, compreensivos, repletos de amor e de sonhos.

3.2 - Fernando Gabriel Guardia: equilibrista, malabarista, um grande artista, memórias de um caminhante na escola

O título deste tópico destaca o nome, a função, os predicados e o breve período da vida do artista de rua Fernando Guardia, que descrevi. Além disso, narro diversos momentos da nossa convivência, portanto, o relato traz à tona as duas perspectivas desses momentos. Ressalto, que a narrativa a seguir enfoca um encontro que considero inusitado, pois provocou mais uma reviravolta em minha vida. Uma reviravolta intensa, que me trouxe novas e valiosas perspectivas. Desse encontro, surgiram possibilidades de evolução acadêmica, crescimento profissional e o melhor: ganhei um amigo.

De lá para cá, todas as vezes em que passo pelo cruzamento entre a Avenida João da Escócia com a Rua Antônio Vieira de Sá, ambas situadas no bairro Nova Betânia da cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, me vem à mente o dia em que tive o prazer e a alegria de ser abençoado com uma nova amizade. Fui agraciado em conhecer um artista de rua, argentino que, na ocasião, tinha 27 anos de idade. Transcorria o ano de 2022, segunda semana de maio, mas não sei precisar a data com exatidão. Relembro que estava saindo de uma licença médica, retomando minhas pedaladas diárias para poder reassumir as atividades nas escolas em que trabalhava.

O encontro se deu da seguinte forma: de bicicleta, eu descia a Av. João da Escócia no sentido centro, quando de longe, vi que o sinal ficou vermelho e, de repente, eis que se levanta um vulto, bem no meio a faixa de pedestres. O meio de transporte, que eu estava usando, me permitiu avançar em meio a duas fileiras de carro e, me pus a uma distância de pouco mais de cinco metros daquilo, que distante, parecia um vulto. Mas na minha frente, se agigantava e se equilibrava sobre um monociclo, com três claves, argolas e uma bola nas mãos. Não sei como, mas ele dava conta de todos os objetos e, eu ali, boquiaberto assistindo sua performance na primeira fila.

Figura 30: Fernando Guardia em apresentação performática na cidade de Mossoró/RN.



Fonte: Arquivo pessoal do artista (2022).

Quando pensei em sacar o celular do bolso e registrar sua apresentação, ele juntou todos os elementos, desceu do monociclo e caminhou entre os automóveis para arrecadar aquilo que representaria o pagamento por seu espetáculo. O sinal abriu, mas continuei ali. O artista retornou pela calçada e se aproximou do lugar onde eu estava. Eu o olhei, tomei coragem e perguntei se poderia registrar. Ele esboçou um sorriso, acenou positivamente e respondeu em castelhano: “si, si, si!”

Sinal vermelho novamente e lá se vai o artista para o centro da faixa de pedestres. Dessa vez, liguei a câmera de meu dispositivo e fiz registros fotográficos e em vídeo. A cena anterior se repetiu, o artista recolheu suas coisas, desceu do monociclo e foi em busca do pagamento pela prestação dos seus serviços. Assim que ele desceu, eu fiz sinal de positivo e segui viagem, pois tive receio de importuná-lo. Porém, não avancei sequer 20m, logo parei e fiquei olhando para trás. Sabia que tinha que tomar coragem para falar, com aquele sujeito, da minha admiração pela sua arte e da minha real intenção: escrever um projeto de pesquisa sobre os artistas de rua. Eu me lembrei do medo ao qual se refere Freire (1993, p. 27): “O medo, porém, em si é concreto. A questão que se nos apresenta é não permitir que o medo facilmente nos paralise ou nos persuada de desistir de enfrentar a situação desafiante sem luta e sem esforço”.

Tomei coragem e voltei. Do outro lado da pista, acenei para o artista e o chamei para vir até onde eu estava. Ele, prontamente veio, então, me apresentei e disse que gostaria de lhe fazer um convite. Ele se identificou como Fernando Guardia, argentino, que estava percorrendo o Brasil de bicicleta, apresentando sua arte nos semáforos das várias cidades pelas quais passou. Ouvi, achei incrível e lhe fiz o convite para realizar suas apresentações em duas escolas. Ele pensou, repensou e me disse que nunca tinha feito algo desse tipo. E me impôs uma condição: perguntou se ele poderia levar sua companheira. Não pensei duas vezes, disse que sim, sem problemas.

Eu, ainda não tinha retomado minhas atividades laborativas, mas meu coração já acelerava, quando pensei em rever as crianças, que não via há quase três meses. Além disso,

havia a esperança e a expectativa de que o núcleo gestor de cada uma das escolas aceitasse a minha proposta de levar os dois artistas de rua para uma apresentação. Comecei a imaginar o espetáculo que seria apresentado aos nossos educandos e a quantidade de estímulos, que utilizaria a partir dessa proposta. O lúdico, o movimento, os desafios, a participação de todos. O construtivismo e muitas outras possibilidades de aprendizado. A magia e o encanto da arte circense ali, nas nossas mãos, implorando para ser utilizada, pedindo passagem para demonstrar seu imenso potencial formativo.

Minha maior expectativa: após a apresentação dos artistas de rua, eu teria um recurso pedagógico diferente do que é utilizado, habitualmente, nas aulas de Educação Física Escolar? Pensei em um instrumento que me proporcionasse uma oportunidade de criar uma atmosfera agradável, divertida e prazerosa. Seria o cenário ideal para o tipo de aprendizado desejado, tal como acredito e busco, de forma incessante, em minhas práticas docentes. Reafirmo que as minhas crenças e buscas sempre me aproximam de algum fundamento teórico, por exemplo, em relação ao uso do lúdico na prática pedagógica, procurei me embasar em Prodócimo, Pinheiro e Bortoleto (2010, p. 168) que afirmam:

Transformar o ambiente de aprendizado em ambiente lúdico facilita à criança o entregar-se ao objeto, sentir-se mais segura para tentar, sem que isso lhe pese de maneira excessiva. [...] O jogo pode também ser usado para desinibir o aprendiz, criando clima favorável para experimentação sem cobranças. Atividades podem ser elaboradas envolvendo situação de cooperação, trabalho em equipe, tão necessário às atividades circenses, propiciando integração entre o grupo.

A citação acima fortalece a esperança que trago no peito e me ajuda a prosseguir no meu caminhar docente na disciplina de Educação Física Escolar, sobretudo, no que diz respeito à utilização da ludicidade como ferramenta educacional. No decurso dos últimos anos, as experiências, que venho vivenciando, estão coadunadas com o pensar de Prodócimo, Pinheiro e Bortoleto (2010), pois observo as relevantes contribuições para o ambiente de aprendizagem, que são oriundos da promoção da ludopedagogia.

Sob essa perspectiva, aquele encontro entre um artista e um professor, que classifiquei como inusitado, poderia me proporcionar a oportunidade de adotar a ludopedagogia e praticá-la nas minhas aulas. Saí daquele encontro radiante de felicidade pela receptividade do artista e pela minha ousadia de, pelo menos, tentar pôr em prática a ideia básica de um projeto que tanto idealizei. Então, salvei seu contato telefônico e segui meu caminho. Passei os dias seguintes ansioso para que nossos caminhos se cruzassem novamente. Após minha licença médica,

regressei às escolas e não perdi tempo para conversar com a coordenação dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e com os respectivos diretores e solicitar apoio para minha iniciativa. Para minha alegria, a escola da rede privada e escola da rede pública aceitaram abrir suas portas para receber a arte das ruas e seus artistas.

Não rememoro precisamente a data, mas afirmo que, em maio de 2022, estava tudo pronto: Fernando Guardia e sua companheira Giulia Natajara chegaram ao Colégio Alvorecer, situado no bairro Aeroporto, na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte. Nesse dia, eles fizeram duas apresentações para as crianças do Ensino Infantil e dos Anos Iniciais (1º aos 5º anos). Foi fabuloso e incrível, tendo encantado a todos, não somente às crianças, pois os professores (as) e funcionários (as) ficaram estupefatos com as habilidades dos artistas de rua. Quero destacar que eles ensaiaram uma nova performance combinada, ou seja, algo que nunca tinham feito antes, com trilha sonora para cada ato apresentado. Os artistas utilizaram os seguintes recursos: claves, argolas, bolas, *swing poi* e monociclo, com atividades manipulativas de muita destreza, além do equilíbrio.

Figura 31: Giulia Natajara e Fernando Guardia em ação performática no Colégio Alvorecer, em Mossoró/RN



Foto: Arquivo pessoal do artista (2022)

Ao findar a apresentação, não poderia esperar outra coisa, senão, os aplausos de todos. Pedi que ambos esperassem um pouco, pois, fiz questão de convidá-los para almoçar. Saímos da escola e nos dirigimos a um restaurante próximo do colégio. Ali mesmo, em um restaurante simples, percebi os olhares diferenciados das pessoas para meus convidados. Nos servimos, almoçamos e conversamos sobre várias coisas, inclusive e infelizmente, sobre o preconceito das pessoas em relação à ocupação e à filosofia de vida de ambos. Porém, não havia tempo para nos preocuparmos com o que a sociedade pensa ou deixa de pensar sobre os artistas de rua, ainda, tínhamos um compromisso na escola e, no período vespertino o espetáculo se repetiu e

o sucesso também. Os artistas foram remunerados por seu labor e seguiram para seu espaço natural, às ruas.

Nossa aventura não acabou naquele dia, pois, anteriormente, nós ajustamos mais um compromisso: marcar uma data para viajarmos juntos até a cidade de Russas, no estado do Ceará, onde eles fariam uma apresentação na escola da rede pública, na qual ministrou aulas de Educação Física Escolar. Com a data definida (que também, não lembro), alinhamos como seria a logística. Então, esvaziei a mala de meu carro para colocar os pertences e material dos artistas: o monociclo foi desmontado em duas partes, uma foi na mala e a outra dentro do carro. No dia marcado, muito cedo, fui buscá-los na quitinete que dividiam e seguimos pela estrada RN 015, cruzamos a cidade de Baraúna e a divisa entre os dois estados. Uma hora e dez minutos depois, estávamos na escola. A viagem serviu, também, para que nós nos conhecêssemos mais, pois, falamos de nossos percursos de vida uns para os outros e, assim, percebemos o quanto tivemos um modo de viver muito parecido.

Antes de iniciar a apresentação, tomamos um café servido pela escola e, em seguida, fomos examinar o espaço da apresentação e deixar tudo organizado para o momento de receber as crianças. Assim, Fernando e Giulia tiveram, mais uma vez, um espaço para um novo espetáculo. A apresentação em si, não foi diferente, os artistas seguiram o mesmo roteiro apresentado na escola anterior. A magia e o encantamento de todos(as) foram os mesmos. Muitos risos, aplausos e aquela alegria contagiante, que reverbera coisas boas. Porém, as crianças da Escola Municipal Agrícola Pe. Pedro de Alcântara, situada no Sítio Retiro, comunidade rural, do município de Russas, estado do Ceará, pareciam lançar um olhar diferenciado para o espetáculo e para seus visitantes ilustres: os artistas.

Figura 32: Fernando Guardia e Giulia Natajara em ação performática na Escola Municipal Agrícola Pe. Pedro de Alcântara, em Russas / CE



Fonte: arquivo pessoal do artista (2022)

Descrever esses momentos possui imenso significado para mim em vários aspectos e sentidos. Fui agraciado com uma nova amizade e com oportunidades profissionais capazes de transformar minha realidade e realidade de outras pessoas, por exemplo, a apresentação de artistas de rua em uma escola oportunizou, que algumas crianças tivessem contato com a arte circense, pela primeira vez. Entretanto, seria injusto de minha parte não permitir que o principal protagonista desta história expusesse seu olhar e trouxesse sua narrativa para fortalecer alguns aspectos, que considero relevantes a este estudo. Com essa perspectiva, recorro ao pensar de Benjamin (1987, p. 198) para reforçar a importância do olhar do outro a essa história: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”.

Assim, realizamos mais uma sessão de entrevista em profundidade com Fernando Guardia, o que, nem sempre, era fácil para ele, pois, em geral, seu modo reservado de ser o impediram de falar de determinados assuntos, conforme relatava no início de cada escuta de sua narrativa. Apesar de toda aparente timidez, suas contribuições foram relevantes e pertinentes para nosso projeto de pesquisa. Nas transcrições, aos poucos, fomos ajustando, adequando e moldando sua fala e, assim, conseguimos obter sua valiosa contribuição para essa narrativa. Vejamos o que Benjamin (1987, p. 205) afirma:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

O posicionamento de Benjamin (1987) referente à narrativa traz a ideia de que esse processo é uma obra de arte nas mãos de um artista. A partir dessa citação, passei a refletir sobre o processo que envolve imersão, escuta e transcrição da história de vida narrada pelo artista de rua. Além disso, fiquei mais atento à sua forma de falar. Mesmo diante de certa dificuldade em narrar sua versão deste momento, Fernando Guardia descreveu com muita propriedade parte de sua jornada atual e, ainda, nos trouxe novas pautas reflexivas para narrativa. Desse modo, deixou sua marca no seu modo de ser e de compreender o mundo.

O artista simplificou sua visão do dia vivido na escola da rede pública, resumindo suas emoções da seguinte forma: “*Fue lindo*”. De fato, concordamos que as apresentações foram lindas e encantadoras, de acordo com o que já citamos. Em suma, foi mágico e sensacional, sobretudo, porque, nessa apresentação, houve uma única mudança: Fernando convidou algumas

crianças para experimentar uma de suas manobras com bolas, conforme podemos observar na imagem que se segue.

Figura 33: Fernando Guardia proporciona ação participativa a uma criança da Escola Agrícola



Fonte: arquivo pessoal do artista (2022)

Esta imagem (uma criança, participando da experiência de girar uma bola com um pino na cabeça) tem uma força simbólica, que nos remete a uma afirmativa de Confúcio (551 – 489 a. C)⁷⁰: *Uma imagem vale mais que mil palavras*, que, está fundamentada em sabedoria milenar, é dotada de subjetividade, porém repleta de imensa amplitude e significados. Com essa perspectiva, consideramos que a imagem da criança traduz ideias de êxito, vitória e alegria em uma troca mútua. Não havia vencedores nem perdedores, uma vez que o erro fazia parte do processo e produzia ensinamentos. Por exemplo, se a bola caísse no chão, bastaria pegá-la, girá-la nos dedos e tentar colocá-la sobre o pino novamente. Nas apresentações de Fernando Guardia e Giulia Natajara, artistas e espectadores estavam congregados e demonstravam o suprasumo da felicidade. Reafirmamos que o sorriso de ambos confirmou o que o sucinto Guardia disse: *“Fue lindo!”*

Apesar das poucas palavras de Fernando nessa última entrevista, destacamos os seguintes aspectos: necessidade de aprofundar e de ampliar nosso olhar a outros pontos de vista; e sistematizar nossa reflexão sobre novas pautas. Então, começamos a pensar nas consequências da (in)visibilidade, pois o artista jamais imaginou, que seu trabalho tivesse alguma notoriedade, embora soubesse do vasto legado e dos significados da arte e da cultura para a humanidade. Fernando disse ainda que: inicialmente não acreditou muito no convite que lhe fiz e, aos risos, declarou que não me levou muito a sério. Somente quando recebeu um telefonema com a

⁷⁰ Confúcio (551 – 489 a.C), filósofo chinês, cuja obra está fundamentada na bondade humana e na benevolência. Estes princípios básicos influenciaram a cultura e a forma de pensar na China e em outros países asiáticos. Seus alunos o chamavam de "K'ung Fu-tsu (o mestre K'ung)". Posteriormente, o mundo ocidental passou a chamá-lo de Confúcio. A afirmação - *Uma imagem vale mais que mil palavras* - é referente ao uso de ideogramas, que é um modo de comunicação simbólica. Quando os ideogramas estão unidos, formam palavras, imagens e, sobretudo, conceitos.

confirmação de que as escolas os receberiam, começou a elaborar uma espécie de roteiro para as apresentações. Em seguida, ele e Giulia iniciaram os treinamentos em dupla.

Outro aspecto relevante citado por Fernando: o acolhimento recebido, tendo reforçado que foi muito bem acolhido nas duas escolas e guarda no coração com muito carinho os dois momentos. Porém, na escola pública sentiu maior proximidade e calor humano. E levantou a seguinte hipótese; as crianças da zona urbana veem artistas circenses e/ou de rua com facilidade, enquanto os estudantes da zona rural têm menores possibilidades de vê-los ao vivo. Ele relembrou que as crianças da zona rural olhavam para eles como se fossem alienígenas, pessoas estranhas ao ambiente, tendo afirmado: “eles nos olhavam de forma diferente, mas era um olhar de curiosidade, de quem queria se aproximar e conversar, fazer perguntas, nós nos sentimos importantes.”

Figura 34 e 35: Alunos da Escola Agrícola cercam os artistas Fernando Guardia e Giulia Natajara



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022)

Fernando destaca que se sentiu como uma estrela reluzente, uma vez que, até autógrafos, ele firmou nos cadernos das crianças. Ainda em relação ao maior interesse das crianças da rede pública, ele considera que, provavelmente, isso ocorra em consequência das diferenças sociais existentes entre as classes. Nos ambientes que costumeiramente frequenta, ele percebe tais diferenças pela forma como é tratado e observado pelas pessoas...

Foi uma experiência linda! Muito diferente das apresentações nos semáforos. As pessoas nos viram, nos aplaudiram ... poucas vezes me senti tão importante e útil, às crianças nos cercavam, queriam nos tocar, queriam conversar, trocar experiências sobre a diferença entre nossas línguas e cultura, foi incrível, repito: foi lindo! (Narrativa de Fernando Gabriel Guardia, Alicante, 2024).

Para Fernando, a experiência nas duas escolas foi marcante, considerando os seguintes aspectos: ver as crianças sorrindo e querendo aprender trouxe um sentimento gratificante; saber que o planejamento performático surtiu efeito, tendo atingido seu ápice, provocou uma sensação

reconfortante e confirmou a relevância da sua arte e do seu labor. Frisou que não se referia ao valor monetário, mas aos seus sentimentos. Relembrou que, certa vez, estava montando seu monociclo para atuar no semáforo, quando um homem se aproximou e perguntou se ele era artista. Ele respondeu: sim, sou artista de rua. E o homem disse que não dava valor aos artistas de rua, somente, aos de circo. Fernando considerou que este episódio negava que sua arte fosse uma atividade advinda do circo ou, pior ainda, estava desmerecendo o seu trabalho.

No entanto, nada disso o entristecia, pelo contrário, o fortalecia. E assim, seguiu por quilômetros e mais quilômetros, até ter a oportunidade de ser valorizado como devia e esperava. Naquela escola da zona rural, ele agraciou e foi agraciado, plantou o bem e o recebeu em dobro, encantou e ficou encantado. Por conseguinte, valorizou o momento e a intensidade de como tudo aconteceu e concluiu: “Foi tudo muito rápido, mas foi intenso e inesquecível.”

Figura 36 e 37: Fernando Guardia e Giulia Natajara assinam autógrafos às crianças da Escola Agrícola



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022)

Fernando e eu compartilhamos sentimentos por exemplo, quando repassamos nossas histórias de vida a limpo e resgatamos as memórias dos muitos percursos ao longo das estradas da vida. Nossos saberes fazem parte dos conteúdos que aplicamos e replicamos, no dia a dia, na escola ou na rua, no picadeiro ou no semáforo. Em nossas avaliações, não importam as notas que classificam alunos/crianças em boas ou ruins, com seus níveis adequados ou inadequados, que são traçados pelos parâmetros das avaliações formais. Reafirmamos que, para nós, o sorriso e o brilho nos olhos importam mais do que tudo.

3.3 - Para sentir na pele: ensaios *in loco*. A aula é no semáforo

Consideramos que este tópico seja o mais complexo do terceiro capítulo, pois pretendemos apresentar uma narrativa que contemple as atuações artísticas e os ensaios *in loco*, em outras palavras, temos a intenção de focalizar alguns momentos, nos quais a participação

ativa e efetiva do artista se concretiza. Esperamos que o leitor *sinta na pele* a condição e os desafios enfrentados por um artista de rua seu dia a dia. Desejamos que os momentos, aqui relatados, viabilizem algumas reflexões sugeridas pela nossa pesquisa.

Definimos que este momento deveria, de fato, se realizar no palco principal de nosso estudo: as ruas. Local extremamente rico, repleto de valiosos saberes, de reflexões e interpretações, que são capazes de gerar alterações significativas em diversos contextos, sobretudo, naquele que acreditamos ser necessário: a educação. Dessa forma, convergimos com o pensar e a contextualização de Pesavento (1996, p. 8), em o “Espetáculo da Rua”.

Nesse contexto, deu-se a emergência paulatina de uma ordem urbano-industrial, que reinverteu as relações campo-cidade, colocou a urbe como o ‘lugar onde as coisas acontecem’ e trouxe a cena novos atores sociais, portadores também de novas práticas e ideias.

A autora respeita e analisa ideias e práticas novas do cotidiano urbano, notadamente, tudo o que acontece nas ruas. Diante disso, nós formulamos o seguinte questionamento: por que não são valorizados os saberes dos diversos atores sociais, que fazem das ruas o seu espaço de labor, seu palco, sua ferramenta de trabalho e meio de subsistência? Ainda de acordo com Pesavento (1996), que considera a rua como palco e espaço onde as coisas acontecem, nós dirigimos nosso olhar para as ruas com intuito de extrair informações para este estudo. Das ruas, extraímos saberes e aprendizados, que foram/são contribuições socioeducacionais valiosas para as transformações que almejamos.

Para esta etapa do estudo, idealizamos uma espécie de pesquisa ação/observação, uma fase observacional dos artistas de rua que se apresentam nos semáforos. Planejei sair da condição de mero espectador e, em um dado, apresentar minha performance pessoal por intermédio do Palhaço Pirulitão. Nos breves encontros, que tive com Fernando Guardia, houve, da minha parte, uma lacuna e ficou o sentimento de que talvez tivesse sido interessante ter vivenciado uma apresentação de rua ao seu lado, o que não foi possível.

Provavelmente, por esse motivo, pensei em tal possibilidade para composição desta fase do estudo. Sempre mantive a esperança de compreender e/ou reviver o encontro que vivi com o artista. Para Pesavento (1996, p. 64), “a rua é um local de passagem, sem dúvidas, mas também de encontro e de troca”, a mesma troca de experiências que um dia tive com o artista, o que me proporcionou o entendimento da importância de tudo que vivenciei. A autora acrescenta ainda, que a rua “é um espaço de prazer e uma vitrine imensa e viva, que se contrapõe aos objetos imóveis das vitrines das lojas”. Em síntese, a rua é movimento.

Em relação aos encontros e aos diversos movimentos das ruas, eu me lembro que, no decurso deste estudo, me deparei com cinco artistas de rua em um único cruzamento/semáforo. Nesse mesmo local, em 2022, encontrei e conheci Fernando Guardia. Passei de carro, vi, dei a volta no quarteirão e estacionei. Tudo no improviso, mas com a melhor das intenções. Atravessei a rua e me aproximei de dois deles, que se apresentavam em duplas na mesma faixa de pedestres, na qual avistei o amigo Fernando, pela primeira vez. Esperei que ambos terminassem sua performance, me identifiquei e falei do meu intento, resumidamente.

Figura 38: Artistas de rua em apresentação nas ruas de Mossoró/RN



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023)

Percebi que ambos estavam mais interessados na realização de suas performances do que em conversar comigo. Insisti e me permitiram registrar. Puxei conversa novamente, e por fim, se identificaram de forma breve: um venezuelano e um espanhol, vindos de Fortaleza, que se apresentariam em uma festa no shopping center da cidade. Mais abaixo, na outra via, um casal se apresentava em duplas e outro rapaz, de forma solo. Não foi um momento programado nem planejado, e considero que não obtive êxito quanto à aproximação, à abordagem e à receptividade. Era de se esperar, pois conforme Pesavento (1996), “uma parcela destes elementos faz da rua o seu meio de vida e seu espaço de ação”. A autora considera e compreende a rua da seguinte forma:

Espaço de transformação da cidade, a rua refletiu as mudanças urbanas do novo século; povoada de atores sociais, criadores de novas ambiências, constituiu-se no objeto de um novo imaginário social.

Para maior compreensão desse continuo vaivém das ruas, cujos atores sociais têm códigos, arte e formas de expressão, idealizamos também a visita a uma escola de circo em Fortaleza ou Natal. Outro momento nas ruas, seria a participação de crianças que frequentam instituições de apoio à inclusão em apresentações artísticas em sinais ou praças. Essa iniciativa demandaria uma série de fatores, o que tornou inviável levá-la adiante no nosso trabalho.

Diante de várias dificuldades, que surgiram ao longo do caminho, repensamos determinadas ideias descritas e decidimos apresentar alguns processos formativos em instituições, que atendem crianças com necessidades educativas específicas. Essa decisão foi relevante para o desenvolvimento do nosso trabalho, pois, na prática, demonstrou a aplicabilidade do projeto elaborado e, também, o potencial das ruas e do espetáculo que delas advém. Destacamos o aprendizado das ruas, que é resultante da construção dos elementos circenses, através de oficinas, dos ensaios práticos e dos momentos de uso espontâneo dos elementos circenses, que dão vida a essa arte.

Dentre tais momentos, faremos referências a dois encontros realizados em escolas de redes distintas: uma em Mossoró, RN e a outra em Russas, CE. Esses ensaios ocorreram com públicos-alvo similares, ambos com crianças que possuem Necessidades Educacionais Específicas (NEE). O primeiro encontro foi realizado no Centro Regional de Educação Especial de Mossoró (CREE-MOS), após receber um convite da Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar⁷¹ para colaborar com uma ação para o Dia das Crianças. O encontro em si consistia em realizar uma tarde recreativa com as crianças da instituição.

Figura 39: Profa. Dra. Ana Lúcia Aguiar ao lado do Palhaço Pirulitão. Dia das crianças da CREE-MOS



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023)

Nesse dia, o Palhaço Pirulitão iniciou a animação com suas mágicas atrapalhadas, que é um gatilho utilizado para gerar conexão com as crianças. Em geral, após realizar esse aquecimento lúdico, o público infantil começa a interagir com o palhaço. Depois, foi a vez dos brinquedos cantados ditarem o tom dos movimentos e, cada criança, única em sua essência, com a alegria contagiante começou a realizar os movimentos e as brincadeiras propostas de

⁷¹ Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação – Docente da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE / UERN), que fez mais um curso de graduação, na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. Quando estava cursando o 8º período do Curso de Psicologia, sua turma organizou este evento no CREE-MOS em comemoração ao Dia da Criança em 2023.

modo espontâneo e livre. Dessa forma, o ambiente estava propício e preparado para a oferta de uma atividade com utilização dos elementos circenses.

Iniciamos com a distribuição dos *swing pois*, que foram confeccionados para outra atividade em outro local. Tínhamos informações da quantidade aproximada de participantes daquela tarde, portanto, não faltou equipamento para nenhuma criança. Destacamos que, a falta de algum equipamento seria uma ótima oportunidade para exercitar a paciência e aprender a esperar a vez para usar o material e, assim, haveria uma possibilidade de um momento formativo e de aprendizado. A atividade com o *swing poi* seguiu uma sequência preestabelecida: primeiro, o giro do elemento para frente com o braço direito e, em seguida, as rotações foram para trás com o mesmo braço. Depois, a troca de braços para a realização dos mesmos movimentos com o braço esquerdo. No final, as rotações sobre a cabeça. O lúdico esteve sempre presente, pois os movimentos lembravam a hélice de um helicóptero e/ou um cowboy, rodando seu laço sobre a cabeça.

Figura 40 e 41: Crianças da CREE-MOS participam de atividades com elementos circenses



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023)

Na sequência de uso do *swing poi*, fizemos um movimento parecido com o símbolo do infinito usado pela neurodiversidade, que lembra o algarismo oito na horizontal, realizando sempre a alternância de uso dos membros superiores, para estimular a lateralidade. Ao final dessa prática, promovemos uma atividade similar a uma brincadeira conhecida como “chicotinho queimado” ou “foguinho” (brincadeira com corda, que consiste em passar sob uma corda batida em velocidades distintas, o que contribui para noção espaço temporal). Desta feita, utilizamos um único elemento: o *swing poi*.

Nesse momento, colocamos as crianças em uma fila, enquanto eu fiquei, a uma certa distância, girando o elemento para que cada criança superasse o obstáculo. Cada uma, ao seu tempo e sentindo a emoção de realizar o desafio proposto. Até que, um menino, de aproximadamente sete anos, meio que travou na fila e não prosseguiu. Ele até ameaçava ir, mas parava. Seus colegas o incentivaram gritando para que ele tomasse coragem e fosse adiante.

Mas não teve jeito, ele não saiu do local. Eu me aproximei e disse: “vamos lá, você consegue”. E acrescentei: “Se precisar, faremos juntos”.

Na mesma hora, eu me lembrei do relato de um menino que viveu o mesmo dilema no projeto Caravana do Esporte, do qual fazia parte João Batista Freire⁷², professor de educação física, defensor do esporte participação e do esporte educação. As histórias coincidiam e ambos vivenciaram seus medos, porém, quando incentivados, conseguiram encarar seus receios e superaram os desafios. De repente, o menino que parou diante do elemento circense, que girava na sua frente, se encheu de coragem e avançou. Para alegria de todos! Foi uma festa só, com todos aplaudindo e o menino se sentindo vencedor. Provavelmente, esse dia e esse momento específico farão parte de suas memórias afetivas no futuro.

Nosso ensaio ainda não havia terminado, pois faltava experienciar o malabarismo com lenços de tule. Fizemos uma demonstração com as bolinhas de tênis e dissemos o quanto era difícil para realizar aqueles movimentos, mas havia um método para ajudar o aprendizado daquela arte. Então, frisei que um dia eles também seriam capazes de chegar aquele estágio, desde que fizessem os movimentos conforme indicamos. Distribuímos os lenços um a um e, iniciamos nossa aventura com os lenços coloridos a levitar. Tal como nossos corações, que pareciam sair do peito ao ver a felicidade e o brilho no olhar das crianças.

Continuando nossa jornada para implementar os processos formativos citados, elaboramos um projeto denominado *Elementos Circenses na Perspectiva Inclusiva*, destinado à formação dos(as) colaboradores(as) da Educação Especial de duas escolas do município de Russas, no estado do Ceará. As escolas contempladas foram a Escola Municipal Agrícola Pe. Pedro de Alcântara (escola no qual sou funcionário) e a Escola Municipal Luís Ferreira. Na ocasião, reunimos todos(as) os(as) colaboradoras da Educação Especial para uma oficina de montagem e confecção de elementos circenses, que seriam utilizados pelos alunos do Atendimento Educacional Especializado (AEE) das respectivas escolas. Na ocasião da Semana das Crianças, haveria um evento em conjunto com o apoio dos dois professores de Educação Física das respectivas escolas. Movimento, arte e inclusão deram o tom à interdisciplinaridade do evento.

⁷² João Batista Freire - Professor aposentado pela Universidade Estadual de Campinas, atualmente, consultor do Instituto Esporte Educação (IEE) em São Paulo e colaborador da Universidade do Futebol, fundada em 2003, em Jundiaí, São Paulo. Adotava a Abordagem Construtivista nas aulas de Educação Física Escolar.

Figura 42: Momento prático de uma formação para colaboradores(as) da educação especial e inclusiva – Escola Agrícola e Escol Luis Ferreira – Russas / CE



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023)

Durante o processo formativo, ministramos as seguintes oficinas: construção de elementos como fitas (ginástica rítmica); *swing poy* (atividade circense); os recortes dos lenços de tule (malabarismo); e pés de lata (equilíbrio e estabilização). Os professores de Educação Física elaboraram o planejamento de um circuito motor e a Gestão Escolar ficou responsável pela organização de logística: lanche, traslado de ida e volta de uma das escolas, aquisição de lembrancinhas para presentear as crianças. Confeccionamos 64 peças de cada elemento, para que cada criança tivesse o direito de manusear e experimentar o seu próprio elemento. Ainda tivemos um momento de manuseio prático dos(as) colaboradores(as) para facilitar o processo de manuseio e ensino no dia da ação.

Tudo pronto! O coração a mil por hora para o grande dia de proporcionar às crianças o momento sublime das ações circenses. Mais uma vez travestido de Pirulitão, eu estava interagindo com nossas crianças com algum tipo de Necessidade Educacional Específica (NEE), trabalhando os princípios básicos da inclusão. Neste contexto, o processo foi organizado e pensado com muito carinho para atender a cada criança que ali estaria. Geralmente, as crianças com NEE são relegadas a um segundo plano e, às as vezes, até na sala de aula regular são negligenciadas e subestimadas pelos professores que não conseguem enxergar o potencial de cada estudante.

Figuras 43 e 44: Elementos Circenses na Perspectiva Inclusiva. Ação em prol das crianças atendidas pelo AEE – Escola Agrícola e Escola Luís Ferreira – Russas / CE



Fonte: arquivos do autor (2023)

Neste segundo relato, não nos referimos a uma experiência expressiva que tenha ocorrido nas ruas, no entanto, salientamos que os dois eventos advêm de um encontro que surgiu nas ruas, questionou paradigmas, potencializou saberes e agregou, positivamente, outros contextos. É notório que a arte das ruas, baseada em atividades circenses, chegou à escola, tendo promovido interações significativas e processos formativos inclusivos. Dessa forma, ampliou olhares, proporcionou reflexões e interpretações. Aportou de forma firme e segura! Conduziu sonhos, estampou sorrisos de alegria em rostos ávidos por atenção e oportunidades! Inundou nossos corações de esperança! A esperança de Freire (1992) do verbo *esperançar*, que vai além do que se espera, que se junta aos demais para *fazer de outras formas*.

3.4 - Atividades circenses na escola e em projetos sociais: a magia e o encanto do circo em prol da educação e da inclusão

Destinamos este último tópico para estreitar um diálogo com estudos e teóricos que mencionem as dificuldades encontradas pelos docentes na execução de um planejamento, que viabilize a utilização das práticas circenses no âmbito escolar, educacional e inclusivo. Além disso, demonstramos que: a utilização de tais práticas, trazem inúmeros benefícios e têm relevância para os processos educacionais formativos, sobretudo, no que diz respeito ao desenvolvimento integral daqueles que dessas práticas usufruem.

Para maior compreensão da temática, precisamos contextualizar, de forma breve, a origem do circo no Brasil e reconhecê-lo como uma manifestação cultural tradicional, ou seja, não recente. Ao longo da história, as apresentações circenses ocorreram nos mais diversos espaços: nas zonas periféricas e centrais urbanas e rurais. Dessa forma, o circo sempre esteve presente no imaginário da população em geral, sem distinção de classes sociais. Durante um longo período, esta arte foi praticada somente pelas famílias de artistas e era repassada de geração em geração. Apesar de circular por lugares e classes sociais distintas, as pessoas só interagem com essa arte na forma de espectadores (Pereira; Maheirie, 2016).

Nos dias atuais, as formas de reprodução e produção da arte e das práticas circenses proporcionam vivências diversificadas aos mais distintos grupos sociais, com maior interação dos espectadores, que passaram a usufruir de forma direta do circo, o que difere de outros períodos da história (Silva. 2011). Isso vem ocorrendo em virtude da criação das escolas de circo, por volta dos anos 70 e 80, do Século XX, conforme registros históricos. A Academia Piolin de Artes Circenses, pioneira no Brasil, foi criada em 1977, tendo se instalado no Estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo. Em 1982, surge a Escola Nacional de Circo na cidade do

Rio de Janeiro (Santos, 2016). Em pouco tempo, muitas outras escolas de circo surgiram no Brasil e vêm disseminando as mais variadas possibilidades de formação na área circense e, ampliando o leque de propostas pedagógicas, objetivos e formatação da aprendizagem (Bortoleto; Ontañón; Silva, 2016).

O surgimento das escolas de arte circense aproximou o público do picadeiro. Com objetivos distintos, os praticantes vivenciam experiências corporais ou artísticas, nas quais os formatos profissionalizantes ou recreacionistas ditam o ritmo e a intensidade das formas de aprendizagem. Como lazer, desenvolvimento social e/ou terapêutico, ou ainda, como formação profissional, as escolas de circo promoveram a democratização dessa arte e, conseqüentemente, a valorização dos seus saberes. Nesse contexto, o circo despertou a atenção e o interesse de diversas áreas do saber, cujos profissionais buscam conhecimentos sobre o tema. Dentre os diversos campos, citamos: educação, história, medicina, fisioterapia e a cultura do movimento corporal (educação física), conforme Bortoleto; Machado (2003); Ontañón; Duprat; Bortoleto (2012).

A partir da historicidade do circo no Brasil e sua aproximação direta com a cultura do movimento corporal, ou seja, com a Educação Física Escolar, fizemos uma breve reflexão dos processos, que envolvem o desenvolvimento integral dos educandos que recebem estímulos advindos da arte circense. Neste sentido, é relevante contextualizar os conceitos básicos de aprendizagem motora e apresentar algumas intervenções pedagógicas feitas no ambiente escolar, que são baseadas nas práticas circenses. Reafirmamos que tais práticas contribuem efetivamente para aquisição deste tipo de aprendizagem, segundo os teóricos já citados.

A aprendizagem do movimento, integrada ao desenvolvimento e controle motor, é um campo essencial para pesquisas que têm como foco as alterações que os estímulos motores são capazes de promover ao comportamento motor. Este campo de estudos tem por finalidade compreender o desenvolvimento e o comportamento humano e, também, sua relação com a aprendizagem do movimento. Portanto, é um sistema estruturado e organizacional que compreende os processos e as influências que levam à aquisição de habilidades motoras específicas, conforme indicam Tani *et al.* (2011).

De acordo com Tani *et al* (2011), durante a aquisição de habilidades motoras são ativados processos intrínsecos que favorecem a transitoriedade de um nível de condição para outro. Quando esse processo ocorre, um indivíduo que não podia e/ou conseguia realizar uma determinada atividade motora específica, passa a realizá-la de forma satisfatória, o que provoca uma alteração do seu padrão de comportamento motor. Diante disso, podemos afirmar que a

aprendizagem motora examina profundamente as fases que ocorrem ao longo do processo de aprendizagem humano.

Destacamos a relevância do movimento em todas as fases da vida humana e frisamos, ainda, que as alterações do comportamento motor ocorrem em todas essas fases, sobretudo, durante a infância. Nesse período crucial, diversos fatores, tais como: ambientais, biológicos e culturais exercem influência no desenvolvimento integral da criança. Compreendemos que a criança é caracterizada por sua natureza dinâmica e, por meio da expressão corporal, absorve conhecimento e se desenvolve. Por conseguinte, a partir das experiências e vivências com seu corpo, com o ambiente ao seu redor e com as tarefas propostas, ela se apropria das mais diversas formas de aprendizagem.

De acordo com as reflexões de Magill (2000), somos instigados a refletir sobre a distinção entre dois conceitos de suma importância: desempenho e aprendizagem. Conforme a autora, o desempenho refere-se à observação direta do comportamento, ou seja, a execução de uma habilidade específica em um determinado período e contexto. A aprendizagem não é algo tangível, que possa ser observado, mas um conjunto interno de processos, que é evidenciado pelo desempenho do indivíduo. “Primeiro, a aprendizagem não é observada diretamente; o que se observa diretamente é o comportamento. Segundo, por isso, nós devemos fazer inferências a partir do comportamento observado” (Magill, 2000, p. 135).

Definição de aprendizagem. Utilizaremos uma definição genérica para o termo aprendizagem: uma alteração na capacidade da pessoa em desempenhar uma habilidade, que deve ser inferida com uma melhoria relativamente permanente no desempenho, devido à prática ou à experiência (Magill, 2000, p. 136).

Para a autora, é necessário compreender as diferenças entre desempenho e aprendizagem, uma vez que, a partir dessa diferenciação, ampliamos a capacidade de compreensão dos processos relativos ao fenômeno da aprendizagem. Destacamos que as formas de aprendizagem dos indivíduos não se resumem a um resultado definitivo, pois abrangem elementos internos, que têm impactos positivos ou negativos no próprio desempenho. Segundo Tani e Correa (2016), a aprendizagem motora pode ser descrita como um campo de estudo que visa compreender a estrutura e os mecanismos envolvidos nas transformações do comportamento motor humano, que são decorrentes de experiências práticas e de fatores interferentes. Nas narrativas de Fernando Guardia, percebemos as alterações no seu

comportamento motor, decorrentes do tempo de prática, da constante repetição e dos treinos, que o levaram à excelência de desempenho.

Segundo Magill (2000), nos trabalhos acadêmicos, o conceito de habilidade motora, geralmente, está associado de forma estreita à aprendizagem motora. Essa relação está fundamentada de modo correto, uma vez que a aprendizagem motora tem por finalidade investigar e compreender os mecanismos que contribuem para o desenvolvimento de habilidades motoras. “[...] uma habilidade que exige movimentos voluntários do corpo e/ou dos membros para atingir o objetivo [...]” (Magill, 2000, p. 06). As orientações, ações práticas e análises que envolvem a obtenção das capacidades motoras estão na área do desenvolvimento motor, que tem como objetivo o desenvolvimento dessas capacidades.

Em síntese, as pesquisas relacionadas à aquisição de habilidades motoras abrangem duas categorias distintas: a) investigação dos processos e mecanismos intrínsecos envolvidos na aquisição de habilidades motoras; b) investigação dos elementos que balizam e afetam essa compreensão. O estudo e o entendimento dos elementos que interferem na aquisição de habilidades motoras, geralmente, possuem uma relação estreita com a prática, ou seja, com as formas de intervenção. Observamos que, na trajetória de Fernando Guardia, a utilização e o manejo de elementos, que envolvem prática e frequência constantes contribuíram para aprendizagem de suas inúmeras habilidades. Diante dessa constatação, podemos afirmar que a prática e as repetições frequentes são indispensáveis para intervenções dos profissionais que atuam na área do movimento corporal, tal como afirmam Tani *et al.*, (2011).

Diante disso, Tani (2001) *apud* Tani e Correa (2016, p. 19), afirmam que:

Genericamente, pode-se afirmar que em todas as áreas de intervenção profissional comprometidas com a melhoria de qualidade de movimento das pessoas, seja na perspectiva educacional, de saúde e bem-estar, de reabilitação ou de alto rendimento (por exemplo, educação física escolar, educação física não escolar, educação física adaptada, esporte de alto rendimento), os conhecimentos de aprendizagem motora têm elevado potencial de contribuição para tomadas de decisões mais coerentes e consistentes acerca de seus projetos, programas e intervenções.

De acordo com a citação acima, os autores consideram que, no âmbito da cultura do movimento corporal, a aquisição das habilidades motoras necessita de intervenções práticas, estruturadas e sistematizadas, no entanto, esclarecem que a consciência e a compreensão do conceito de aprendizagem motora estão relacionados à prática, ao treinamento, à educação motora propriamente dita e, também, aos fundamentos teóricos da área. Nos processos de

intervenção, os dois aspectos constituem um alicerce de relevantes informações, que são necessárias aos profissionais dessa área, uma vez que ampliam e fornecem um repertório teórico de apoio. Essa perspectiva permite aos profissionais do movimento corporal, o desenvolvimento e a adaptação de novas possibilidades práticas e, ao mesmo tempo, ensinam habilidades motoras, conforme indicam Tani; Correia, (2016).

Diante dos conceitos e pontos de vistas descritos e observados, o estudo que ora viabilizamos, tendo como foco central, a arte das ruas, fundamentada em princípios das atividades circenses e executada por artistas de rua, possui imenso potencial para colaborar com os aspectos referentes à aprendizagem motora e às habilidades motoras provenientes de tais práticas. Por conseguinte, poderá contribuir para aquisição de aprendizados cognitivos, afetivos e sociais, que estão diretamente conectados aos avanços do comportamento motor dos indivíduos e às interações sociais.

Compreendemos que a complexidade relacionada aos aspectos, que envolvem a aprendizagem motora, advém de seus múltiplos fatores que operam direta e indiretamente e interferem na possibilidade de êxito ou fracasso da aquisição das habilidades esperadas. E, em relação à sua aplicabilidade, meramente prática, é necessário que haja equilíbrio em relação à teoria, no intuito de assegurar que as experiências de aprendizagem sejam significativas, consistentes e úteis.

A partir da contextualização e do entendimento dos conceitos de aprendizagem motora elencados, procurei ancorar o aporte teórico prático, que viabilizou a implementação das atividades circenses nas práticas pedagógicas, que ministro nos estabelecimentos educacionais e projetos socioeducacionais inclusivos dos quais faço parte e tenho atuado. A seguir, apresento relatos que descrevem minha experiência pessoal à frente do componente curricular Educação Física Escolar, a utilização de determinadas práticas circenses e o uso de alguns elementos para iniciação dessa prática. Vale lembrar que o encontro com o artista de rua, sua visita e suas performances, nestes locais, serviram de mola propulsora, que me levou a introduzir este conteúdo no planejamento didático anual.

Em princípio, utilizei as atividades com as turmas do 1º ao 5º ano, dos anos iniciais de duas escolas, uma da rede privada e outra da rede pública. Em ambas, considero que a aceitação e o entusiasmo dos educandos em participar das atividades propostas foi excelente, sobretudo, pela participação efetiva de todos. Adotei uma prática que oportunizava um aprendizado gradativo, com ações que se iniciavam de forma simples e sua complexidade aumentava aos poucos e de forma ritmada. Somente após a observação de que todos já conseguiram realizar a

tarefa indicada é que, começava a aumentar o grau de dificuldade das tarefas e assim, avançávamos de nível.

No planejamento idealizado, eu me utilizei de três elementos circenses para praticar com os alunos, dentre eles: iniciação ao malabarismo, *swing poi* e pé de lata / perna de pau. Cada um com seus respectivos objetivos e habilidades, a serem trabalhadas e estimuladas. Vale salientar que as atividades propostas foram inspiradas nas performances apresentadas por Fernando Guardia e sua companheira, conforme descrito em narrativas anteriores. Ou seja, a arte das ruas entrou, de forma concreta, no ambiente escolar e, assim, vivenciei experiências incríveis ao lado das turmas, nas quais ministrava aulas, naquela ocasião (segundo semestre do ano de 2022 e primeiro semestre de 2023).

Figuras 45 e 46: Giulia Natajara e Fernando Guardia em suas apresentações nas escolas (Colégio Alvorecer e Escola Agrícola)



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022)

Nesse contexto, além da inserção da arte das ruas, dos elementos circenses, da aprendizagem, dos estímulos motores, cognitivos, socioafetivos e culturais, adotamos uma abordagem, que utiliza as dimensões do esporte educação, esporte participação e do esporte performance. Encontramos, no Prof. João Batista Freire, o aporte teórico que defende tais dimensões para prática da Educação Física Escolar. O autor recria, refaz e ressignifica metodologias e, traz uma proposta que difere dos métodos tradicionalistas, que priorizam uma Educação Física mais tecnicista, que dá ênfase aos gestos motores mais técnicos e refinados de movimentos e técnicas esportivas e, também, a competitividade exacerbada pelo esporte de rendimento.

O autor, concebe a ideia de que um estudante precisa ultrapassar os limites do aprendizado oferecido na/pela escola; a educação que a instituição atual propõe deve preparar para a vida além dos portões escolares, e não apenas para garantir a aprovação na próxima série do ano seguinte. A partir dessa perspectiva, Freire J.B. (2011, p.9) declara que: “a tarefa educacional supõe preparar sempre para algo a mais que a atividade específica da escola”.

Em concordância com João Batista Freire (2011), o “algo a mais” e a “preparação para a vida” nos trazem a perspectiva de uma educação plena, repleta de sentidos e significados para o estudante. Levando a arte das ruas para o contexto escolar, esperamos ter a chance de pôr em prática a visão teórica de Freire, J.B. (2011), que propõe fazer uso da arte em uma via de mão dupla. Dessa forma, a arte das ruas e os saberes provenientes da bagagem de vida e da expertise dos artistas de rua se conecta ao conhecimento que o ambiente escolar comumente proporciona. Sob essa ótica, os conteúdos de ensino poderão ser repensados e aplicados, com o objetivo de ampliar/melhorar o gesto motor e, também, de ampliar e produzir pensamento crítico e reflexivo, em síntese conhecimento.

Para ir além da educação tradicional, Freire, J.B. (2012) apresenta um modelo educacional que inclua a todos, um ensino voltado para o outro, para o trabalho, saúde, preservação do meio ambiente e práticas esportivas, que precisam ser repensadas. A instituição escolar não deve ser, apenas, um local de aprendizado, mas um ambiente de liberdade, pois é impossível adquirir conhecimento sem a liberdade de pensar, criar e refletir.

De minha parte, estou convicto de que só é possível aprender em um espaço de liberdade. É por isso que as crianças ainda aprendem: por mais restritivo que seja o ambiente familiar ou escolar, sempre resta um espaço de liberdade para pensar, para se mexer, para criticar, e é aí que as pessoas aprendem. Imaginem esse espaço ampliado! Daí não ser descabido propor para crianças uma Educação de Corpo Inteiro (Freire, J. B. 1994, p. 12).

Para o autor, é inconcebível uma educação que não contemple a criança de corpo inteiro. Seguindo essa ótica, as aulas de Educação Física Escolar deveriam ser a fonte dessa educação integral e indissociável, na qual corpo e a mente aprendem em conjunto. Em Freire, J. B. (2011, p. 3), identificamos um entendimento referente à responsabilidade dos docentes sobre o ensino, quando ressalta que ensinar: “é trabalho pesado, é ciência e arte; uma das mais difíceis e estafantes tarefas humanas, não importa se se trata de futebol ou matemática”. Segundo Freire, J.B.; Scaglia, A. (2009) ensinar é direcionar a educação para geração de autonomia de forma individual e, também, como uma tomada de consciência para atitudes coletivas. Ainda pensando nas aulas de Educação Física, recorremos a Freire, J. B. (2012, p. 48) que afirma:

Aprendi que temos que ensinar a todos, nunca recusando ninguém, por mais precária que fossem suas condições atléticas. Além disso, aprendi que temos que nos preocupar o tempo todo com a qualidade do que ensinamos.

A inquietação do autor com a qualidade do ensino está baseada no seguinte princípio: os métodos de ensino podem contribuir de maneira significativa para autoestima do aluno, que poderá se sentir apto e engajado para modificar sua realidade. No entanto, em determinado tipo de ensino, o estudante corre o risco de perder a oportunidade de se colocar no papel de protagonista de sua própria história (Freire, 2012, J.B. p. 204). A proposta, que implementamos em nossa realidade, através da arte das ruas fundamentada e pautada pelas práticas circenses, está em consonância com estas concepções do autor.

Prosseguindo com a apresentação da narrativa dos momentos vivenciados nas escolas, descreverei como se deu o uso da iniciação ao malabarismo. Depois de iniciar a aula com uma *roda de conversa* para explicar a temática circense e, tomando como referência a apresentação dos artistas de rua, realizei de forma procedimental um jogo de malabares com três bolinhas de tênis. Domino essa habilidade desde os tempos de atleta. Em seguida, realizei o mesmo jogo com três bolas de futsal e, por fim, encerrei a apresentação com bolinhas de papel envoltas em fita crepe do tamanho de uma bolinha de tênis de mesa.

Figuras 47 e 48: Crianças assistindo e aplaudindo as apresentações artísticas circenses



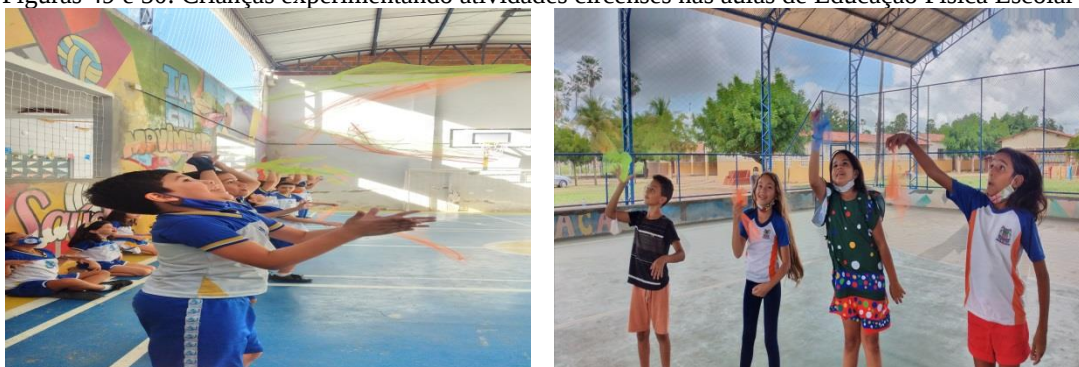
Fonte: arquivo pessoal do autor (2022)

As crianças olhavam admiradas e aplaudiam freneticamente a cada acerto, entretanto, volta e meia, eu deixava as bolinhas caírem com a intenção refletir sobre acertos e erros. Dessa forma, tive a oportunidade de lhes falar que o aprendizado advém do erro, da persistência e da perseverança em não desistir logo nas primeiras dificuldades enfrentadas. Na sequência, ofereci às crianças a chance de praticarem o malabarismo com as três bolinhas de papel nas mãos, entretanto, algumas delas não conseguiam segurá-las direito. Mesmo assim, incentivei cada uma a continuar experimentando o manuseio do jogo de malabares de forma espontânea e do seu jeito.

Feito isso, pedi que parassem e fizemos uma nova *roda de conversa* para cada um expressar seus sentimentos e como havia sido a experiência. Os relatos de frustração e de que era muito difícil foram inúmeros. Todavia, eu os tranquilizei e ofereci a cada estudante um lenço de tule de aproximadamente 40cm X 40cm e, em seguida, iniciamos a jornada de

iniciação ao malabarismo. Expliquei o que deveria ser feito e que a calma seria fundamental para o sucesso de todos, também disse que só avançaríamos para mais lenços nas mãos e novos desafios, quando todos conseguissem dominar as atividades com um lenço e, assim por diante. Cabe salientar que, com esta atividade, tive como objetivo estimular aspectos voltados a consciência corporal, lateralidade, noção espaço temporal, coordenação motora ampla e a coordenação óculo-manual.

Figuras 49 e 50: Crianças experimentando atividades circenses nas aulas de Educação Física Escolar



Fonte: arquivo do autor (2022)

Paulatinamente, os lenços coloridos eram arremessados ao alto e alçavam seus voos de acordo com a força empregada por cada criança, lentamente os lenços caíam e, elas não perdiam tempo em segurá-los para arremessá-los novamente, em uma cadência rítmica regada ao som de risos de felicidade. Primeiro, os arremessos somente com o braço direito e depois com o braço esquerdo, com lançamentos paralelos ao corpo, depois, com arremessos em diagonal para que os lenços fossem pegos com a mão contrária ao arremesso. Na sequência, após cada arremesso, cada criança deveria bater uma palma antes de pegar o lenço e repetir os gestos. Para finalizar essa primeira experiência, os estudantes deveriam manter o lenço levitando por intermédio de um sopro de ar. Nesse dia, meu sentimento foi o mesmo de Fernando Guardia ao ser questionado sobre o que achou do dia das visitas às escolas, no qual ele respondeu: “Foi lindo”!

Diante das perspectivas inventariadas nas narrativas, observamos inúmeras possibilidades pedagógicas de apoio aos processos formativos nos mais variados contextos. O viés interdisciplinar deu o tom e norteou a busca investigativa, cujos componentes curriculares, por exemplo: Educação Física e Arte se entrelaçaram de forma prática para receber a Arte das Ruas e seus saberes. Assim, presenciamos momentos incríveis de aprendizado, emoção e protagonismo daqueles que experimentaram essa possibilidade: nossos educandos. Assim,

nossa crença e nosso querer se fortalecem através das afirmações de Invernó (2003), citado por Bortoleto (2011, p.46)

[...] o que mais queremos é que nossos alunos saltem, girem, façam suas acrobacias, vivenciem a arte funambulesca do equilíbrio, transcendam a sua atuação corporal para o campo da expressividade, da poética, vivam, mesmo que brevemente, a magia e o encantamento do circo.

Nas breves experiências relatadas em nossa justificativa da escolha do tema de estudo, destacamos: magia, encantamento e, também, o real sentido e significado relacionados à junção dessas práticas. No entanto, quando refletimos sobre todo o contexto, decidimos aprofundar e sistematizar conhecimentos, como na perspectiva de Coasne (1992 p. 17-19) que afirma: “amparando-nos numa atitude de pesquisa, de busca de novos e sólidos conhecimentos, para não recalcar a perturbadora fama de práticos, cuja capacidade reflexiva não vai além da dimensão físico motora”.

Tendo como base, nosso referencial teórico e os resultados da nossa pesquisa, procuramos dissuadir a premissa que desvaloriza e não compreende a complexidade dos componentes, que envolvem a cultura do movimento corporal e a relevância de cada gesto motor. Conseguimos constatar que o movimento corporal contribui para o desenvolvimento amplo e integral dos sujeitos que se apropriam das práticas corporais em suas diversas esferas.

LUZES SEMAFÓRICAS SUBSTITUEM AS LUZES DA RIBALTA, NÃO IMPORTA O ESPAÇO, O ESPETÁCULO PRECISA CONTINUAR

Ao embarcar na viagem de sonhos descritas neste estudo dissertativo, tive a nítida impressão que findaria o processo com as “respostas” que tanto necessitava para questionamentos, dúvidas e problematização do objeto de estudo investigado. No entanto, a realidade é bem diferente do que outrora supunha. O paradoxo entre fim e início se aglutina de forma coesa e, assim, revela o que considero ser mais importante do que as supostas respostas que procurava. Só então, compreendo que a própria trajetória em si, as vivências e experiências contextualizadas durante o percurso, seriam reticências e não um ponto final. Em suma: não teria respostas concretas, mas novos caminhos a seguir a partir da subjetividade, das possibilidades de novos questionamentos, reflexões interpretativas e investigações.

No tecer das conjecturas, que deram origem à construção do objeto de pesquisa, observei que, não somente o tema em si me interessa, cativa ou me fez explorá-lo a fundo. A fase que antecedeu a esse contexto, se apresentou de forma vaga, repleta de incertezas e difusa. Da mesma forma, os conceitos e os autores, que encontrei no decorrer da trilha formativa, surgiram como possibilidade de direcionamento para o meu pensar, no entanto, não havia nenhuma certeza de que me guiariam, de fato, ao destino final. Em outras palavras, a definição de um método ou teorias não é uma jornada em águas cristalinas, pelo contrário, foi uma decisão que me levou sempre a algo desconhecido.

A partir desse entendimento, eu me propus a embarcar em um diálogo constante entre os conceitos que evidenciam as memórias de si, as memórias coletivas, as experiências de vida e de formação. A escolha pelo método (auto)biográfico contribuiu para produção e aquisição de novas memórias que, embora sejam ainda recentes, atuaram de forma direta em todo processo de transformação pessoal e profissional, pelo qual passei ao longo dos anos e, também, interferiram na minha visão de mundo, anterior ao início deste projeto. Tais interferências justificam o valor acadêmico e social do método (auto)biográfico para a pesquisa acadêmica e para construção de novos diálogos, discussões e descobertas acerca da temática proposta.

De forma contrária ao que supunha, o encontro com o artista de rua Fernando Gabriel Guardia não proporcionou aquilo que ansiosamente esperava e gerou em mim uma expectativa que transcendia meu entendimento. Somente durante a caminhada, comecei a compreender as possibilidades: “O quê? Para quê? Como? E, onde?” Todas essas interrogações se tornaram questões centralizadoras e, a partir desse momento, o encontro e todo processo vivenciado com o artista, ganhou maior sentido e significado. Após aprofundar conhecimento sobre o

desenvolvimento dos métodos de pesquisa, comecei a vislumbrar as possibilidades que tinha em mãos. A subjetividade, implícita nas pesquisas de cunho qualitativo não poderiam me apoiar com respostas, dados e elementos concretos, no entanto, nas interpretações reflexivas, encontrei a possibilidade de entendimento mais amplo, com espaço para configuração de novos olhares, reflexões e diálogos sobre o tema.

De início, tinha em mente sistematizar a forma pela qual o artista de rua adquiriu os conhecimentos de sua arte e, em seguida, pretendia estruturar, sistematizar e, por fim, aplicá-la em contextos educacionais inclusivos de aprendizado formais e não formais. No entanto, quando defini o objeto de estudos e comecei o delineamento do aporte teórico, necessário a uma pesquisa científica e à compreensão da base de dados, percebi que, na prática, já existiam a estruturação e a sistematização do percurso que pretendia seguir. O conteúdo e a organização de tal arte poderiam contribuir, significativamente, com os processos que almejava.

O método (auto)biográfico e as entrevistas em profundidade com o artista de rua indicaram a dimensão conceitual a ser contextualizada e o percurso a seguir durante o estudo. Dessa forma, fiz uma imersão no conceito de liminaridade e nos saberes, que Fernando Guardia trazia em sua bagagem de vida. Suas experiências pessoais estão coadunadas com o diálogo que dá sentido ao conceito proposto por Turner (1969). Sob este ponto de vista, observei o artista como sujeito liminar, que passou por todos os processos que envolvem os ritos de passagem e que, na sequência, experienciou o *límen* com o afastamento de toda estrutura social contemporânea e, por fim, viveu um processo que tem potencial para reagregar aqueles que vivenciaram tais experiências. Esse processo o reintegrou ao seu núcleo familiar e ao grupo social de origem.

Vivenciar os processos liminares proporcionaram ao artista Fernando Gabriel Guardia a possibilidade de explorar todo seu potencial artístico, apresentando sua arte nos semáforos. Dessa forma, ele conquistou seus ideais e forjou sua própria filosofia/estilo de vida. A partir das interpretações de suas narrativas, comecei a sublinhar a palavra “liberdade” como expressão de força e representatividade do processo liminar, ao qual ele se submeteu. A liberdade de se expressar, apresentar sua arte e de viver de forma simples e romper paradigmas sociais impregnados nas sociedades convencionais.

Para além do conceito de liminaridade, as narrativas de Fernando avançam em um diálogo que perpassou os conceitos de memória, experiências de vida e formação e se integraram a mais dois conceitos, que enriquecem o aprendizado advindo deste estudo: os conceitos de educação e de cotidiano das ruas. Em suas narrativas reverberam aprendizados mútuos, pluri e multi culturais, que se aplicam àqueles que os recebem como estímulos e os

interpretam de forma reflexiva. Consegui visualizar as inúmeras possibilidades contidas na arte das ruas e usá-las em contextos educacionais inclusivos.

A confirmação dessa afirmativa advém da junção entre as experiências vividas e narradas nos três capítulos deste estudo. Cabe salientar, que não apenas os diálogos com os autores reforçam minha crença, pois as ações desenvolvidas no período pré-pesquisa e durante o desenvolvimento do presente estudo atestam o potencial da arte das ruas, decorrente da interdisciplinaridade entre a Educação Física (Cultura do Movimento Corporal) e a Arte.

Corpos em movimento, expressões corporais distintas, suaves e livres de toda pressão do êxito/acerto exacerbado, dos processos avaliativos, das notas que classificam e denominam os que sabem e os que não sabem. A experiência livre e espontânea, tendo no erro a chance de refazer, de tentar novamente e, assim, sem cobranças, aprender. Aprender a lidar com as frustrações promovidas pelos erros e convertê-las em favor da superação, da perseverança, da aquisição da autoestima, da consciência corporal, da concentração, do foco, entre outros benefícios. Tudo isso, a partir da experiência inicial que se deu com a visita de Fernando Guardia a duas escolas, com a arte das ruas entrando em espaços outrora inimagináveis.

Da (in)visibilidade ao acesso, do preconceito à valorização de seu labor, Fernando Guardia viveria uma experiência (auto)formativa, na qual jamais imaginou passar. Como um professor, teve que reorganizar e planejar sua apresentação performática, desde a *playlist* com músicas, sequência de movimentos e ações diversificadas que apresentaria às crianças. De certo modo, diferente da sua forma habitual de preparar suas apresentações performáticas nos semáforos, ele elaborou uma proposta para levar à escola, cuja dinâmica era diferenciada.

Na esteira dos processos formativos e (auto)formativos, presenciei e observei atentamente a performance artística de Fernando e sua companheira. Dos movimentos, emergiram possibilidades de converter uma apresentação artística em aprendizado. Essa perspectiva não se resumiu a algo, que atenderia somente à expectativa dos estudantes, pois o momento preenchia, também, meus ideais de ampliação e/ou continuação do que ali foi visto. Assim, unifiquei o potencial do ato performático ao material já estruturado e sistematizado, que encontrei no decorrer da pesquisa.

Quero destacar mais uma observação (auto)formativa, que diz respeito às intervenções diretas, sobretudo, quando utilizadas com os educandos, considerando que um dos princípios básicos dos processos de aprendizagem deve ser respeitado e posto em prática nos encontros: o aumento do grau de complexidade da execução dos movimentos em atividades propostas. É imprescindível que o avanço para atividades e movimentos mais complexos sejam feitos de forma gradativa. Sem esse devido cuidado, há o risco de saltar etapas, além de provocar uma

possível desistência de experimentação daqueles que encontrem dificuldades na execução das atividades. Algumas implicações de ordem prática que surgiram, na medida em que eu avançava no desenvolvimento da pesquisa e/ou ao na aplicação das atividades.

Ao refletir sobre a elaboração das linhas, que concluem este trabalho, contemplei a valorização de minha própria essência. Tal como a valorização da arte das ruas, observada por intermédio das memórias e narrativas de Fernando Guardia, nas quais, sua história de vida expõe sua alma, sua essência e sua própria existência. A escolha de uma conceituação e de um posicionamento teórico, com a imersão nas ideias de um ou mais autores, tornou-se parte de mim e passou a guiar meu olhar. Sem, contudo, perder minha própria identidade, sem deixar de exprimir a minha singularidade como uma pessoa, que está pensando e refletindo sobre a problematização, os objetivos e as possibilidades que surgiram a partir do estudo elaborado.

As considerações sobre o percurso do estudo expõem a relevância do caráter experiencial para o processo desenvolvido. Embarcar nessa jornada reflexiva me permitiu explorar a capacidade de pensar, de me manter conectado com a realidade ao redor. E mantenho a esperança de que o leitor possa também divagar sobre tais reflexões e possibilidades, e assim, usufruir de forma prática desta experiência transformadora. Vivenciar experiências implica em deixar que aquilo que vivemos e produzimos nos conduza para além de nossa própria realidade, nos conectando ao que seja ativo e passivo de forma simultânea, abarcando assim, novas ideias, sensações e eventos que sejam portadores de essência da arte e do potencial da criatividade.

Dessa forma, não é necessário e tampouco crucial que a produção elaborada seja prontamente eficaz e expresse resultados instantâneos. Muito menos, é preciso que seja a obra prima da produção acadêmica e/ou artística. Não. Entretanto, é desejável que a produção em si exponha a minha própria marca e identidade, com um aspecto de fertilidade e originalidade. Espero algo que provoque a reflexão, o pensar crítico, o debate e as discussões, que induzam a possíveis transformações. É necessário que cada pessoa se inspire naquilo que precisa ser desvelado, naquilo que faça sentido e significado, ou ainda, dê novo sentido e significado. Não com respostas prontas e fechadas, mas com novas indagações e provocações, que impulsionem cada pessoa a seguir adiante, rumo a uma ação concreta e experiencial.

As discussões perpassaram o alinhamento e a atualização com as últimas tendências e padrões acadêmicos dos campos de pesquisa. Além disso, imprimiram ao estudo um teor de originalidade, sempre aberto ao que surgiu de maneira espontânea, a partir das inúmeras experiências, tais como: cognitivas, artísticas, existenciais e cotidianas. Neste estudo, essas experiências, que foram descritas por intermédio das narrativas de Fernando Guardia,

ampliaram a ideia de valor, de expressão da singularidade, explosão de vida, arte, cultura e pensamento.

A força do método (auto)biográfico conferiu ao trabalho um tom autorreferente, entretanto, sem olvidar algo muito relevante: as reflexões e a busca pela compreensão dos significados desvelados nos processos formativos e (auto)formativos. Cabe salientar, que o estudo em si não finda por aqui, pelo contrário, os saberes contidos nas narrativas, nas interpretações reflexivas e as informações advindas desta pesquisa não esgotam as possibilidades para o surgimento de novos questionamentos e novas dúvidas acerca da temática, na qual imergi. Inclusive, com a utilização de outros percursos/métodos de pesquisa, o que reforça a ideia de que a temática amplie o debate e as discussões no âmbito acadêmico. O estudo efetivado, além de trazer luz sobre a potencialidade dos artistas e da arte das ruas fundamentada em atividades circenses, reafirmou as relevantes contribuições que a temática proporcionou, quando foi aplicada em contextos socioeducacionais inclusivos.

Fui agraciado pela canção **Fã Número 1**⁷³, letra da música de Guilherme Arantes:

Luz da ribalta
Te quero no palco

Entra em cena
Faz seu número

Agora, quero afirmar: *Fernando Gabriel Guardia, faz teu número!* As luzes semafóricas se acendem como holofotes para teu espetáculo! Imortaliza teus gestos neste instrumento de pesquisa. As ruas e os cruzamentos asfálticos são teu palco! As sinaleiras são teu picadeiro! Tua lona é o céu azul! Na plateia, os transeuntes que passam ávidos sobre a faixa de pedestres, que quase te derrubam do monociclo. Teu público é ainda composto pelos condutores e passageiros automotivos que, geralmente, estão mais preocupados com o momento em que o sinal vai abrir do que com tua apresentação. E, você? Continuas ali, na (in)visibilidade para os insensíveis. Porém, incansável, você segue resoluto, dia após dia, acreditando no amor à tua arte. Segue Fernando! Segue e “faz teu número”! Como na letra do grupo Fundo de Quintal: *O Show tem que continuar*⁷⁴! Saiba que este professor, o público infantil de duas escolas, sua família e os seus amigos artistas de rua, sabem muito bem quem tu és e o valor da sua arte. Todos te aplaudem de pé!

⁷³ Música – Fã Número 1 / Guilherme Arantes – Composição: Guilherme Arantes - (Vide Anexo 11).

⁷⁴ Música – O Show Tem Que Continuar / Grupo Fundo de Quintal – Composição: Arlindo Cruz, Sombrinha e Luíz Carlos da Vila - (Vide Anexo 12).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.
- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 1994.
- ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica** - Campinas, SP: Papirus, 2002
- BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, 3. ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1999.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.
- BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de formação RBCE**, p. 43-55, jul. 2011.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MACHADO, Gustavo Arruda. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. **Corpoconsciência**, v. 7, n. 2, p. 39-70, 2003. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/3923> Acesso em: 19 out. 2023.
» <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/3923>
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; ONTAÑÓN, Teresa; SILVA, Ermínia. **Circo: horizontes educativos**. Campinas: Autores Associados, 2016.
- BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, Carlos R. Refletir, discutir, propor: as dimensões de militância intelectual que há no educador. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BRANDÃO, Carlos R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRÊTAS J. **A mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose**. Temas Desenvolv. 2004; 12(72): 29-38.
- COASNE, J. **A la découverte des arts du cirque**. EPS, n. 238, Paris, 1992, p. 17-19.
- FREIRE, João B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática pedagógica da educação física**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- FREIRE, João B; SCAGLIA, Alcides J. **Educação como prática corporal**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, João B. **Pedagogia do Futebol**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

FREIRE João B. **Ensinar o esporte, ensinando a viver**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

FREIRE, Paulo. **Educadores são políticos e artistas** – uma entrevista com Paulo Freire. Fórum Permanente, periódico 06 – 2013 (1978). Disponível em:

<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/educadores-sao-politicos-e-artistas-2013-uma-entrevista-com-paulo-freire> Acesso em: 25 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1993

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa, 1996, 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

INVERNÓ, J. **Circo y Educación Física**: Otra forma de aprender. Barcelona: Inde Publicaciones, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. **Cheminer vers soi**. Paris et Lausanne: L'Age d'Homme, 1997 (1. éd. 1990).

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Cadernos de Formação I, Lisboa: Pentaedro, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**: Porto Alegre, ano XXX, n 3 (63), p. 413 – 438, set/dez. 2007

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

MAGILL, Richard A. **Aprendizagem motora**: conceitos e aplicações. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

NOLETO, Rafael da Silva & ALVES, Yara de Cássia. “Liminaridade e communitas - Victor Turner”. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015. Disponível em:

<<http://ea.fflch.usp.br/conceito/liminaridade-e-communitas-victor-turner>> acesso em: 14 jan. 2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et. al* Campinas: Editora Unicamp, 2007.

PEREIRA, Eliane R; MAHEIRIE, Kátia. Aprendiz circense e contemplador: olhares que dialogam entre a incompletude e o acabamento. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 28, n. 1, p. 134-138, jan.-abr., 2016. Disponível em: Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922016000100134&script=sci_arttext . Acesso em: 20 out 2023.

ONTAÑÓN, Teresa Barragán; DUPRAT, Rodrigo; BORTOLETO, Marco Antonio. Educação Física e atividades circenses: “o estado da arte”. *Movimento*, v. 18, n. 2, p. 149-168, abr. 2012. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.22960> Acesso em: 23 out. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **O espetáculo da rua**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jathay. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 24 de março de 2024.

PRODÓCIMO, E.; PINHEIRO, P. H. G.; BORTOLETO, M. A. C. Jogos circenses como recurso pedagógico. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses** – Vol. 2. Jundiaí: Fontoura, p.161-178, 2010.

SANTOS, Cláudio A. **Fascínio Circense: Arte e Pedagogia na Escola Nacional de Circo**. Belo Horizonte: Editora Rona, 2016.

SARTIN, D. Relendo Victor Turner em chave pós-estrutural. *Revista Teoria da História* – Ano 3, Número 6. UFG – 2011.

TANI, G. Aprendizagem motora no contexto da educação física e ciências do esporte: dilemas, conflitos e desafios. In: GUEDES, M.G. (Ed.). **Aprendizagem motora**: problemas e contextos. Lisboa: Edições FMH, 2001.

TANI, G. *et al*. O estudo da demonstração em aprendizagem motora: estado da arte, desafios e perspectivas. *Revista Brasileira Cineantropometria e Desempenho Humano*. Florianópolis, vol. 13, n. 5, p. 392-403, 2011. doi:10.5007/1980-0037.2011v13n5p392.

TANI, G.; CORREA U. C. **Aprendizagem Motora e o ensino do esporte**. São Paulo: Digital. Edgard Blucher Ltda. 2016, p. 384.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1969.

ZARAGOZA Mayor Frederico. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

ANEXOS

Anexo 1

Bum Bum Paticumbum Prugurundum

Escola de Samba Império Serrano (1982)

Composição: Aluísio Machado / Beto Sem Braço

Enfeitei meu coração
De confete e serpentina
Minha mente se fez menina
Num mundo de recordação
Abracei a Coroa Imperial
Fiz meu carnaval
Extravasando toda minha emoção
Oh! Praça Onze tu es imortal
Teus braços embalaram o samba
A sua apoteose é triunfal
De uma barrica se fez uma cuíca
De outra barrica um surdo de marcação

Com reco-reco, pandeiro e tamborim
E lindas baianas o samba ficou assim

E passo a passo no compasso o samba cresceu
Na Candelária construiu seu apogeu
As burrinhas que imagem, para os olhos um prazer
Pedem passagem pros Moleques de Debret
""As Africanas"", que quadro original
Iemanjá, Iemanjá enriquecendo o visual

Vem meu amor manda a tristeza embora
É carnaval, é folia neste dia ninguém chora

Super Escolas de Samba S.A.
Super alegorias
Escondendo gente bamba
Que covardia
Bumbum Paticumbum Prugurundum
O nosso samba minha gente é isso aí
Bumbum Paticumbum Prugurundum
Contagiando a Marquês de Sapucaí

Anexo 2

Balada Nº 7 (Mané Garrincha)

Moacyr Franco / Noite Ilustrada

Composição: Alberto Luiz

Sua ilusão entra em campo no estádio vazio
 Uma torcida de sonhos aplaude talvez
 O velho atleta recorda as jogadas felizes
 Mata a saudade no peito driblando a emoção
 Hoje outros craques repetem as suas jogadas
 Ainda na rede balança seu último gol
 Mas pela vida impedido parou
 E para sempre o jogo acabou
 Suas pernas cansadas correram pro nada
 E o time do tempo ganhou
 Cadê você, cadê você, você passou
 O que era doce, o que não era se acabou
 Cadê você, cadê você, você passou
 No vídeo tape do sonho, a história gravou
 Ergue os seus braços e corre outra vez no gramado
 Vai tabelando o seu sonho e lembrando o passado
 No campeonato da recordação faz distintivo do seu coração
 Que as jornadas da vida, são bolas de sonho
 Que o craque do tempo chutou

Cadê você, cadê você, você passou
 O que era doce, o que não era se acabou
 Cadê você, cadê você, você passou
 No vídeo tape do sonho, a história gravou

Cadê você, cadê você, você passou
 O que era doce, o que não era se acabou
 Cadê você, cadê você, você passou
 No vídeo tape do sonho, a história gravou

Cadê você, cadê você, você passou
 O que era doce, o que não era se acabou
 Cadê você, cadê você, você passou
 No vídeo tape do sonho, a história gravou

Anexo 3**Aonde Quer Que Eu Vá**

Os Paralamas do Sucesso

Composição: Herbert Vianna / Paulo S. Valle

Olhos fechados
Pra te encontrar
Não estou ao seu lado
Mas posso sonhar
Aonde quer que eu vá
Levo você no olhar
Aonde quer que eu vá
Aonde quer que eu vá

Não sei bem certo
Se é só ilusão
Se é você já perto
Se é intuição
E aonde quer que eu vá
Levo você no olhar
Aonde quer que eu vá
Aonde quer que eu vá

Longe daqui
Longe de tudo
Meus sonhos vão te buscar
Volta pra mim
Vem pro meu mundo
Eu sempre vou te esperar
Larará! Lararára!

Não sei bem certo
Se é só ilusão
Se é você já perto
Se é intuição
E aonde quer que eu vá
Levo você no olhar
Aonde quer que eu vá
Aonde quer que eu vá

Lá! Larará! Larará!
Lá! Larará! Larará!
Aonde quer que eu vá
Lá! Larará! Larará!
Lá! Larará! Larará!
Lá! Larará! Larará!
Aonde quer que eu vá

Anexo 4

Deus me proteja

Chico César

Composição: Chico César (Francisco César Gonçalves)

Deus me proteja de mim
E da maldade de gente boa
Da bondade da pessoa ruim
Deus me governe e guarde
Ilumine e zeze assim

Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber

Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído espalhar bem-querer

Deus me proteja de mim
E da maldade de gente boa
Da bondade da pessoa ruim
Deus me governe e guarde
Ilumine e zeze assim

Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber

Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído espalhar bem-querer

Deus me proteja de mim
E da maldade de gente boa
Da bondade da pessoa ruim
Deus me governe e guarde
Ilumine e zeze assim

Anexo 5

Cantares

António Machado (1875 -1939) Poeta espanhol

*Tudo passa e tudo fica
porém o nosso é passar,
passar fazendo caminhos
caminhos sobre o mar*

*Nunca persegui a glória
nem deixar na memória
dos homens minha canção
eu amo os mundos sutis
leves e gentis,
como bolhas de sabão*

*Gosto de vê-los pintar-se
de sol e grená, voar
sob o céu azul, tremer
subitamente e quebrar-se...*

Nunca persegui a glória

*Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar*

*Ao andar se faz caminho
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se há de voltar a pisar*

*Caminhante não há caminho
senão marcas no mar...*

*Faz algum tempo neste lugar
onde hoje os bosques se vestem de espinhos
se ouviu a voz de um poeta gritar
“Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar...*

Golpe a golpe, verso a verso...

*Morreu o poeta longe do lar
cobre-lhe o pó de um país vizinho.
Ao afastar-se lhe viram chorar
“Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar...”*

Golpe a golpe, verso a verso...

Quando o pintassilgo não pode cantar.

Quando o poeta é um peregrino.

Quando de nada nos serve rezar.

*“Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar...”*

Golpe a golpe, verso a verso.

Anexo 6

Infinita Highway

Engenheiros do Hawaii

Composição: Humberto Gessinger

Você me faz correr demais
Os riscos desta highway
Você me faz correr atrás
Do horizonte desta highway
Ninguém por perto, silêncio no deserto
Deserta highway
Estamos sós e nenhum de nós
Sabe exatamente onde vai parar

Mas não precisamos saber pra onde vamos
Nós só precisamos ir
Não queremos ter o que não temos
Nós só queremos viver
Sem motivos, nem objetivos
Estamos vivos e isto é tudo
É sobretudo a lei
Dessa infinita highway

Quando eu vivia e morria na cidade
Eu não tinha nada, nada a temer
Mas eu tinha medo, medo dessa estrada
Olhe só! Veja você

Quando eu vivia e morria na cidade
Eu tinha de tudo, tudo ao meu redor
Mas tudo que eu sentia era que algo me faltava
E à noite, eu acordava banhado em suor

Não queremos lembrar o que esquecemos
Nós só queremos viver
Não queremos aprender o que sabemos
Não queremos nem saber

Sem motivos, nem objetivos
Estamos vivos e é só
Só obedecemos a lei
Da infinita highway
(Highway)
Oh highway

Escute garota, o vento canta uma canção
Dessas que a gente nunca canta sem razão
Me diga, garota, será a estrada uma prisão?
Eu acho que sim, você finge que não
Mas nem por isso ficaremos parados
Com a cabeça nas nuvens e os pés no chão

Tudo bem, garota, não adianta mesmo ser livre
Se tanta gente vive sem ter como viver

Estamos sós e nenhum de nós
Sabe onde quer chegar
Estamos vivos sem motivos
Que motivos temos pra estar?
Atrás de palavras escondidas
Nas entrelinhas do horizonte dessa highway
Silenciosa highway
(Highway)

Eu vejo um horizonte trêmulo
Eu tenho os olhos úmidos
Eu posso estar completamente enganado
Eu posso estar correndo pro lado errado
Mas a dúvida é o preço da pureza
E é inútil ter certeza
Eu vejo as placas dizendo
Não corra, não morra, não fume
Eu vejo as placas cortando o horizonte
Elas parecem facas de dois gumes

Minha vida é tão confusa quanto a América Central
Por isso não me acuse de ser irracional
Escute garota, façamos um trato
Você desliga o telefone se eu ficar muito abstrato
Eu posso ser um Beatle, um beatnik
Ou um bitolado
Mas eu não sou ator
Eu não tô à toa do teu lado
Por isso, garota, façamos um pacto
De não usar a highway pra causar impacto

Cento e dez
Cento e vinte
Cento e sessenta
Só pra ver até quando
O motor aguenta
Na boca, em vez de um beijo
Um chiclet de menta
E a sombra do sorriso que eu deixei
Numa das curvas da highway
Highway
Infinita highway
Highway
Infinita highway
Oh oh highway
Highway
Oh oh highway

Anexo 7

Aquarela Brasileira

Composição: Silas de Oliveira

Vejam essa maravilha de cenário
É um episódio relicário
Que o artista, num sonho genial
Escolheu para este carnaval
E o asfalto como passarela
Será a tela
Do Brasil em forma de aquarela

Passeando pelas cercanias do Amazonas
Conheci vastos seringais
No Pará, a ilha de Marajó
E a velha cabana do Timbó
Caminhando ainda um pouco mais
Deparei com lindos coqueirais
Estava no Ceará, terra de Irapuã
De Iracema e Tupã

Fiquei radiante de alegria
Quando cheguei na Bahia
Bahia de Castro Alves, do acarajé
Das noites de magia, do Candomblé
Depois de atravessar as matas do Ipu
Assisti em Pernambuco
A festa do frevo e do maracatu

Brasília tem o seu destaque
Na arte, na beleza, arquitetura
Feitiço de garoa pela serra
São Paulo engrandece a nossa terra
Do Leste, por todo o Centro-Oeste
Tudo é belo e tem lindo matiz
E o Rio dos sambas e batucadas
Dos malandros e mulatas
De requebros febris

Brasil, estas nossas verdes matas
Cachoeiras e cascatas de colorido sutil
E este lindo céu azul de anil
Emolduram, aquarelam meu Brasil

Lá, larárá
Lá, larárá
'Simbora
Lá, larárá
Lá, larárá

Anexo 8

Andanças

Beth Carvalho

Composição: Danilo Caymmi, Paulinho Tapajós e Edmundo Souto

Vim, tanta areia andei
Da lua cheia eu sei
Uma saudade imensa

Vagando em verso eu vim
Vestido de cetim
Na mão direita, rosas
Vou levar

Olha a lua mansa se derramar (me leva amor)
Ao luar descansa meu caminhar (amor)
Meu olhar em festa se fez feliz (me leva amor)
Lembrando a seresta que um dia eu fiz
(Por onde for quero ser seu par)

Já me fiz a guerra por não saber (me leva amor)
Que esta terra encerra meu bem-querer (amor)
E jamais termina meu caminhar (me leva amor)
Só o amor me ensina onde vou chegar
(Por onde for quero ser seu par)

Rodei de roda, andei
Dança da moda, eu sei
Cansei de ser sozinha

Verso encantado, usei
Meu namorado é rei
Nas lendas do caminho
Onde andei

No passo da estrada só faço andar (me leva amor)
Tenho o meu amado a me acompanhar (amor)
Vim de longe léguas cantando eu vim (me leva amor)
Vou, não faço tréguas sou mesmo assim
(Por onde for quero ser seu par)

Já me fiz a guerra por não saber (me leva amor)
Que esta terra encerra meu bem-querer (amor)
E jamais termina meu caminhar (me leva amor)
Só o amor me ensina onde vou chegar
(Por onde for quero ser par)

Larauê rauê lairerirá (me leva amor)
Larauê rauê lairerirá (amor)
Rerere rere lairerirá (me leva amor)
Irerere lairerirá
(Por onde for quero ser par)

Anexo 9

Linha do Equador

Djavan

Composição: Caetano Veloso / Djavan

Luz das estrelas, laço do infinito
Gosto tanto dela assim
Rosa amarela, voz de todo o grito
Gosto tanto dela assim
Esse imenso, desmedido amor
Vai além de seja o que for
Vai além de onde eu vou, do que sou, minha dor
Minha linha do Equador
Esse imenso, desmedido amor
Vai além de seja o que for
Passa mais além do
Céu de Brasília, traço do arquiteto
Gosto tanto dela assim
Gosto de filha, música de preto
Gosto tanto dela assim
Essa desmesura de paixão
É loucura do coração
Minha Foz do Iguaçu, Polo Sul, meu azul
Luz do sentimento nu
Esse imenso, desmedido amor
Vai além de seja o que for
Vai além de onde eu vou, do que sou, minha dor
Minha linha do Equador
Mas é doce morrer nesse mar
De lembrar e nunca esquecer
Se eu tivesse mais alma pra dar
Eu daria, isso para mim é viver
Céu de Brasília, traço do arquiteto
Gosto tanto dela assim
Gosto de filha, música de preto
Gosto tanto dela assim
Essa desmesura de paixão
É loucura do coração
Minha Foz do Iguaçu, Polo Sul, meu azul
Luz do sentimento nu
Esse imenso desmedido amor
Vai além de seja o que for
Vai além de onde eu vou, do que sou, minha dor
Minha linha do Equador
Mas é doce morrer neste mar
De lembrar e nunca esquecer
Se eu tivesse mais alma pra dar
Eu daria, isso pra mim é viver

Anexo 10

De Sampa a São Luís

Jorge Aragão

Composição: Jorge Aragão, Paulo César Feital e Flávio Cardoso (1996)

... depois não vai dizer
que a gente se perdeu
nem me perguntar
como isto aconteceu
a gente dava nó
ninguém foi mais feliz
não tinha amor maior
de Sampa a São Luiz
- não teve amor maior
ninguém foi tão melhor
como é que eu vou esquecer você
meu desejo vai nesse avião minha alma fica
deito em suas mãos o coração e uma cantiga
cuida bem do amor do meu perdão e das meninas
deixa o céu no chão e deus por perto
quando se tem paz tá tudo certo
minha estrela que ninguém alcança
me abraça criança
o amor é só pra quem merece
e por isso pede que eu regresse
a saudade é o mesmo que uma prece
de amor

Anexo 11

Fã Número 1

Guilherme Arantes

Composição: Guilherme Arantes

Você nem desconfia e o que eu não daria
 Por seu amor
 Onde você anda, nem sei como chamo a sua atenção

Que eu existo, aposto que pode dar certo
 Esse romance aberto dentro de mim
 Você nem imagina que eu te inundaria
 Toda de som
 Luz da ribalta
 Te quero no palco

Entra em cena
 Faz seu número
 Faz meu gênero ser seu fã número um
 Ali no gargarejo, jogando beijo

Entra em cena
 Faz seu número
 Faz meu gênero ser seu fã número um
 Ali no gargarejo, jogando beijo

Você nem desconfia e o que eu não daria
 Por seu amor
 Onde você anda, nem sei como chamo a sua atenção

Que eu existo, aposto que pode dar certo
 Esse romance aberto dentro de mim
 Você nem imagina que eu te inundaria
 Toda de som
 Luz da ribalta
 Te quero no palco, palco

Entra em cena
 Faz seu número
 Faz meu gênero ser seu fã número um
 Ali no gargarejo, jogando beijo

Entra em cena
 Faz seu número
 Faz meu gênero ser seu fã número um
 Ali no gargarejo, jogando beijo

Entra em cena
 Faz seu número
 Faz meu gênero ser seu fã...

Anexo 12

O Show Tem Que Continuar

Grupo Fundo de Quintal

Composição: Arlindo Cruz, Sombrinha e Luíz Carlos da Vila

Teu choro já não toca meu bandolim
Diz que minha voz sufoca teu violão
Afrouxaram-se as cordas e assim desafina
Que pobre das rimas da nossa canção
Hoje somos folha morta
Metais em surdina
Fechada a cortina Vazio o salão

Se os duetos não se encontram mais
E os solos perderam a emoção
Se acabou o gás
Pra cantar o mais simples refrão

Se a gente nota
Que uma só nota
Já nos esgota
O show perde a razão

Mas iremos achar o tom
Um acorde com lindo som
E fazer com que fique bom
Outra vez o nosso cantar
E a gente vai ser feliz
Olha nós outra vez no ar
O show tem que continuar

Se os duetos não se encontram mais
E os solos perderam a emoção
Se acabou o gás
Pra cantar o mais simples refrão

Se a gente nota
Que uma só nota

Já nos esgota
O show perde a razão

Mas iremos achar o tom
Um acorde com lindo som
E fazer com que fique bom
Outra vez o nosso cantar
E a gente vai ser feliz
Olha nós outra vez no ar
O show tem que continuar

Se os duetos não se encontram mais
E os solos perderam a emoção

Se acabou o gás
Pra cantar o mais simples refrão

Se a gente nota
Que uma só nota

Já nos esgota
O show perde a razão

Nós iremos até Paris
Arrasar no Olímpia
O show tem que continuar

Olha o povo pedindo bis
Os ingressos vão se esgotar
O show tem que continuar

Nós iremos até Paris
Arrasar no Olímpia
O show tem que continuar

Olha o povo pedindo bis
Os ingressos vão se esgotar
O show tem que continuar

Todo mundo que hoje diz
Acabou vai se admirar
Nosso amor vai continuar

Lalaia lalaia laia
Lalaia lalaia laia...

Nosso amor vai continuar